

V SEMINÁRIO FALA ^{outra} ESCOLA

Carregando Sonhos ...

O GEPEC - Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada - organiza os Seminários FALA outra ESCOLA com objetivo de criar espaço para as diversas vozes da escola e suas produções. As histórias de vida e de docência de quatro professoras do estado de Sergipe, retratadas no filme "Carregadoras de Sonhos", inspiram o nosso V FALA em 2010. Convidamos todos à partilha de experiências que alimentam sonhos em salas de aula

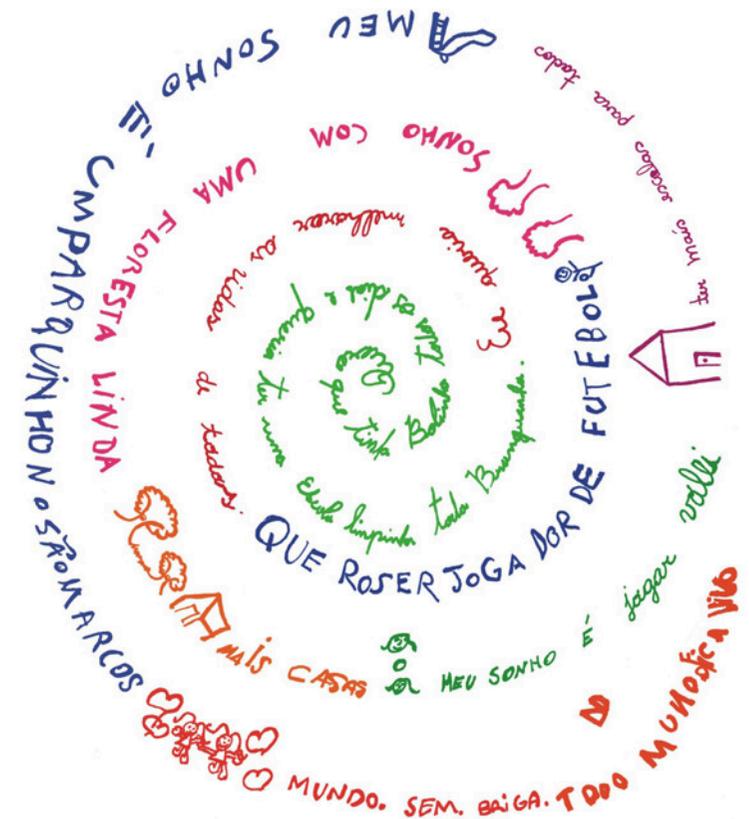


Imagem produzida com textos e desenhos de crianças de 8 a 9 anos da EMEF "Pe. José Narciso Vieira Ehrenberg" - Jd. São Marcos - Campinas/SP



CADERNO DE RESUMOS

20 a 23 de outubro de 2010



**GEPEC – Faculdade de Educação
Unicamp**

V Seminário Fala outra Escola

20 a 23 de outubro de 2010

GEPEC – Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada

**V Seminário Fala outra Escola
20 a 23 de outubro de 2010**

**Resumos
Sessões de Diálogos**

Organizadores do Caderno

Profa. Heloísa Helena Dias Martins Proença

Profa. Ms. Liana Arrais Seródio

Profa. Maria Fernanda Pereira Buciano

Profa. Ms Maria Natalina Farias

Prof. Dr. Guilherme do Val Toledo Prado

**Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação**



Criação, layout e gravura

Imagem produzida com textos e desenhos de crianças de 8 a 9 anos da EMEF "Pe. José Narciso Vieira Ehrenberg" Jd. São Marcos - Campinas/SP, por *Patrícia Yumi*

Diagramação

Heloisa Martins Proença

© by Autores, 2010

Elaboração da ficha catalográfica

Gildenir Carolino Santos – CRB-8/5447

GEPEC/FE/UNICAMP

Av. Bertrand Russell, 801 – Cidade Universitária
13084-865 Campinas – SP
Tel: (0xx19) 3521-5618
E-mail: vfalaoutraescola2010@gmail.com
<http://www.fe.unicamp.br/falaoutraescola/>

Realização:

GEPEC – Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Continuada

Apoio

Faculdade de Educação/UNICAMP; Associação de Leitura do Brasil; Prefeitura Municipal de Campinas; UNISAL, FAACG, EnsinaRC, Instituto Avisa Lá; Veris

Tiragem

Publicação digital

Catalogação na Publicação (CIP) elaborada por
Gildenir Carolino Santos – CRB-8ª/5447

Se52a	Seminário Fala (Outra) Escola; (S. : 2010 : Campinas, SP). Anais do... V Seminário Fala (Outra) Escola; 20 a 23 de outubro de 2010 / realização : Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Continuada. - Campinas, SP: FE/UNICAMP, 2010. Tema: Carregando sonhos Publicação bi-anual do GEPEC ISSN: 2178-9266 Outubro – 2010 1. Professores – Formação. 2. Cotidiano escolar. 3. Trabalho pedagógicos. 4. Saberes escolares. I. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada. II. Título. 10-0265-BFE
-------	--

20ª CDD - 370.71

Sumário dos Resumos

TÍTULO 1: Sistemas de ensino e escolas em diálogo.....	13
TÍTULO 2: Formação Continuada de Professores em HTPC e as NEE	13
TÍTULO 3: Processo de criação de quadrilha a partir da vivência de danças circulares na escola	14
TÍTULO 4: Palavra, Corpo e Presença: a arte do professor contador de histórias	14
TÍTULO 5: Quem educa o educador: recordar; analisar e elaborar o processo educativo.	15
TÍTULO 6: Diversidade sexual e a sua inclusão no currículo escolar do Ensino Médio	15
TÍTULO 7: Formação atrelada ao cotidiano nas salas de aula e demais espaços de aprendizagem	16
TÍTULO 8: Da leitura às leituras: uma proposta didática	16
TÍTULO 9: PARA UMA CRÍTICA DOS DISCURSOS DA IDENTIDADE REFLEXIVA	17
TÍTULO 10: A dança na Educação Física Escolar: Espaço para se sonhar e realizar.....	18
TÍTULO 11: LETRAMENTO INTERATIVO.....	18
TÍTULO 12: INDÍCIOS DE FORMAÇÃO NO HTPC: REFLEXÕES DE PROFESSORES SOBRE INDISCIPLINA.....	19
TÍTULO 13: Memórias (Auto)Biográficas.....	19
TÍTULO 14: Projeto Meio Ambiente	20

TÍTULO 15: "The Little Prince"; "O Pequeno Príncipe"	20
TÍTULO 16: Ensinado com Arte.....	21
TÍTULO 17: A EMEF PE. LEÃO VALLERIE COMO PROPULSORA DO RESGATE DA MEMÓRIA ORAL DO BAIRRO PARQUE VALENÇA.....	21
TÍTULO 18: Mordidas na educação infantil: como lidar com isso?	22
TÍTULO 19: AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO MÉDIO: A VISÃO	22
TÍTULO 20: O que falam as professoras alfabetizadoras sobre o seu percurso de formação?	23
TÍTULO 21: A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE FAMÍLIA, NA ESCOLA, EM CRIANÇAS INSTITUCIONALIZADAS.....	24
TÍTULO 22: A Articulação entre a Educação Infantil e o Ensino Fundamental I.....	24
TÍTULO 23: Um estudo sobre autoria docente: ações e reflexões do coletivo pesquisador	25
TÍTULO 24: Território da Educação Integral	25
TÍTULO 25: REFLETINDO SOBRE O SABER DA EXPERIÊNCIA: Narrativas Autobiográficas da Prática Docente	26
TÍTULO 26: De painel a cordel: relatos de experiências no Parque Oziel.....	27
TÍTULO 27: O DESAFIO DE DESENVOLVER O TRABALHO PEDAGÓGICO COM OS BEBÊS.....	27
TÍTULO 28: Peculiaridades de Professoras Contando Histórias para seus Alunos da Educação Infantil	28
TÍTULO 29: CIDADÃOS INSTITUCIONALIZADOS E A ESCOLA.....	29
TÍTULO 30: Escola Pública e o desafio da inserção da cultura popular no Currículo	29
TÍTULO 31: Ainda podemos sonhar... O poder da (medi)ação.	30

TÍTULO 32 : O enfermeiro-professor e os saberes docentes	30
TÍTULO 33: Um elo entre o último ano da Ed. Infantil e o primeiro ano do Ensino Fundamental.....	31
TÍTULO 34: Efeitos do Treino em Consciência Fonológica na Recuperação de alunos.....	31
TÍTULO 35: Entendendo a estrutura social: combatendo a intolerância	32
TÍTULO 36: Projetoteca: Uma partilha de experiência interdisciplinar.....	33
TÍTULO 37: CONFLITOS E POSSIBILIDADES DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	33
TÍTULO 38: DIFICULDADES ENCONTRADAS POR PROFESSORES DE MATEMÁTICA NO ENSINO DE GEOMETRIA	34
TÍTULO 39: DESAFIOS E POSSIBILIDADES DE INCLUSÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA VISUAL NO ENSINO SUPERIOR.....	35
TÍTULO 40: Reagrupamento: uma estratégia de trabalho a favor da aprendizagem das crianças	35
TÍTULO 41: A EXPRESSÃO DOS SENTIMENTOS NA ESCOLA E A UTILIZAÇÃO DE JOGOS.....	36
TÍTULO 42: Intencionalidade político-pedagógica do trabalho do educador da Educação Infantil	36
TÍTULO 43: NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS: REFLEXÕES A PARTIR DO COTIDIANO ESCOLAR E DA PRÁTIC.....	37
TÍTULO 44: FORMAÇÃO CONTINUADA DO PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO DA PRIMEIRA INFÂNCIA.....	38
TÍTULO 45: O TRABALHO COM PROJETOS: ASPECTOS RELACIONAIS COMO PONTO DE PARTIDA.....	38
TÍTULO 46: Música popular brasileira, arte e cultura na educação de zero a três anos	39
TÍTULO 47: Educação Alimentar na Educação Infantil de zero a três anos	39
TÍTULO 48: Características da relação aluno-aluno na aprendizagem extraclasse de Ciências.....	40

TÍTULO 51: A AFETIVIDADE E A GESTÃO EDUCACIONAL: COMPROMISSOS E DESAFIOS DE UM LUGAR NA ESCOLA	41
TÍTULO 53: Apreciação Musical na Educação Infantil	41
TÍTULO 54: A música como fio condutor de práticas educativas.....	42
TÍTULO 55: A MÚSICA E SEUS ENCANTOS	42
TÍTULO 56: Rock na Educação Infantil?! E aí, sou a Rita Lee.	43
TÍTULO 57: Diversidade Cultural	43
TÍTULO 58: Vivenciando a Poesia no Ensino Fundamental	44
TÍTULO 60: Núcleo de Pais: uma experiência de aproximação entre famílias e escola	44
TÍTULO 61: GEFEL, MAIS DE UMA DÉCADA: O QUE AINDA NOS MANTÉM UNIDAS?	45
TÍTULO 62: Diversidade: Porque levantar esta discussão dentro das salas de aula?	46
TÍTULO 63: Currículo no Ensino Médio: em busca de uma ecologia dos saberes.....	46
TÍTULO 65 : O enfrentamento da medicalização pelo trabalho pedagógico	47
TÍTULO 66: Formação em Processo na Educação Infantil	47
TÍTULO 67 : Produção de texto a partir do olhar fotográfico do aluno.....	48
TÍTULO 68: E a infância continua.....	49
TÍTULO 69 : O estabelecimento da unidade entre teoria e prática na prática docente.....	49
TÍTULO 70: Jogos e Leitura	50

TÍTULO 71: A pertinência da função de “cuidador” dentro da proposta inclusiva	50
TÍTULO 72: Construindo uma nova relação ensino aprendizagem para o Ensino de Ciências	50
TÍTULO 73: Controle Esfincteriano: Princípios do Trabalho em um CEMEI de Campinas.....	51
TÍTULO 74 : Arte e brincadeira na educação infantil: a criança sabe o que quer!	52
TÍTULO 75: Escola como ‘achadouro’ de infâncias: um trabalho de alfabetização no Ensino Fundamental.....	52
TÍTULO 76: Projeto Memória da Comunidade	53
TÍTULO 77 : PEQUENOS ESPAÇOS, AÇÕES DIFERENTES TRANSFORMADOS EM SALAS AMBIENTES.....	53
TÍTULO 78: Relato de uma experiência em aulas de leitura, reforço e substituição	54
TÍTULO 79: (Re)lendo, (re)vivendo e (re)significando experiências enquanto estagiárias.....	54
TÍTULO 80 : CONCEITO DE SUPERVISÃO: EVOLUÇÃO HISTÓRICA E DIVERSAS CONCEPÇÕES DOS/AS SUPER.....	55
TÍTULO 81: CRIANÇAS DA EDUC. INFANTIL EM RITIMO AMBIENTAL.....	56
TÍTULO 82: Somos todos diferentes	56
TÍTULO 83: O trabalho com a Consciência Fonológica para crianças de 3 - 6 anos.....	57
TÍTULO 84: FOCAR, CLICAR, PROBLEMATIZAR	57
TÍTULO 85: Era uma vez os três porquinhos...outra vez.	58
TÍTULO 86: MEMÓRIAS ESCOLARES: UM CONSTANTE DIÁLOGO COM O COTIDIANO.....	59
TÍTULO 87: O jogo da/na construção de um trabalho interdisciplinar	59

TÍTULO 88: Experiências urbanas em meio às canções de Noel e Adoniran: tateios curriculares.....	60
TÍTULO 89: Agora, o que eu faço com vocês? O filme (parte 2). Reflexos e refrações de uma prática pedagógica	60
TÍTULO 90: "Nossas experiências, nossas vidas"	61
TÍTULO 91: A Arte Visual Como Potência de Linguagens: O Exercício Do Olhar e A Criação	61
TÍTULO 92: Projeto Acontece: Jornal Mural sobre o desperdício de papel na escola.....	62
TÍTULO 93: MÚLTIPLOS PROJETOS: PRODUÇÃO DE VIDA VARIADA NO OFÍCIO DE PROFESSOR	62
TÍTULO 94: Avaliação e Ensino Médio: o caso de uma escola pública de Itupeva.....	63
TÍTULO 95: Projeto Boneco	64
TÍTULO 96: Transgressão nos modos de ser e ver a criança.....	64
TÍTULO 97: Escola Espaço de construção coletiva	65
TÍTULO 98: Brincando e Aprendendo (também) na Casinha da Lili	65
TÍTULO 99: Uma aventura na Terra do Nunca.....	66
TÍTULO 100: PSICOMOTRICIDADE NA ESCOLA	66
TÍTULO 101: CABEÇAS NAS NUVENS: O ENSINO DE CIÊNCIAS COMO HISTÓRIA DO MUNDO	67
TÍTULO 102: De volta ao futuro, o texto	67
TÍTULO 103: Escola da Cultura: O papel da Equipe Gestora na Fomentação e Difusão Cultural	68
TÍTULO 104: A NÃO OBSERVAÇÃO DA HETERONORMATIVIDADE NO BERÇÁRIO DO CEMEI AMÉLIO ROSSIN	69



TÍTULO 105: Mensagens a Rosinha: a menina bonita do laço de fita	69
TÍTULO 106: O projeto Conexão do Saber e a Educação de Jovens e Adultos.....	70
TÍTULO 107: Entre fenômenos e naturezas: diálogos em Educação Infantil	70
TÍTULO 108: POR ENTRE RISOS, LÁGRIMAS E SILÊNCIOS: UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA.....	71
TÍTULO 109: DUELO POÉTICO	71
TÍTULO 110: O CIRCO E O SEU(S) SENTIDO(S).....	72
TÍTULO 111: Certo e/ou errado? Práticas astuciosas num entre-lugar de aprendizagem	73
TÍTULO 112: COMO REGISTRAR E AVALIAR O TRABALHO PEDAGÓGICO, DAS CRIANÇAS PEQUENAS, SEM O US	73
TÍTULO 113: A pesquisa-ação e a reflexão coletiva na (trans)formação profissional para tran	74
TÍTULO 114: Um diálogo sobre a contribuição da literatura infantil no processo de alfabetização	74
TÍTULO 115: O Rap e outros sons: uma leitura geográfica	75
TÍTULO 116: A arte como linguagem expressiva na educação infantil	75
TÍTULO 117: (Re)Inventando o cotidiano escolar: As Práticas Emancipatórias no CEJK	76
TÍTULO 118: Multiplicando vozes: a participação das crianças no processo avaliativo coletivo	77
TÍTULO 119: CRÔNICAS DE HUMOR NAS RODAS DE LEITURA.....	77
TÍTULO 120: Uma escola sem paredes.....	78
TÍTULO 121: Experiências de alfabetização e letramento dentro do cotidiano escolar	78

TÍTULO 122: A FORMAÇÃO DO AMBIENTE LITERÁRIO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	79
TÍTULO 123: Música na escola: diretrizes metodológicas para professores não-especialistas	79
TÍTULO 124: Áfricas	80
TÍTULO 125: Os Saltimbancos geometricamente falando – Montagem teatral interdisciplinar	81
TÍTULO 126: O INÍCIO DA CARREIRA DOCENTE: DIFICULDADES, DESAFIOS E APRENDIZADOS	81
TÍTULO 127: Escolas de boa esperança	82
TÍTULO 128: Escrevendo e Formando: Através da prática dos writtings	82
TÍTULO 129: Escola Noturna: memórias do aluno-trabalhador em pauta	83
TÍTULO 130: Fotografias pós-produzidas: pedagogias libertárias na sala de aula	84
TÍTULO 131: FALE–Três Rios:um processo de interiorização da pesquisa entre sujeitos pratica	84
TÍTULO 132: O Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo como possibilidade de formação docente.....	85
TÍTULO 133: O conteúdo jogos e brincadeiras na EJA: um relato de experiência	85
TÍTULO 134: A Avaliação e a prática de ensino em Educação Física: alguns apontamentos.....	86
TÍTULO 135: O maravilhoso mundo das histórias.....	86
TÍTULO 136: Vivências no PIBID: território de formação docente.....	87
TÍTULO 137: Atividades Cooperativas em Sala de Aula	87
TÍTULO 138: Gincana do Renascimento: jogo, arte e ciência na escola	88

TÍTULO 139: Transgressão nos modos de ser e ver a criança	89
TÍTULO 140: Modos de participação na (re)construção do trabalho docente.....	89
TÍTULO 141: O processo de aprendizagem de Língua Estrangeira e a formação da subjetividade.....	90
TÍTULO 143: Cuida do jardim pra mim.....	90
TÍTULO 145: Inclusão Digital com Software Livre: uma experiência no Ensino Fundamental.....	91
TÍTULO 146: Uma Experiência em Construção de Livros no Ensino Fundamental.....	91
TÍTULO 147: Formiga tem Coração	92
TÍTULO 148: Ferramenta tecnológica Diário de Bordo e a constituição da Memória do Professor	93
TÍTULO 149: (re)inventando lugares e sentidos: trabalho com produção audio visual na escola	93
TÍTULO 150: Cooperando, produzindo curtas no Ensino Fundamental, integrando-se a Ead	94
TÍTULO 151: Ferramenta tecnológica Diário de Bordo e a constituição da Memória do Professor	94
TÍTULO 152: Tessituras da Gestão Escolar na EJA.....	95
TÍTULO 153: Troca e comunhão de conhecimentos	95
TÍTULO 154: Imagens da escola: trabalhando com a memória escolar em turmas de alfabetização	96
TÍTULO 155: PARA COMEÇAR NOSSA CONVERSA: O QUANTITATIVO-QUALITATIVO NO PROCESSO DE AVALIAÇÃO.....	96
TÍTULO 157: “A GENTE VAI FAZER FILOSOFIA HOJE ?” REFLEXÕES SOBRE FILOSOFAR COM CRIANÇAS.....	97
TÍTULO 158: Gêneros textuais: um exercício de cidadania na sala de aula	98

TÍTULO 159: Semeando a leitura	98
TÍTULO 160: O ESTAGIÁRIO NA ESCOLA: LIMITES E POSSIBILIDADES	99
TÍTULO 161: SUPERVISORES E AS PRÁTICAS DE FORMAÇÃO EM SERVIÇO – agendas de desenvolvimento.....	99
TÍTULO 162: PROCESSOS DE (AUTO) FORMAÇÃO DOCENTE NO COTIDIANO DA ESCOLA	100
TÍTULO 163: ECOS DE UMA (OUTRA) ESCOLA: A RESISTÊNCIA QUE SE CONSTRÓI NO COTIDIANO	100
TÍTULO 164: Um encontro de histórias e sentidos: o projeto “A Hora do Conto” como forma de promover o protagonismo das crianças na escola	101
TÍTULO 165: A MÍDIA E EDUCAÇÃO: A POSSÍVEL DIALOGIA DAS LINGUAGENS NO AMBIENTE ESCOLAR	102
TÍTULO 166: Resignificação da aprendizagem: análise de portfólios de licenciandos em enfermagem inseridos na Educação Básica	102
TÍTULO 167: DA LEITURA DE MUNDO A LEITURA DA PALAVRA: O DESENHO INFANTIL E O ENSINO DE GEOGRAFIA NA FUNÇÃO ALFABETIZADORA	103
TÍTULO 168: A POLÍTICAS DE AÇÕES AFIRMATIVAS E SOFRIMENTO ÉTICO-POLÍTICO.....	103
TÍTULO 169: Psicomotricidade na Educação Infantil	104
TÍTULO 170: Relato de uma Educadora Musical.....	105
TÍTULO 171: Implicações da Proposta Curricular Oficial e o Cotidiano Escolar	105
TÍTULO 172: A Aula de Teatro ou Teatro de Aula: um olhar alternativo da linguagem teatral na construção das redes de saberes	106
TÍTULO 173: Professora e crianças aprendendo e crescendo juntas	107
TÍTULO 175: LITERATURA E PRODUÇÃO TEXTUAL: OS GÊNEROS CORDEL E POESIA EM SALA DE AULA	107
TÍTULO 176: Criando, contando e encantando.....	108

TÍTULO 177: HISTÓRIAS QUE INCLUEM PEQUENINOS E SEM PRECONCEITOS	108
TÍTULO 178: SALA DA DIVERSIDADE: UMA EXPERIÊNCIA INTERDISCIPLINAR DE DISCUSSÕES E REFLEXÕES	109
TÍTULO 179: Rua e escola: o Hip Hop como movimento porta voz dos sem vez	109
TÍTULO 180: PROJETO PEDAGÓGICO OBA!!! LEITURA	110
TÍTULO 181: Portfólios: reflexões e aprendizagens... ..	111
TÍTULO 182: CONHECER PARA RESPEITAR AS DIFERENÇAS DE CADA UM	111
TÍTULO 183: Ensinar e Aprender: Os Desafios de uma Pedagogia Transformadora	112
TÍTULO 184: Ação integrada entre Supervisão e Coordenação da escola pública: um caminho para construção da escola democrática	112
TÍTULO 185: Violência e Indisciplina na Escola Estadual Francisco Camargo César	113
TÍTULO 186: Outro modo de ensinar e aprender ciências - ciências por investigação	113
TÍTULO 187: Jogos (Trans)formando Saberes.....	114
TÍTULO 188: Tecnologias Aplicadas à Educação	115
TÍTULO 189: Ser professor: batalhas para construir uma nova imagem.....	115
TÍTULO 190: A Dificuldade de Aprendizado da Criança Down... ..	116
TÍTULO 191: Uma Perspectiva Diferente no Ato de Ensinar e Aprender	116
TÍTULO 192: Da leitura às leituras: construção de sentidos no espaço social e histórico	117



RESUMOS

TÍTULO 1: Sistemas de ensino e escolas em diálogo

AUTOR(A): Gesuína de Fátima Elias Leclerc

CO-AUTOR(ES): Regina Vassimon

INSTITUIÇÃO: Universidade Federal do Ceará/Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO: Este trabalho apresenta uma experiência nacional, com foco sobre o Estado do Rio de Janeiro, por meio do funcionamento do Comitê Metropolitano do Programa Escola Aberta. O Comitê em questão é o espaço de participação sistemática das secretarias de educação, escolas, universidades e dos diferentes atores sociais que implementam ou apóiam as escolas públicas na abertura aos finais de semana para a oferta de atividades de cultura, esporte e lazer à comunidade. Algumas características se destacam nos Comitês e são aprofundadas: a) sua capacidade propositiva, deliberativa e seu caráter dialógico. Essas características auxiliam a reflexão sobre a construção de espaços de diálogo entre os sistemas de ensino, com a participação das escolas, como parte integrante da gestão democrática. Esses espaços são marcados pelas situações de revezamento de fala face a face, pelo limite numérico dos engajados que preserva a situação de fala e escuta, a mediação pedagógica de diferenças como idade, sexo, profissão, formação, etc., das relações mútuas e do laço social (familiar, profissional, de afinidades intelectuais, econômicas, conforme alianças sobre questões pontuais, etc.) e afetivo (simpatia, antipatia, amizade, etc.). A experiência possibilita argumentos em defesa da concretude de uma gestão democrática na proposição da política educacional, com o protagonismo da escola. De modo que a gestão democrática pode ser considerada por meio das configurações dialógicas, marcada pela inconclusão. A democracia só pode ser parcialmente bem sucedida, ela nunca é inteiramente fracassada e está, portanto, engendrada em uma dinâmica de efetiva correção e de aperfeiçoamento.

TÍTULO 2: Formação Continuada de Professores em HTPC e as NEE

AUTOR(A): Juliana Tais Bragion Pazianotto

RESUMO: O presente projeto de dissertação de mestrado investiga a formação continuada de professores que acontece nos horários de trabalho pedagógico coletivo (HTPCs) realizados em um Centro de Atendimento às Necessidades Educacionais Especiais de uma rede pública municipal do interior do estado de São Paulo, no qual a pesquisadora é coordenadora e psicopedagoga. Atuando na orientação aos professores e escolas no que se refere ao atendimento de crianças e jovens com necessidades educacionais especiais, os HTPCs são voltados para discussão de possibilidades de trabalho para a interação e aprendizagem dos mesmos em sala de aula. Esses HTPCs que ocorrem no Centro e que correspondem aos horários de trabalho coletivo desenvolvidos nas escolas, propõem-se a contribuir com a formação dos professores que atendem casos de inclusão na sala de aula, pois buscando no exercício constante de reflexão e no compartilhamento de idéias, sentimentos e ações entre os professores, nas experiências concretas, nos problemas reais, nas situações do dia-a-dia que desequilibram o trabalho e na sala de aula é que vamos constituir a matéria-prima das mudanças (Mantoan, 2000). Os encontros pretendem também favorecer, ainda, a percepção dos professores quanto à relação entre seu desenvolvimento pessoal e a organização da escola (Zeichner, 2002) e valorizar a importância da dimensão coletiva do trabalho como oportunidade de interlocução com vistas à promoção da autonomia profissional (Chaluh, 2009), A pesquisa problematiza, entre outras questões, como o fracasso escolar de alunos com

necessidades especiais tem sido justificado: se com bases teóricas apoiadas nas diferenças individuais ou se nos mecanismos de exclusão no interior da própria escola (Michels, 2006). Discute, ainda, de que modo a formação centrada no HTPC pode contribuir para superação das dificuldades explicitadas pelas professoras no cotidiano escolar.

TÍTULO 3: Processo de criação de quadrilha a partir da vivência de danças circulares na escola

AUTOR(A): Priscila Cristine Ribeiro

INSTITUIÇÃO: Prefeitura Municipal de Campinas

RESUMO: A dança é uma das formas de manifestação humana mais antigas. Um dos tipos de dança é a dança circular, que foi criada por Bernard Wosin, ao estudar as danças folclóricas da Europa. A dança circular é realizada em grupo, geralmente na formação de roda, de mãos dadas. Dentre os conteúdos tradicionalmente trabalhados nas aulas de educação física na escola, a dança encontra seu lugar. O objetivo deste trabalho foi a criação de uma quadrilha para festa junina da escola, após a vivência da dança circular, por parte dos alunos. Esta experiência foi desenvolvida no 1º trimestre de 2010, durante as aulas de educação física, com uma turma de 22 alunos de 2º ano do Ciclo I do Ensino Fundamental em uma escola pública municipal, situada no bairro São Bernardo, região sul de Campinas. Os alunos vivenciaram 10 danças, originárias do Brasil, Japão, Holanda, Alemanha e França. Os passos executados nestas danças foram utilizados para montar a quadrilha, ou seja, os mesmos movimentos foram transportados para uma música típica. Os alunos já tinham assimilado os passos e não houve necessidade de ensaios repetitivos para a festa. Cabe ressaltar que a dança circular foi trabalhada sequencialmente aos jogos cooperativos, por acreditar que estes dois conteúdos promovem a integração, participação de todos e harmonização da turma. Todos os alunos relataram gostar muito de vivenciar estas danças e sempre pediam para repetir. Os alunos ficaram mais concentrados, aparentaram sentir-se bem com seus corpos e à vontade para expressar-se corporalmente. A apresentação dos alunos na festa junina da escola destacou-se das demais quadrilhas tradicionais.

TÍTULO 4: Palavra, Corpo e Presença: a arte do professor contador de histórias

AUTOR(A): Lívia Rodrigues

INSTITUIÇÃO: UNICAMP

RESUMO: O presente trabalho é resultado da pesquisa realizada durante o mestrado, que teve como objetivo averiguar a contribuição da Arte de contar histórias na prática educativa de professoras do Ensino Fundamental da rede estadual do Estado de São Paulo. A pesquisa foi desenvolvida por meio do oferecimento de uma oficina de formação de “narração de histórias” a um grupo de professoras da rede estadual, na qual foi dada a oportunidade de pensarem sobre a prática de contar histórias e quais as suas possibilidades em sala de aula. O grupo-sujeito da pesquisa era formado por professoras (todas mulheres) que lecionam na cidade de Campinas, nas séries iniciais (1º ao 5º ano) do ensino fundamental. A oficina foi composta por oito encontros de três horas cada, por mim dirigida. Na oficina buscou-se: sensibilizar as professoras para a arte de contar histórias, subsidiando-as tanto de experiências práticas vividas pelo contador, como também de estudos teóricos de outros pesquisadores que atuam nesta área, utilizar os recursos cênicos para trabalhar a expressão corporal,

oferecer às participantes oportunidades de reflexão e estudo sobre as obras literárias e os contos populares e como trabalhar com os mesmos em sala de aula, proporcionar momentos de criação e descoberta de si e do outro, usar diversas linguagens (desenho, música, dança entre outras.) como forma de manifestação de idéias e sentimentos. A pesquisa pretende relatar e analisar o percurso desse grupo de professoras, buscando evidenciar as mudanças ocorridas tanto no próprio trabalho da oficina oferecida, quanto nas atividades em sala de aula e na relação professor-aluno.

TÍTULO 5: Quem educa o educador: recordar; analisar e elaborar o processo educativo.

AUTOR(A): Rogério Rodrigues

INSTITUIÇÃO: Universidade Federal de Itajubá (Unifei)

RESUMO: No início de curso na disciplina Psicologia da Educação, proponho, sempre e basicamente, dois elementos centrais para que os alunos possam avaliar as questões educacionais, quais sejam: o empenho de pensar a própria educação e de interpretar o desejo de saber. Em se tratando de pensar a própria educação, é importante que o sujeito analise o modo como foi ou é educado, e assim retrate o processo educativo como algo que determina o próprio modo de pensar a educação. Neste caso, o modo como se é educado apresenta-se como uma premissa teórica e prática que sustenta o modo particular de ser educador. Em relação a interpretar o desejo de saber, isso se relaciona com a possibilidade de reconhecer a possibilidade do acolhimento do saber, isto é, a presença do sujeito educador na unidade escolar está diretamente relacionada com o seu próprio desejo de saber. Portanto, é de fundamental importância que os alunos e o educador na sua ação impliquem os processos da transmissão do saber a ponto de reconhecerem em si mesmos as diversas possibilidades de realizar a educação no sentido amplo da palavra, ou seja, como uma prática que esteja diretamente relacionada com seu próprio modo existência e, principalmente, o desejo de saber. No entanto, as relações educativas instituem dinâmicas que podem impedir esse movimento de “consciência de si mesmo”, pois, parte-se da hipótese do sujeito como invenção que se realiza na síntese das múltiplas determinações e não se sabe como evitar as condições objetivas e subjetivas que o coisificam, mais propriamente, a burocratização das relações humanas no campo educativo. No sentido de elaborar a condição do sujeito no interior do processo educativo, pretendo apresentar, nesta comunicação, a reflexão sobre a questão de “quem educa o educador” como um processo de elaboração da própria experiência educacional.

TÍTULO 6: Diversidade sexual e a sua inclusão no currículo escolar do Ensino Médio

AUTOR(A): Allain Wilham Silva de Oliveira

INSTITUIÇÃO: Universidade Federal de Viçosa - COLUNI

RESUMO: A homossexualidade, bissexualidade, transexualidade e transgêneros como modalidades de orientação sexual são universais, sendo que os chamados LGBT fazem parte de uma parcela significativa da sociedade. Ao fazer referência às escolas essa questão da diversidade sexual sofre com um preconceito muito acentuado. Pouco se discute pouco se fala, pouco se reflete, gerando, não poucas vezes, comportamentos sutilmente ou abertamente agressivos de professores, funcionários e dos próprios colegas com relação aos alunos (as)

LGBT. Pensar na realidade das expressões homofóbicas no espaço escolar esta relação contribui de forma contundente para situações de baixa auto-estima, isolamento, depressões e idealização e tentativas de suicídio, assim como insucesso e abandono escolar de muitos jovens. Assim, o relato consiste na inclusão da temática diversidade sexual na Geografia escolar, em especial nos estudos sobre espaço e população, pra a 2ª série do ensino médio do Colégio da Aplicação da UFV-COLUNI-, na busca da construção de uma escola democrática, onde podemos perceber através da análise da vivencia pratica na experiência que a temática LGBT trás um processo duplo: Quanto mais os “gays” ganham visibilidade, em contrapartida seus opositores também são arrastados para a luz. Estes atos de exclusão são originários de diversos atores da educação (família, alunos professores, funcionários, e administração) podem ser distribuídos nas seguintes categorias: orientações religiosas fundamentalistas, por falta de formação profissional para desenvolver uma discussão sobre sexualidade e cidadania e, por último, mas que permeia os outros dois o preconceito que origina a exclusão social.

TÍTULO 7: Formação atrelada ao cotidiano nas salas de aula e demais espaços de aprendizagem

AUTOR(A): Denise Nalini / Renata Frauendorf

INSTITUIÇÃO: Instituto Avisalá

RESUMO: O objetivo desses dialogo é promover uma discussão sobre os princípios presentes na formação de professores. Entendemos que a prática de formação de professores requer o estabelecimento de princípios norteadores que guiem e funcionem como elementos que quando apropriados pelos formadores dão oportunidades de compreender mais profundamente o que sabem os professores, o que necessitam saber e quais são os conteúdos que podem auxiliar nessa formação. Ao discutir esses princípios metodológicos explicitamos uma concepção de professor e de ensino necessárias ao estabelecimento de ações significativas para a construção de um projeto de formação. A discussão desses princípios pautada e tendo como lócus privilegiado a sala de aula é fundamental para qualquer processo formativo. É nesse espaço que se dá o processo formativo, com um professor sujeito de seu fazer e com conhecimentos construídos, com um aluno que também tem saberes, além de um objeto de conhecimento que sempre é fruto de uma construção social e em constante transformação. Nesse tripé que se estabelecem as relações de aprendizagem que estão em foco na formação. Cabe ao formador, compreender esse espaço como o contexto ideal em que se colocam em jogo os saberes necessários ao avanço da prática pedagógica. Para isso serão tematizados: o papel do diagnóstico como norteador do processo formativo, o projeto de formação como um elemento de integração entre o formador e o professor, e a importância de algumas estratégias formativas que possibilitam focar a sala de aula.

TÍTULO 8: Da leitura às leituras: uma proposta didática

AUTOR(A): Flávia Danielle Sordi Silva

CO-AUTOR(ES): Eliane A. Pasquotte Vieira; Maria Cristina Macedo Alencar

INSTITUIÇÃO: UNICAMP

RESUMO: O diálogo focalizará a apresentação de uma proposta didática resultante da disciplina LP003 – ENSINO DE LEITURA EM LÍNGUA MATERNA – ministrada pela Prof^ª. Dr^ª. Roxane Rojo, que cursamos durante o primeiro semestre de 2010, na pós-graduação. Partindo da concepção de que o ensino de língua portuguesa propõe-se a um processo de leitura/escrita em que os aprendizes sejam leitores críticos e autônomos, bem como se constitui de atividades que ultrapassem uma mera decodificação verbal, elaboramos um material que pudesse levar à reflexão sobre o uso da linguagem e à maneira como a produção de sentidos é situada sócio-historicamente, ou seja, ocorre de acordo com práticas contextualizadas e universos socioculturais específicos. Além disso, percebemos que diante do surgimento das novas tecnologias, como o computador e a Internet, os estudantes passaram a conviver com novas práticas sociais que não podem ser ignoradas pela escola. Nosso objetivo, então, foi construir um protótipo didático capaz de levar aprendizes do Ensino Médio a compreenderem e a praticarem o processo de leitura crítica segundo as várias possibilidades de construção de sentido promovidas pela multimodalidade e pela multissemiose. Para tanto, partimos da música Roda-Viva, de Chico Buarque de Holanda, trabalhando com diferentes contextos e formas de reprodução dessa canção, como a gravação realizada no mesmo ano em que foi composta (1967) e sua nova versão gravada recentemente (2005) em ritmo techno por seu compositor juntamente com a cantora Fernanda Porto. Com este material procuramos demonstrar que é possível trabalhar com leituras de diferentes gêneros textuais, partindo de textos que circulam em práticas sociais, nem sempre vistas de forma privilegiada pela escola, como é o caso da música techno, até a leitura crítica de textos tidos como mais complexos e consagrados pelas instituições escolares, como a resenha.

TÍTULO 9: PARA UMA CRÍTICA DOS DISCURSOS DA IDENTIDADE REFLEXIVA

AUTOR(A): José de Assis Moraes Júnior

INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

RESUMO: A partir da análise dos pressupostos de Marilda Gonçalves Dias Facci, com relação à formação de professores reflexivos, o presente artigo procura estabelecer o entrecruzamento dos conceitos Pierre Bourdianos de estrutura e habitus, presentes em O Senso Prático, alocando-os, de forma crítica, no bojo das questões relativas ao processo de produção da subjetividade docente. Em seguida, o presente artigo pretende questionar as identidades constituídas a partir da imersão na profissão docente, suas correlações, seus entrecruzamentos, seus traumas, suas indefinições. No bojo da questão central – que identidades? – alocada no cerne das investigações a respeito da temática da formação de professores, pretende-se analisar, sob olhar crítico, os argumentos desenvolvidos pelo aporte teórico escolhido. E, ainda mais, procura indagar a respeito da relevância de tal questionamento para o debate do tema da formação de professores, sobretudo da formação de professores reflexivos. Finalmente, apresenta os argumentos de Marilda Gonçalves Dias Facci. Neste momento, analisa o que alguns pontos de crítica em relação aos discursos que circulam e comumente circunscrevem a problemática da formação de professores, sobretudo, como já citado, a partir da abordagem da perspectiva do ensino reflexivo, corrente de pensamento que teve início, na década de 1960, na Inglaterra, e nos EUA, a partir dos anos de 1980, e que ocupa grande parte dos discursos pedagógicos dos sistemas de ensino brasileiros. Na medida em que nasce com a perspectiva de ultrapassar o modelo do “ser professor” vigente, ainda pautado numa concepção tecnocrática de ensino, o conceito de professor reflexivo, institui e legitima uma modulação identitária outra. A questão, no presente artigo, portanto, é: quais os aspectos problemáticos desse novo modelo subjetivo?

TÍTULO 10: A dança na Educação Física Escolar: Espaço para se sonhar e realizar.

AUTOR(A): Marcus Venicius de Brito Coelho

INSTITUIÇÃO: EMEF Vitória Dória Lins – SME/Campinas

RESUMO: A dança na Educação Física Escolar: Espaço para se sonhar e realizar. O trabalho a ser apresentado neste seminário trata-se do Projeto Ballet Popular que teve como sede a Emef Violeta Dória Lins de 1993 a 1998, tendo como eixos norteadores a dança, a capoeira e a ginástica geral, atendendo alunos do ensino fundamental e produzindo diversas coreografias, apresentações e três espetáculos: “Nordeste, por que tu choras?!", “Brasil dos meus amores” e “Escutai o clamor deste povo”. Utilizamos as danças populares e folclóricas como recurso pedagógico no contra turno das aulas, a capoeira entrava como elemento ginástico e de dança. Desta forma tínhamos como o objetivo enriquecer a atuação pedagógica, tornando-a significativa para aqueles alunos, possibilitando sua autonomia através confecção e manutenção de figurinos, produção de maquiagem e penteados, organização de material das apresentações, solução de problemas de execução de coreografias; e encontro com a identidade por se tratar de danças da cultura brasileira, com origens africanas. O trabalho com a dança foi o primeiro e os demais foram acontecendo por demanda dos alunos. A capoeira surgiu em segundo e por último a ginástica geral, com os elementos ginásticos e acrobacias pela necessidade desta aprendizagem e tomou uma dimensão grande no trabalho de tal forma que passou a ter agenda própria. Com o avanço das coreografias e apresentações sentimos necessidade de produzirmos nossos figurinos. As mães passaram a ajudar o professor com a confecção de figurinos, com doações o que viabilizou a melhoria do trabalho juntos a comunidade. Em 1996 a Coordenadoria de Projetos Especiais passou a custear parte dos materiais a serem utilizados no projeto e o pagamento de oficinas de: confecção de adereços, instrumentos de percussão, cabelos e penteados de épocas, elementos ginásticos avançados; o que trouxe melhorias ao trabalho realizado; tornando-o mais mágico, realizando sonhos.

TÍTULO 11: LETRAMENTO INTERATIVO

AUTOR(A): Maria Aparecida Ferreira de Oliveira e Souza

INSTITUIÇÃO: Rede Municipal de Hortolândia

RESUMO: A comunicação a ser apresentada, relata o trabalho que tem sido desenvolvido o primeiro ano do Ensino Fundamental de Nove Anos, já no quarto ano consecutivo, na Rede Municipal de Hortolândia, situada na Região Metropolitana de Campinas. O mesmo apresenta-se em sua forma de projeção física em sala de aula de maneira a transgredir o espaço físico escolar, já que toda a aula é desenvolvida através de centros de interesse. Tais centros apresentam simultaneamente recreação e os conteúdos a serem desenvolvidos. Assim, os conteúdos são trabalhados pelo grupo de forma heterogênea e coletivamente. O trabalho visa oferecer às crianças a possibilidade de uma alfabetização/letramento mais ajustada às suas necessidades infantis, enquanto que lhes propõe o desenvolvimento de uma autonomia fundamentada na responsabilidade e respeito para com seus pares. Reconhecendo-se a si mesmo como parte efetiva não apenas do seu processo individual de letramento, mas também como parceiro de cada integrante do grupo (crianças/professora/crianças), de modo a interagir com seus pares intensamente. Partindo dos interesses infantis, sem descaracterizar o espaço escolar, como centro de produção de conhecimento e desenvolvimento emocional/social, o professor não perde sua "função", mas amplia seu leque de atuação dentro do seu grupo que ultrapassa os limites do portão da escola, alcançando também as famílias, que interagem no processo de construção de saberes aos quais, todos os dias seus filhos são submetidos. Os conteúdos são apresentados de diversas formas e possibilidades de

serem desenvolvidos, procurando privilegiar a cada criança interesses e aptidões ora definidas, ora a desafiar suas próprias expectativas. Nesse trabalho a avaliação é constante, individual e coletiva, de modo que o processo é revisto pelo grupo podendo ser re-direcionado.

TÍTULO 12: INDÍCIOS DE FORMAÇÃO NO HTPC: REFLEXÕES DE PROFESSORES SOBRE INDISCIPLINA

AUTOR(A): Lucia Elene Doriguello

CO-AUTOR(ES): Renata Cristina Oliveira Barrichelo Cunha

INSTITUIÇÃO: Universidade Metodista de Piracicaba

RESUMO: Esta investigação se propõe a discutir a formação compartilhada e o desenvolvimento profissional docente no Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC), reconhecendo a importância do professor coordenador como articulador e facilitador desse processo. Procura compreender os limites e potencialidades da formação compartilhada que acontece no HTPC tendo como eixo orientador das discussões o tema da indisciplina em sala de aula. Para atender a esse objetivo foi realizada uma pesquisa de campo com 14 professores do Ensino Médio de uma escola pública estadual paulista. Os dados produzidos ao longo de seis encontros com o grupo de professores, no 2º semestre de 2009, reunidos para discutir a problemática da indisciplina enfrentada no cotidiano escolar, foram audiogravados e transcritos. As discussões realizadas com os professores aconteceram a partir da reflexão sobre filmes que a professora coordenadora reproduziu (Por dia nascer feliz, Entre os muros da escola e Escritores da Liberdade) durante os HTPCs, com o intuito de ampliar e amplificar os sentidos da indisciplina. Os filmes escolhidos tinham em comum a proposta de retratar o universo da escola e a indisciplina dos alunos, sob diversas perspectivas. Com base em Zeichner (1992), Azevedo (2004), Silva (2006), Christov (2008) e seus interlocutores e, admitindo uma perspectiva histórico-cultural apoiada no paradigma indiciário (GINZBURG, 1990), as análises preliminares, apontam que o HTPC, mesmo sendo um momento restrito, pode proporcionar formatividade, uma vez que nas discussões sobre a indisciplina constataram-se concepções que orientam tomadas de posições docentes no cotidiano escolar, questionamentos a respeito da própria prática e o exercício de colocar-se no lugar do outro, compreendendo que os sujeitos se constituem através das mediações e trocas de experiências (VIGOTSKY, 2003).

TÍTULO 13: Memórias (Auto)Biográficas

AUTOR(A): Carmem Silvia Nunes de Azevedo Pessoa; Esleine Francisco Caetano

INSTITUIÇÃO: Rede Municipal de Educação de Hortolândia

RESUMO: Tentando traçar um caminho, que no trajeto pudesse ir respondendo às indagações sobre o adulto aprendente, em meio a diferentes e divergentes situações, encontramos frente ao cenário de trabalhar dentro da diversidade da sala de aula, o contexto do aluno surdo. Resultante de estudos do curso “Letramento e Surdez”, realizado na UNICAMP, em 2009 e nascida da necessidade de interação entre os alunos ouvintes e os surdos de uma classe de Educação de Jovens e Adultos (EJA) do município de Hortolândia, surgiu a proposta “Memórias Autobiográficas”. Sabemos que todo sujeito é protagonista de sua própria história e, esta é construída ao longo de sua jornada, portanto é memorizada. Desta forma, essa

proposta visou resgatar o passado, valorizando a vivência de cada um e apresentando como principal objetivo integrar ativamente os alunos surdos no contexto escolar, além de permitir que estes se sentissem parte do grupo da EJA. Encorajadas a aceitar alguns desafios, agregamos uma sequência de atividades, planejadas e desenvolvidas no decurso das aulas, contemplando um projeto de trabalho que nos possibilitou compreender que o surdo é dotado de capacidades significativas tanto quanto o ouvinte e que, se estimulado, é capaz de desenvolver atividades que considerávamos exclusivas a ouvintes. Percebemos a necessidade de vislumbrar as muitas linguagens que se apresentam como forma de identidade de grupos ou indivíduos. Queremos compartilhar o que conseguimos aprender através dessas vivências, resgatando histórias, lembrando momentos passados, trabalhando no transitar das diversas áreas de conhecimento, fazendo intervenções, reflexões e compreendendo um pouco sobre a escrita do surdo, ao passar por várias etapas onde fomos alinhavando teoria e prática, assumindo o papel de professor-aprendiz humano, nos envolvendo e nos emocionando em várias oportunidades... Refletindo sobre o tempo presente e lançando nossos projetos e sonhos em perspectivas vindouras.

TÍTULO 14: Projeto Meio Ambiente

AUTOR(A): Kátia Guimarães/José Dias de Melo Junior/Akiko Watanabe

INSTITUIÇÃO: PUCC-CAMPINAS

RESUMO: Esse trabalho tem sido desenvolvido já a dois anos com alunos de vários anos da EMEF Pe Leão Vallerié. Houve interdisciplinaridade entre Ciências (Prof José Dias e Prof Akiko) e Artes (Prof Kaká) na realização das atividades em sala e horários fora desta como projeto. Desenvolvemos ao longo destes anos grafites em muro, passeios pelo bairro, em zoológico, parques, confecção de cartazes, montagem de esculturas com papel maché, fotografias feitas pelos alunos, filmagens, apresentação de trabalhos desenvolvidos pelos alunos em outras salas. Houve apresentação de trabalhos no evento Extre em Campinas. Montagem de composteira, estudo do meio, prevenção contra doenças, dengue, limpeza na escola, informações sobre o trabalho infantil com apresentação de cartazes e exposição do trabalho em outras salas feita pelos alunos do projeto, cultivo de flores na escola, separação do material reciclável e colocação no lixo próprio que foi comprado pela escola, separação de pilhas e baterias. Todos os trabalhos desenvolvidos tem sido registrados pelos próprios alunos e os mesmos tem feito um trabalho de conscientização ao redor da escola com folhetos, cartazes e informações.

TÍTULO 15: "The Little Prince"; "O Pequeno Príncipe"

AUTOR(A): Maria Paula Corrêa Almeida Gonçalves; Nilce Maria Ribeiro

INSTITUIÇÃO: EMEF Prof Benevenuto Figueiredo Torres – SME/Campinas

RESUMO: A partir da leitura e discussão dos capítulos do livro "O Pequeno Príncipe" em sala de aula, os alunos dos 7ºs anos A, B, C, D reunidos em grupos de 04 ou 05 componentes, trabalharam na elaboração de histórias em quadrinhos bilingue (inglês/português). Cada componente do grupo tinha uma função: o ilustrador, o pintor, os responsáveis pela escrita em português e os responsáveis pela tradução para o inglês. As falas só eram passadas para as ilustrações após correção das professoras, sendo que estes momentos eram especiais, uma

vez que tínhamos oportunidade de avaliarmos o andamento dos trabalhos, discutirmos com nossos alunos sobre o que tinham entendido de cada capítulo e também explicarmos o uso e a aplicação das diversas regras gramaticais necessárias para a construção eficaz das frases. Através desta atividade pudemos trabalhar palavras desconhecidas, regras gramaticais, ortografia, escrita e reescrita de pequenos textos, tanto em inglês quanto em português. O uso dos dicionários de português e português-inglês também foi muito intenso. A idéia de trabalhar com este livro foi levar nossos alunos a refletirem sobre diversos ensinamentos que esta leitura nos traz, despertando também o gosto pela leitura e incentivando-os a trabalharem sua imaginação. Outro aspecto importante foi o fato dos alunos socializarem suas idéias, uma vez que anteriormente, quando os alunos se reuniam em grupos cada um fazia uma parte e não aceitavam a idéia do outro, na verdade trabalhar em grupo era só "sentar junto". A participação de alguns alunos neste projeto que sempre se mostravam apáticos em aulas que não contemplavam essa dinâmica nos deixou surpresas e nos levou a refletir sobre o porquê do engajamento em atividades como essa.

TÍTULO 16: Ensinado com Arte

AUTOR(A): Juracema Gomes de Moura

CO-AUTOR(ES): Sílvia Maria da Silva, Elisandra Maria Marinho de Souza

RESUMO: Ensinado com arte Este trabalho foi desenvolvido com uma turma de 3ª série que estava com sérios problemas de aprendizagem, sendo que a maioria não estava alfabetizada, com idade entre 10 e 14 anos. Sabendo que eles já estavam saturados das atividades de alfabetização utilizadas nas séries iniciais, foi desenvolvido um projeto baseado em suas histórias de vida, onde principal desafio era fazê-las acreditar que seriam capazes de aprender. Ao trabalharmos suas origens, foram descobrindo histórias incríveis sobre si, de sua família e amigos. Para dar sentido e fazer com que eles percebessem a importância de cada história, usamos a música "Asa Branca" de "Luiz Gonzaga", e também obras de arte Portinari e Tarsila do Amaral. Logo se identificaram com a letra da música que conta a história de um homem que tem os mesmos sonhos de seus familiares. Nas releituras das obras de arte encontraram pessoas e lugares que se eles se identificaram, assim através da leitura de mundo chegaram à leitura das letras. As famílias também trouxeram suas contribuições, vindo à sala contar casos, escrever poesias, fazer pinturas. Alguns pais voltaram a estudar no período noturno, e se alfabetizaram junto com seus filhos. No decorrer do projeto foram feitas muitas pesquisas no laboratório de informática, sobre as regiões do Brasil, meio ambiente e a falta de água no Brasil e no mundo, gráficos e tabelas sobre imigração e emigração, chegada dos portugueses aos dias atuais. Ver aqueles pré-adolescentes e adolescentes lendo, produzindo texto, aprendendo a dialogar e resgatando sua alta estima foi grande uma recompensa. Palavra chave: alfabetização, vida e arte.

TÍTULO 17: A EMEF PE. LEÃO VALLERIE COMO PROPULSORA DO RESGATE DA MEMÓRIA ORAL DO BAIRRO PARQUE VALENÇA

AUTOR(A): Ana Luiza Brandão Kashiwagura

CO-AUTOR(ES): Izabel Cristina de Paula Polo; Marcos Antonio Casetto

INSTITUIÇÃO: EMEF Pe. Leão Vallerié – SME/Campinas

RESUMO: Este trabalho faz uma reflexão sobre possíveis estratégias para agregar educação, criatividade e tecnologia com o intuito de transformar a escola numa referência guardiã da memória de uma comunidade, o Parque Valença, na região noroeste de Campinas. Nos dias de hoje, a escola passa por uma reavaliação significativa de suas funções. Mais do que um preparo para o conhecimento formal espera-se, da escola, os conhecimentos necessários para a convivência em sociedade. Educar, nos dias de hoje, exige a articulação dos conhecimentos disciplinares tradicionais com outras formas de conhecimento advindas das novas tecnologias da informação desenvolvidas na sociedade contemporânea conectando, dessa forma, o conhecimento desenvolvido na escola com as necessidades dos alunos. Um dos grandes desafios para o educador é ajudar a tornar a informação significativa, a escolher as informações verdadeiramente importantes entre tantas possibilidades, a compreendê-las de forma cada vez mais abrangente e profunda e a torná-las parte do nosso referencial. O aprendizado ocorre quando relacionamos e estabelecemos vínculos, integrando, resignificando. Sendo assim, acreditamos que, registrar depoimentos orais através das novas tecnologias da informação, como vídeo e fotos digitais e disponibilizar os resultados em uma mídia eletrônica contempla os pressupostos educacionais baseados na recriação da prática pedagógica de acordo com os interesses e necessidades dos atuais educandos. Nesse sentido, recorreremos à elaboração de um arquivo digital com base em um site Parque Valença: Memória e Vida (1) para o público em geral tomar conhecimento sobre a história da escola e do bairro. (1) Disponível em <http://www.bnz.com.br/parquevalenca>

TÍTULO 18: Mordidas na educação infantil: como lidar com isso?

AUTOR(A): Silvia Regina Casão Cavinato

CO-AUTOR(ES): Ana Luísa Tiene da Silva

RESUMO: Diante dos comportamentos que ocorrem em berçários e escolas de Ed. Infantil, nesse período da infância em que frequentemente vemos crianças dando mordidas, pensamos: o que fazer? Como lidar com isso? Tenha calma. Inicialmente temos que compreender esse fato considerando as características do desenvolvimento. Nesses primeiros anos de vida, as crianças passam pelo que chamamos de “fase oral”. Essa fase é explicada por Freud, como estágio mais primitivo do desenvolvimento. Nessa fase a criança ainda não verbaliza com fluência e a linguagem corporal acaba sendo mais eficaz. Morder é uma forma de expressão, uma fase passageira, é uma das primeiras formas de relacionamento, seja pela disputa de um objeto ou pela atenção. Pais e educadores devem entender que essa disputa é fundamental para o desenvolvimento humano, mas devem se empenhar para que esse comportamento seja controlado. A passagem da fase acontece de forma gradativa, a partir dos dois anos quando a linguagem estiver desenvolvida. As mordidas não devem, jamais, ganhar aprovação. Palavras como “dói” e “não pode” são a melhor reação para orientar a criança a não morder. Se essas mordidas passam a ser frequentes é necessário levar em conta o contexto em que ocorrem. Quando isso acontece, a família e a escola precisam acompanhar de perto e com atenção para descobrir as possíveis causas. Geralmente, estão associadas ao sentimento de contrariedade, de frustração, de ansiedade, de raiva, de ciúmes, de busca de atenção. A criança pode estar insatisfeita, ansiosa, com sentimento de rejeição e tenta chamar atenção através da agressividade. A principal resposta para tal circunstância é dar atenção, carinho e amor à criança, pois sua vida futura e o seu crescimento dependem disso.

TÍTULO 19: AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO MÉDIO: A VISÃO

AUTOR(A): ROBERTA SOARES RIBEIRO

CO-AUTOR(ES): ELVIRA CRISTINA MARTINS TASSONI

INSTITUIÇÃO: PUC-CAMPINAS

RESUMO: Este trabalho se justifica diante dos resultados insuficientes, no que se refere à competência dos usos da escrita e da leitura por alunos do ensino básico, conforme estatísticas nacionais e diante de minha trajetória como aluna e professora, ao me deparar com o baixo domínio da norma culta dos alunos. Este trabalho tem como problema de pesquisa investigar os efeitos que as práticas pedagógicas nas aulas de Língua Portuguesa têm sobre os alunos do Ensino Médio. Focalizará o que esses alunos têm a dizer sobre essas práticas, buscando identificar de que maneira elas marcam as relações que se estabelecem entre eles e a leitura e escrita. As práticas pedagógicas devem ser entendidas aqui como propostas de atividades de leitura e escrita realizadas pelos professores. A pesquisa tem como objetivo analisar a relação entre as práticas do educador e os seus efeitos na formação do aluno do Ensino Médio, no que se refere à competência e ao domínio da leitura e da escrita, nas diversas situações de uso. Serão investigadas também as práticas mais utilizadas pelo professor observado nas aulas de Língua Portuguesa. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, envolvendo trabalho de campo em uma escola pública de Piracicaba, interior de São Paulo. Serão realizadas observações de algumas aulas de Língua Portuguesa e entrevista semi-estruturada com alguns alunos que cursam o 2º ano do Ensino Médio. O trabalho discute o conceito de letramento, entendido como a condição que o sujeito adquire ao se apropriar das práticas de uso da leitura e da escrita. Discute ainda a questão da competência linguística e o papel da escola neste processo. Pretende-se, com o desenvolvimento deste trabalho, identificar elementos que possam contribuir para uma reflexão sobre as práticas pedagógicas que promovem maior aproximação do jovem com os usos da leitura e da escrita, possibilitando o desenvolvimento de maior competência linguística nos usos da língua.

TÍTULO 20: O que falam as professoras alfabetizadoras sobre o seu percurso de formação?

AUTOR(A): Jussara Cassiano Nascimento

INSTITUIÇÃO: Colégio Brigadeiro Newton Braga

RESUMO: Apresento neste texto reflexões teóricas e metodológicas relacionadas às abordagens (auto) biográficas. É parte integrante de uma pesquisa concluída de Mestrado na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, que tem como foco da investigação a Formação de Professores Alfabetizadores, onde relatos autobiográficos foram utilizados como estratégia de investigação. O texto mostra que a partir dos anos oitenta assistimos a uma diversidade de teorias e práticas pedagógicas que caracterizavam uma mudança de eixo, passando de uma visão única para uma diversidade de concepções que valorizam a experiência vivida. Os docentes vão sendo reconhecidos como portadores de saberes plurais, críticos e interativos que se fundam numa práxis. A experiência do trabalho docente, em meio a tantos outros saberes, é percebida como elemento de formação capaz de valorizar o papel dos saberes da prática. Entendendo a vida cotidiana como território privilegiado do saber, optei por buscar a fundamentação necessária para este texto em pesquisadores que procuram através da pesquisa no/do/com o cotidiano aproximar a educação da vida, apontando novas possibilidades interpretativas do saber-fazer docente. Neste sentido, o professor vai se configurando como agente do processo de formação e a escola como local onde esta formação acontece. Sabendo-se que a produção de práticas educativas eficazes só surgem a partir de uma reflexão da experiência pessoal partilhada entre os pares, percebemos que a escola é lócus privilegiado onde acontece o processo de formação e autoformação. Portanto, no

presente estudo, o cotidiano será utilizado como alavanca do conhecimento, onde serão discutidas as rupturas que se operam no campo das ciências humanas em relação aos métodos convencionais de investigação admitindo-se a existência de uma nova epistemologia da Formação.

TÍTULO 21: A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE FAMÍLIA, NA ESCOLA, EM CRIANÇAS INSTITUCIONALIZADAS

AUTOR(A): Sheila Daniela Medeiros dos Santos

INSTITUIÇÃO: Faculdade de Educação - UNICAMP

RESUMO: Na atual realidade brasileira, os dados sobre crianças que vivem em instituições de atendimento à infância aumentam significativamente a cada ano. É o que mostra o levantamento realizado e publicado, em 2009, pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) ao apontar a existência de mais de 2,4 mil instituições espalhadas em diversos municípios brasileiros. A partir de tais considerações, ao procurar apreender as tramas que se construíam na cotidianidade de uma dessas instituições, localizada em um município da região de Campinas, foi possível notar uma situação paradoxal acontecendo: crianças que não viviam em família, mas falavam continuamente de família, desejavam uma família e representavam uma família constituída. Objetivando elucidar esse paradoxo (aparente), procurou-se aprofundar o estudo sobre: o modo como as crianças falavam de família tanto na instituição social que residiam, como na escola pública que frequentavam; as situações recorrentes e/ou peculiares em que as crianças falavam de família; e o impacto dessas experiências nas relações que se instauravam entre adulto/criança e criança/criança na instituição observada e na escola. Após realizar, durante um ano, visitas semanais na instituição/na escola mencionadas, e assumir como pontos de ancoragem os pressupostos teórico-metodológicos de Lefebvre (1983, 1991) e Vigotski (1994, 1995), evidenciou-se fundamentalmente o seguinte aspecto: as crianças não estão falando propriamente de família; na realidade, elas estão reclamando da ausência de relações sociais de reconhecimento de seus direitos, já que o Estado/a sociedade os ignoram, impondo-lhes como destino a situação em que foram geradas: a pobreza, a realização de tarefas socialmente desvalorizadas e a participação no sistema produtivo como exército de reserva. Nesse cenário, bem se vê que por trás das vozes silenciadas e audíveis dessas crianças há um drama: a busca incessante pela concretização dos direitos à vida e não a qualquer forma de existência.

TÍTULO 22: A Articulação entre a Educação Infantil e o Ensino Fundamental I

AUTOR(A): Shelly Blecher Rabinovich

INSTITUIÇÃO: Universidade de São Paulo

RESUMO: O objetivo do presente trabalho é investigar como a escola de Educação Infantil prepara as crianças para o ingresso na escola fundamental e como esta recebe as crianças que ingressam nesse novo ciclo com apenas seis anos de idade, ou seja, verificar se há articulação nas propostas pedagógicas nos dois níveis de ensino. A pesquisa prática foi realizada, no primeiro momento, em uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI), localizada no bairro da Bela Vista, no ano de 2008 e, no segundo momento, acompanhamos as mesmas crianças da Educação Infantil para a escola de Ensino Fundamental I, localizada também no bairro da Bela Vista, na cidade de São Paulo durante o ano de 2009. Como referencial teórico,

utilizamos os documentos oficiais que tratam das políticas públicas para a infância, documentos sobre o Ensino Fundamental de nove anos, os autores da psicologia da educação, especificamente Lev Semenovich Vygotski e Henri Wallon, bem como autores que tratam o tema da infância. Tratou-se de um estudo etnográfico e a metodologia utilizada foi a observação participante, em que permanecemos em contato direto com as escolas, com as crianças e com as práticas docentes e, a entrevista semi-estruturada realizada com os pais, professores, crianças, coordenação e direção da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I, com objetivo de dar voz a todos os atores envolvidos no processo de passagem da criança do infantil para o fundamental. Durante o percurso realizado até o momento percebemos que os dois níveis de ensino precisam repensar as suas propostas pedagógicas e construir um projeto educativo que contribua para a passagem da criança da escola infantil para o 1º ano do Ensino Fundamental I.

TÍTULO 23: Um estudo sobre autoria docente: ações e reflexões do coletivo pesquisador

AUTOR(A): Rosana Aparecida Ferreira Pontes

INSTITUIÇÃO: Universidade Católica de Santos

RESUMO: Este trabalho tematiza a formação continuada de educadores e tem por objetivo analisar as possibilidades de se utilizar a pesquisa-ação como forma de criar um coletivo pesquisador, no contexto escolar, em um processo formativo de autoria pedagógica. No intuito de compreender quais são essas possibilidades, apresenta resultados de uma pesquisa-ação realizada em uma escola pública de educação infantil. Relata como o coletivo pesquisador foi instituído e empenhou-se em construir um espaço de reflexão coletiva para que as participantes aprendessem refletir e pesquisar sobre a própria prática, compartilhando saberes e experiências. Analisa o papel da pesquisadora como facilitadora do processo cooperativo e participativo da pesquisa-ação. Apresenta os objetivos traçados pelo grupo, e a temática do estudo: a importância do brincar na educação infantil. Analisa as ações do coletivo pesquisador, destacando as estratégias formativas para o desenvolvimento da autoria pedagógica: o portfólio reflexivo coletivo com modelo próprio de ficha de registro; o uso de questões-problema para orientar os registros e as reflexões coletivas; a criação de um blog como portfólio “on line”; bem como o planejamento e a realização das ações em movimento espiral de ação-reflexão-ação, conforme pressupostos epistemológicos da pesquisa-ação. Aponta os principais resultados alcançados até o momento, considerando que a pesquisa-ação, fundamentada teoricamente em Barbier e Franco, caminhou na direção dos objetivos pretendidos, em que as participantes foram implicadas em um processo de construção de autoria pedagógica. Conclui com a constatação de que a convergência entre pesquisa-ação e autoria docente se consolida à medida que o coletivo pesquisador - pesquisadora e demais sujeitos - empenha-se na construção do espaço de reflexão coletiva na escola.

TÍTULO 24: Território da Educação Integral

AUTOR(A): Maria Laedna Delfino Borge Silva

CO-AUTOR(ES): BRIGATTO A.C.; ORTOLAN, C.N.M; ESPELHO, E.; CARRIEL, F.; LIRA.L.

INSTITUIÇÃO: EE Profª Rosina Frazatto dos Santos

RESUMO: O Projeto Novasatitudes.com promove a articulação entre os equipamentos sociais do bairro: EE. Profª Rosina Frazatto dos Santos, CRAS Satélite Iris I, Casa Maria de Nazaré - Casa Hosana, CEASCOM e Associação de Moradores do Satélite Íris, através de parceria e uso de tecnologia digital interativa aplicada à educação para favorecer o desenvolvimento local da região e potencializar as ações nos ambientes de aprendizagens na educação formal e não formal: família, bairro, escola e ONGs. As propostas deixam de ser intramuros e passam para uma perspectiva extramuros, que transcendem interesses organizacionais e institucionais. Com foco na educação integral e na relação entre as pessoas, tem como eixo o sujeito que aprende, no diálogo e na troca de vivência, valorizando a autonomia e a sociabilidade, integrando os aspectos cognitivos e afetivos. Trata-se de um processo ativo, contínuo e participativo, com a ampliação do repertório de significados que inclui a pluralidade e a diversidade de conhecimento. Pensando a educação integral como uma conquista de qualidade social, que envolve a proteção e desenvolvimento integral (bio, afetivo, cognitivo, psico e social), as atividades de formação contribuem para o aperfeiçoamento da prática educativa, pois dimensionam o trabalho em rede, e o quanto isso se efetiva nas ações oportunizadas aos atendidos pelo projeto na Escola e fora dela. Os ambientes aprendentes, as atividades educativas, culturais e de lazer oferecidas às crianças, jovens e suas famílias são propostas conjuntas e complementares, proporcionam diversidade, de acordo com os interesses da comunidade. São intervenções mais efetivas, realizadas em rede. As tecnologias digitais representam fator determinante para a compreensão da expansão de novas formas de redes sociais e do fortalecimento de políticas públicas voltadas a educação integral sendo que os ambientes virtuais configuram-se como instrumento prático pontencial e colaborativo.

TÍTULO 25: REFLETINDO SOBRE O SABER DA EXPERIÊNCIA: Narrativas Autobiográficas da Prática Docente

AUTOR(A): Nilda de Oliveira Vilela

INSTITUIÇÃO: Universidade Paulista

RESUMO: Propagar a minha autobiografia foi o recurso que encontrei para compartilhar experiências vividas na prática pedagógica, bem como relatar a ideologia presente como educadora social. Compreender o sentido das relações junto a professores, alunos e comunidades. Atuando em diferentes instituições escolares, contribuíram-me para refletir o saber das histórias do dia a dia. Analisando, discursos, vivenciei em sala de aula, grupos de formação com meus pares, diálogos ricos de trocas de experiências. Segundo Perrenoud (2000), “professores sempre foram pessoas que exerciam um ofício, isto é, ‘profissionais’ de diferentes modelos”. Esse relato de minhas experiências permeia assumir atitude de “conhecer/reconhecer/fazer, refletir sobre as estruturas escolares da educação”. Logo, também foram ricas experiências, com jovens e adultos em comunidades de bairro, além de um vasto campo da prática docente, mas o mergulho na profissão São lembranças, importantes de se veicular e desvendar, ideologias que estão presentes nas relações políticas pedagógicas, apresentadas no âmbito das competências e habilidades pertinentes a profissão, que vivenciei em todas as intuições, tanto públicas ou privadas. Outras experiências, a coordenação, onde pude diagnosticar, criticar e contribuir no processo de ensino e aprendizagem, relação professor/aluno. Um outro caminho, apontou para o saber da interdisciplinaridade, nas áreas da ciências humanas, com destaque dos demais conceitos, não se limitando à metodologia fragmentadas, mas a uma proposta ousada, uma profunda reflexão de prática, uma integração nas áreas do conhecimento, já que elas se mostram muitas vezes dependentes umas das outras. Dispondo-me para o exercício da produção do conhecimento, acredito que a riqueza do saber, esta atrelada a pesquisa, hoje e sempre. Afinal, a ciência pedagógica, exige estudos em níveis cada vez mais elevados. Palavras chaves: prática docente, história da vida, método autobiográfico, interdisciplinaridade.

TÍTULO 26: De painel a cordel: relatos de experiências no Parque Oziel

AUTOR(A): Wilson Queiroz

INSTITUIÇÃO: UNICAMP

RESUMO: Qual a imagem que temos ao chegar pela primeira vez numa escola localizada na maior ocupação da América Latina? Quais são os idéias já instalados em nossas mentes sobre estas comunidades? Estas interrogações recorrentes mobilizam o pensamento e a prática educativa quando vamos lecionar em escolas já rotuladas pela sociedade e que é diariamente colocada a margem do processo de valorização do sistema educacional. O que esperava em relação aquela comunidade e quais expectativas tinha sobre aqueles alunos? O que era possível construir nesta escola? Eram muitas as questões e também mais uma oportunidade de experimentar a construção de outras/diferentes práticas. Que jogo era possível trabalhar nesta escola? Afinal era a primeira vez que eu trabalhava com a disciplina de ACE – Atividade Curricular Especial. Na busca por delinear melhor esta possibilidade de trabalho, comecei trabalhando com jogos de tabuleiro tradicionais (Xadrez, Damas, Resta um...), porém durante o trabalho fui/fomos encaminhado para os jogos de palavras e imagens nos quais estamos todos inseridos, e então elaboramos uma série de painéis-críticos, a partir de poesias/músicas de Luiz Gama, do GOG e do Grupo A Família. Afinal é no jogo de palavras que se (in)define, que (des)motiva, que (i)mobiliza, que (des)constrói, muito do que se pensa e se propõe numa escola, numa prática educativa, em comunidades que carrega fortes marcas da marginalização. E finalmente/durante este período aconteceu também a elaboração de cordéis sobre a construção realizada na/sobre as práticas desenvolvidas nas aulas, ou na escola. Busquei nos jogos de tabuleiros, de palavras e de imagens a possibilidade de construção de pedagogias étnicas para trabalhar com a história da África, e o estudo de desigualdades apontadas pela lei 10639/03, em diálogo com Paulo Freire e Jorge Larrosa, inspirados nas letras das poesias e das músicas trabalhadas.

TÍTULO 27: O DESAFIO DE DESENVOLVER O TRABALHO PEDAGÓGICO COM OS BEBÊS

AUTOR(A): Aline de Sousa Gabos; Laura Fernanda Alvarenga

CO-AUTOR(ES): Neusa Lopes Bispo Diniz; Waldina Vaz de Lima

INSTITUIÇÃO: CEMEI Sylvia Miranda da Cruz Paschoal

RESUMO: Este trabalho resulta de inúmeros diálogos entre educadores e equipe gestora do Cemei Silvia Miranda da Cruz Paschoal, da Rede Municipal de Campinas. Nosso trabalho, atualmente com o agrupamento I, constituído por bebês de 0 a 2 anos, é desafiador no que se refere à criação de uma proposta de educação significativa com bebês. Trata-se de um grupo de bebês que trazem consigo diversas necessidades específicas: há bebês que ainda estão no processo inicial de aprendizagem da fala (alguns apenas balbuciam), do sentar, do ficar de pé, da marcha e, portanto, dependem mais diretamente da intervenção freqüente do adulto. Outros bebês já correm, falam e, em alguma medida, já se defendem sozinhos. Ressaltamos que, em especial, na referida faixa etária, a literatura sinaliza a necessidade de alerta com a existência de uma certa praxis de educação infantil de supervalorização/segmentação da "dimensão do cuidar" sobre a "dimensão do educar", como se as mesmas fossem dissociáveis na criança. Tal concepção tem contribuído para a fomentação de crenças no sentido de não ser possível se realizar um trabalho político-pedagógico que transcenda a compreensão da dissociabilidade entre as condutas do cuidar/educar da criança pequena. Ao irmos consolidando a concepção de que as dimensões do cuidar e do educar são indissociáveis e de que os bebês são capazes de aprender desde cedo, muitas

vezes lidamos com questionamentos sobre o que seria trabalhado com crianças tão pequenas; se havia um objetivo pedagógico presente nas nossas “brincadeiras”, em que momento entrava a intencionalidade do nosso trabalho no desenvolvimento das atividades propostas, uma vez que certa concepção de educação parece transparecer que há muito pouco há se fazer pedagogicamente com os bebês em creches. Perguntávamos se era possível levá-los ao parque, que, inicialmente, para nós, deveria ser adaptado, com brinquedos menores e de plástico; se deveríamos levá-los para o refeitório para que participassem do momento do almoço com as crianças maiores. A experiência docente fortalecida pela concepção de que a exploração dos meios físico e social é positivamente importante para o desenvolvimento adequado dos bebês, nos mostrou que era possível levá-los ao parque e ao refeitório, situações que proporcionaram um grande avanço no desenvolvimento motor e social das crianças. Nosso maior desafio, no entanto, foi o de criar uma rotina de roda e de contação de história com os bebês, visto que o tempo de concentração da atenção deles é, em geral, bem curto. Fomos surpreendidas com a desenvoltura e autonomia que as crianças criaram ao ouvir a música que anuncia o momento da roda. Os pequenos permanecem na roda com entusiasmo e atenção, sem haver uma cobrança para permanecerem ali todo o tempo sentados. Percebemos que essa flexibilidade, para permanência ou saída na/da roda, contribuiu para uma maior participação mesmo dos que ficam fora dela por alguns instantes. As crianças que saem da roda, o que ocorre com pouquíssima frequência, expressam-se através de gestos e sorrisos demonstrando que ainda estão envolvidos na atividade. Vislumbramos algumas das primeiras relações entre o educar e o cuidar, fundamental para deixar de lado os preconceitos enraizados, como, por exemplo, o de que a estratégia de uma roda de contação de histórias não é possível para os bebês. Este trabalho exige de nós intenções e objetivos claros a serem trabalhados. Sabemos que ao trocar fraldas, ao dar banho, ao alimentar, ao brincar, ao contar histórias, conscientes de nossa atuação e nossas intenções, estaremos colaborando para o desenvolvimento integral desses bebês, na perspectiva de uma educação transformadora.

TÍTULO 28: Peculiaridades de Professoras Contando Histórias para seus Alunos da Educação Infantil

AUTOR(A): Branca Monteiro Camargo

CO-AUTOR(ES): Renata Cristina Oliveira Barrichelo Cunha

INSTITUIÇÃO: Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP

RESUMO: O tema abordado neste estudo é a formação e prática de professores de Educação Infantil no que se refere à atividade de contar histórias de literatura infantil para as crianças. A temática é relevante porque além de contribuir para o aumento do conhecimento da área, pode ajudar a refletir sobre uma prática pedagógica extremamente importante para a inserção da criança na história cultural e das significações de seu grupo social (CHINEN, 1987). O foco de análise no papel do professor pode trazer contribuições importantes para conhecermos as rotinas de sala de aula e pensarmos sobre a formação de professores no que se refere a essa temática. É importante destacar que o presente texto refere-se a um recorte de minha pesquisa de Dissertação de Mestrado que venho desenvolvendo junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UNIMEP. Este estudo tem, entre seus objetivos, observar como os professores contam histórias e que recursos utilizam em suas práticas pedagógicas na Educação Infantil. Conhecer que recursos o professor usa e como ele planeja e conduz a atividade de contar histórias é importante para refletirmos sobre uma prática pedagógica considerada fundamental para o desenvolvimento da criança e a sua inserção no mundo cultural. Para alcançar tal objetivo de análise, utilizamos observações registradas em diário de campo de duas professoras que contavam semanalmente histórias para os seus alunos de 4 a 5 anos do Pré III, de uma escola de educação infantil do interior do estado de São Paulo. As análises iniciais mostraram que cada professora utiliza recursos e formas

peculiares de contar histórias e que isto provavelmente se relaciona com as suas experiências pessoais com esta atividade. O estudo discute as implicações destas observações para o trabalho de formação de professores da Educação Infantil.

TÍTULO 29: CIDADÃOS INSTITUCIONALIZADOS E A ESCOLA

AUTOR(A): Márcia Longo

CO-AUTOR(ES): Maria Luiza Vechetin Begnami

INSTITUIÇÃO: Centro Universitário Hermínio Ometto – Uniararas

RESUMO: Muito se tem falado em inclusão escolar, tema de várias políticas e legislações com base nos direitos humanos e sociais, no entanto, a relação da escola com crianças que se encontram em ambientes institucionalizados como “abrigo” está longe de ser respeitado e tratado com ações pedagógicas que amenizem a dor do passado destas crianças. No trabalho diário em uma instituição que atende adolescentes e adultos com necessidades especiais, vindos de famílias desestruturadas, que perderam por algum motivo a guarda de seus filhos, percebemos como o nosso sistema educacional é preconceituoso e nem um pouco inclusivo quando se trata de cidadãos nestas condições. A violência psicológica e moral que esses jovens sofrem por parte dos agentes da escola como ofensas, humilhações, comparações entre pais e filhos, como se um estivesse fadado a repetir os mesmos erros do outro, o que denota apesar dos avanços na educação e formação docente, a falta de conhecimentos e de ações pedagógicas inclusivas que revertam este quadro de fracasso. A desvalorização dos mesmos é ressaltada na exposição de seus índices de aproveitamentos, indisciplinas, e de sua própria condição social no mundo. Nestes termos, a coordenação do abrigo, acompanha a educação destas crianças de forma a intervir positivamente para uma formação cidadã, considerando que ao adentrarem os portões da escola, esse passado de dor e sofrimento vivenciados justifica muitas de suas ações e modo de pensar, mas não lhes tira o direito ao respeito e de aprender. Infelizmente a escola não está preparada para trabalhar com alunos que fujam da “normalidade”, principalmente em condições especiais e oriundos de ambientes desfavoráveis, só trabalha “bem” com aqueles alunos que estão prontos para entender, avaliar e guardar conhecimentos. Qualquer um que não se enquadre nesta realidade será excluído.

TÍTULO 30: Escola Pública e o desafio da inserção da cultura popular no Currículo

AUTOR(A): Lidiane Mariana da Silva Gomes

INSTITUIÇÃO: Escola Estadual Francisco Barreto Leme

RESUMO: A escola pública no Brasil tem o hábito de trabalhar com a cultura de forma processual. A grande preocupação é, antes de tudo, as formalidades do ensino onde são priorizadas a presença em sala de aula utilizando giz e lousa unicamente. Vemos normalmente ações esporádicas que visam apenas levar ao conhecimento do aluno um pouco do que se considera como arte. Teatro, cinema, exposições de arte plástica clássica ou contemporânea são mais comuns e essas ações privilegiam a arte estrangeira enquanto a cultura e arte brasileiras não são valorizadas. Portanto é difícil encontrar trabalhos que intencionem caminhar além do simples conhecimento das mais variadas formas de arte, e que passem a elaborar a longo prazo

a criação de uma consciência da arte. O importante nesse processo é que o estudante compreenda que ele também faz parte da construção do conceito de arte. Na Escola Estadual Francisco Barreto Leme iniciamos juntamente com o Ponto de Cultura Inventor de Sonhos um processo que existe há dois anos, que intenciona a implantação de uma forma de construir a consciência artística através da construção de bonecos e brinquedos populares e através da compreensão do teatro de mamulengos. Outros projetos também são contemplados na busca do resgate da cultura popular brasileira e os estudantes são envolvidos em todos utilizando os conceitos da construção artística do papel machê e com os conceitos do teatro. Orientados pela artista plástica Natasha Faria que trabalha com a construção dos objetos e Sebastian Marques que é Mamulengueiro, os estudantes desenvolveram a capacidade de ampliar sua visão artística e resolvemos um problema grave entre eles que era a falta de atenção. Neste caso a arte trabalha para o favorecimento do desenvolvimento pedagógico e comunitário dos nossos estudantes. A formação do estudante e a construção do ser humano são priorizados efetivamente.

TÍTULO 31: Ainda podemos sonhar... O poder da (medi)ação.

AUTOR(A): Silvio César Cristovão

INSTITUIÇÃO: Governo do Estado de São Paulo

RESUMO: Tem sido comum ouvirmos e assistirmos noticiários sobre atrocidades que acontecem diariamente em nossa sociedade. Algumas situações já se tornaram banais, pois parecem ser naturalmente aceitas por nós e, após pouco tempo, caem no esquecimento com facilidade. Com isso, até esquecemos, muitas vezes, de perceber as coisas bonitas que ocorrem ao nosso lado e acabamos por não valorizá-las a contento. Numa das muitas aulas de Educação Física que ministro semanalmente, num Colégio bastante conhecido em Americana, fiquei feliz em observar mais uma vez como podemos influenciar para que as pessoas vivam em harmonia e busquem otimizar as relações humanas. Por meio de uma atividade excitante e desafiadora pude observar o quanto é essencial o poder da mediação do professor, que tem objetivos sociais e específicos a atingir numa mesma vivência. Isso não está relacionado a querer encontrar respostas prontas e acabadas, nas quais os alunos devam fazer aquilo que sempre se espera, mas sim, é uma forma de possibilitar outros tipos de postura que contamine beneficemente uma ou mais pessoas. É válido enfatizar que não serão todos os problemas resolvidos apenas pelo fato de que uma boa ação provocou uma reação tão saudável e significativa para um grupo de pessoas, nesse caso, os alunos. Porém, como profissionais que somos, este exemplo pode nos dar indicativos de como é importante o trabalho de mediação perante nossa clientela e nos solicita um posicionamento e, por que não, uma metodologia ou uma abordagem, que possa influenciar nos direcionamentos e tomadas de decisão, intra e, até mesmo, extra-classe, seja apenas com pequenas pitadas de questionamento, seja com reflexões mais elaboradas que provoquem ou motivem em nossos alunos alguma mudança de postura.

TÍTULO 32 : O enfermeiro-professor e os saberes docentes

AUTOR(A): Ana Paula Martins

RESUMO: Ana Paula Martins Universidade Metodista de Piracicaba martins.paula.ana@gmail.com Renata Cristina Oliveira Barrichelo Cunha Universidade Metodista de Piracicaba reccunha@unimep.br A presente pesquisa de mestrado, em desenvolvimento na Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP, discute quais são as necessidades atuais para a formação do enfermeiro-professor. A enfermagem é uma das profissões da área da saúde que possui uma complexidade em relação às funções a serem desempenhadas e uma das principais funções do enfermeiro é a educação em saúde. Esse papel é desempenhado em dois sentidos: um na sociedade, como educador da população, atuando como facilitador nos processos de entendimento entre saúde-doença e seus cuidados e prevenções; o outro, nas instituições de ensino, na condição de formador de profissionais de cursos técnicos, graduação e pós-graduação. Assim, considerando as novas diretrizes para a formação do enfermeiro, revisadas e atualizadas pelo Ministério da Educação, que incluem disciplinas de educação, ampliando as graduações como licenciaturas, entende-se que é necessário compreender e problematizar essas diretrizes no diálogo com os saberes docentes desses profissionais que pretendem atuar na formação de futuros profissionais da enfermagem. Assim, o presente estudo tem como um de seus objetivos compreender qual a importância e contribuição das disciplinas específicas da educação e quais os saberes docentes necessários para a formação de professores para docência em cursos de graduação em bacharelado e licenciatura em enfermagem. Através de levantamento bibliográfico realizado até o momento é possível identificar poucos artigos da área de enfermagem tratando especificamente da formação de professores-enfermeiros (Bragato), o que exige que a interlocução do campo da enfermagem passe a dialogar com autores da educação, em especial com a formação de professores (Pimenta, Tardif, Gomez, Schon, Zeichner, Nóvoa, entre outros).

TÍTULO 33: Um elo entre o último ano da Ed. Infantil e o primeiro ano do Ensino Fundamental

AUTOR(A): Dalva Amaral

INSTITUIÇÃO: Secretaria Municipal de Educação / Campinas

RESUMO: Este trabalho foi realizado diante a conveniência de uma reflexão sobre a ruptura que ocorre entre o último ano do Ensino Infantil e o primeiro ano do Ensino Fundamental, como resultado de um trabalho de TCC que está sendo realizado pela autora no curso de Perspectivas para a Educação Infantil junto à Universidade São Luis de Jaboticabal. A criança que sai da creche em dezembro é o aluno da escola de 09 anos do Ensino Fundamental em fevereiro do próximo ano. Para isso, foram feitas observações em um último ano de uma a sala de aula da CEMEI MARIA AMÉLIA RAMOS MASSUCCI (Rua Dr. D’Octaviano, 381, Parque Valença I, Campinas) , com crianças de 04 a 06 anos e em uma sala de aula da EMEF PADRE LEÃO VALLERIE (Rua Benedito Cândido Ramos , 10, Parque Valença I, Campinas), com crianças com 06 anos de idade. O que ela vivencia na CEMEI? O que se rompe e o que tem continuidade na EMEF? Qual a rotina da creche? Qual a da EMEF? Qual o mobiliário, o espaço físico de cada uma das duas escolas? Como é o horário da refeição em ambas? As atividades pedagógicas estão voltadas para as crianças/alunos, ou estas são vistas apenas como alunos que deverão prestar a Provinha Brasil no próximo ano? Há espaço para o lúdico no primeiro ano? Quais as práticas pedagógicas em cada uma dessas duas salas de aula? Há um Currículo em Construção na Educação Infantil que vem sendo discutido desde 1998 e o que tem sido refletido e realizado sobre o Currículo dos anos Iniciais? É necessária uma discussão do currículo da Educação Infantil integrado ao Currículo dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental?

TÍTULO 34: Efeitos do Treino em Consciência Fonológica na Recuperação de alunos

AUTOR(A): Neusa Lopes Bispo Diniz (Prefeitura de Campinas)

CO-AUTOR(ES): Juliana Maria dos Santos (Prefeitura de Hortolândia)

RESUMO: Este trabalho refere-se a um projeto constituído de intervenções baseadas em atividades de Consciência Fonológica, cujo programa foi desenvolvido com alunos do 4º e do 5º ano do ensino fundamental, enfrentando dificuldades na aprendizagem da leitura e da escrita. O referido projeto pretendeu desencadear uma proposta de trabalho de recuperação paralela diferenciada, daquelas já disponibilizadas pela escola. Pretendeu também replicar os resultados de progressos em termos de alfabetização, adquiridos com a utilização desse tipo de intervenção, enfatizando-se o trabalho em situação real de sala de aula. Sabe-se que as intervenções baseadas em atividades metafonológicas possibilitam a conscientização por exemplo, de que é possível em nosso sistema alfabético segmentar a fala em unidades menores, compreendendo de forma reflexiva os aspectos sonoros da língua, percebendo que é possível produzir outras palavras a partir de um mesmo som. Assim, o presente projeto, teve seu início no mês de fevereiro do corrente ano com vinte alunos, nas idades de 9 e 10 anos, que, em sua maioria, apresentavam uma escrita utilizando letras aleatórias, colocando apenas a letra inicial correspondente à palavra ditada. Em leitura, reconheciam parcialmente o alfabeto com tentativas mal sucedidas de leitura de uma lista de palavras, liam as letras, nem sempre com associação convencional grafema-fonema, no entanto, não conseguiam ler as sílabas ou palavras por inteiro. Entre os resultados, demonstrou-se que, com aproximadamente quatro meses de trabalho sistemático utilizando atividades baseadas em habilidades de consciência fonológica, a maioria dos alunos já apresentavam progressos significativos, passando da escrita anteriormente descrita para a escrita com erro de um grafema apenas, em situação de escrita sob ditado de palavras e de frases. Em relação à leitura, o desempenho atingido foi apenas o de leitura de uma lista de palavras e de frases, porém, com compreensão do que foi lido. Seis dos alunos envolvidos, apresentaram uma escrita com muitas trocas fonêmicas, mas já utilizavam uma escrita fonética que possibilitava compreender a palavra ditada. Levando em consideração o curto espaço de tempo para o desenvolvimento do trabalho e a constatação dos avanços dos alunos envolvidos, é possível afirmar que, embora alguns alunos ainda apresentem muitas dificuldades em leitura e escrita, a apropriação de estratégias para ler e escrever e a aquisição de habilidades de consciência fonológica, poderá possibilitar aos alunos, avanços cada vez mais importantes em linguagem escrita, sendo indispensável à intervenção imediata de professores, quer seja na recuperação contínua, quer seja na recuperação paralela, em situação real de sala de aula.

TÍTULO 35: Entendendo a estrutura social: combatendo a intolerância

AUTOR(A): Patricia Magri Granúzzio

CO-AUTOR(ES): Renata de Fátima Ceribelli

INSTITUIÇÃO: UNIMEP – Universidade Metodista de Piracicaba

RESUMO: Este escrito faz parte de reflexões e discursos coletivos entre duas docentes de escola pública estadual e alunos do ensino médio sobre as relações étnico-raciais e que, para sistematizar e aprofundar o conhecimento, foi elaborado um projeto que recebe o título do presente texto. Este projeto é de fundamental importância para a formação e conhecimento dos alunos aos conteúdos de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira. Atende ao disposto da Lei 10.639/2003 que estabelece a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Africana no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileira. Atende, também, ao Parecer nº 003/2004 do

Conselho Nacional de Educação que apresenta Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Percebemos a necessidade na escola onde desenvolvemos o projeto de uma educação anti-racista para contribuir e construir entre os alunos uma relação menos preconceituosa e desigual, na tentativa de combater a violência e a evasão escolar que é maior no ensino médio, principalmente entre os alunos negros. O desenvolvimento deste projeto tem proporcionado uma ampliação no envolvimento dos alunos através de leituras, análises críticas e elaboração de textos, oportunizando refletir sobre a linguagem cinematográfica e suas ideologias, além da percepção dos recursos da língua em suas várias situações de uso social. Práticas de aprendizagem que objetivam o conhecimento histórico e literário sobre a formação da sociedade afro-brasileira e, em especial, a compreensão de como este conhecimento pode proporcionar reflexões e mudanças na vida cotidiana de jovens que residem em bairros periféricos e frequentam escolas públicas.

TÍTULO 36: Projetoteca: Uma partilha de experiência interdisciplinar

AUTOR(A): Alda Mendes Baffa

RESUMO: Projetoteca: Uma partilha de experiência interdisciplinar A experiência de professora formadora de professores para a Educação Básica (com 44 anos de Magistério) fez com que constantemente surgissem questionamentos sobre a organização da Escola e a formação para a docência. Causava inquietude a organização do tempo, do espaço na escola e a disposição rígida das disciplinas. Mas, o mundo mudou. Na sociedade informatizada e globalizada, a função da escola também mudou. Por isso, faz-se necessária a formação de professores com conhecimentos e competências para explicar aos alunos os fenômenos de maneira simples e mostrar a relação entre as disciplinas com uma visão interdisciplinar, e que tenha seu aluno como interlocutor na construção do conhecimento “tecido em rede”. As práticas pedagógicas devem ter por objetivo formar alunos como cidadãos críticos e capazes de interpretar os fenômenos da sociedade atual. A formação docente deve preparar os professores para novos desafios. A interdisciplinaridade surgiu no Brasil, na década de 1970, com o objetivo de mudança na organização disciplinar do currículo e, mais ainda, como mudança na forma de entender o mundo e as ciências. Optou-se, nesta pesquisa, pela ancoragem metodológica em Japiassu e Fazenda, que concebem a interdisciplinaridade como uma necessidade de combate à fragmentação do saber, propondo a interrelação das diversas áreas do conhecimento, possibilitando uma aprendizagem mais significativa. Buscou-se em Morin (2002) o sentido do “conhecimento em rede”, articulando os saberes. Para Fazenda (1976, p. 08), “a interdisciplinaridade não se ensina, nem se aprende, apenas vive-se, exerce-se e, por isso, exige uma nova pedagogia, a da comunicação”. Os projetos coletivos interdisciplinares, elaborados por alunos e professores do curso de Pedagogia, estão reunidos na Projetoteca, por mim organizada na disciplina de Didática, e é um espaço para pesquisa, consulta e elaboração de novos projetos que serão ministrados nos estágios dos futuros professores.

TÍTULO 37: CONFLITOS E POSSIBILIDADES DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL

AUTOR(A): Renata de Fátima Ceribelli

CO-AUTOR(ES): Renata Cristina Oliveira Barrichelo Cunha

INSTITUIÇÃO: Universidade Metodista de Piracicaba - UNIMEP

RESUMO: A presente pesquisa de mestrado tem por objetivo investigar os conflitos e as possibilidades que permeiam as práticas de um grupo de professoras de Educação Infantil de uma escola da rede pública municipal do interior do estado de São Paulo, sendo realizada em horário de formação continuada. Essa investigação reconhece as professoras como seres em contínua trans/formação na complexa tarefa pedagógica que se abre para o mundo contemporâneo e se desenha na possibilidade de responder as seguintes questões: Quais os conflitos, limites e possibilidades dos professores de Educação Infantil no exercício de suas práticas? Quais os desafios que estão postos para a formação continuada desses professores? Entendendo que a escola é um lugar onde os professores aprendem a sua profissão (CANÁRIO, 1999, 2000) e que ela “transforma-se em lugar de formação prioritária diante de outras ações formativas” (IBERNÓN, 2004, p. 80), esta pesquisa foi desenvolvida durante três encontros nos Horários de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPCs). Os dados foram produzidos a partir de reflexões escritas das professoras acerca dos objetivos legais da Educação Infantil e a relação de complementaridade entre escola/família, bem como de discussões audiogravadas e transcritas que tomaram esses textos como parâmetros de discussão. Cabe ressaltar que esta pesquisa vem sendo realizada pela diretora da escola, que se insere também como pesquisadora e tem como atividade, dentre as múltiplas funções, a organização da formação continuada dos professores no HTPC. As análises iniciais dos textos expõem embates, crenças, valores e ideais docentes que permeiam as relações pedagógicas do cotidiano escolar, revelando conflitos e confrontos histórico-culturais que podem informar necessidades para a formação continuada de professores de Educação Infantil.

TÍTULO 38: DIFICULDADES ENCONTRADAS POR PROFESSORES DE MATEMÁTICA NO ENSINO DE GEOMETRIA

AUTOR(A): Jamile Aparecida Saulino dos Santos

INSTITUIÇÃO: Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP

RESUMO: A Geometria é uma área da Matemática e está muito presente no nosso cotidiano. Vivemos cercados de objetos cujas formas são geométricas. A natureza é repleta de exemplos geométricos, basta observarmos o casco da tartaruga, a espiga de milho, os alvéolos das abelhas. Crescenti (2008), Pavanello (1989), Lorenzato (1995) salientam a relevância da Geometria por ser uma área rica em aplicações práticas; auxiliar na resolução de problemas; contribuir na aquisição, por parte dos alunos, de habilidades como: observar, comparar, descrever, construir, tocar, abstrair, generalizar; além de auxiliar na criatividade, iniciativa, flexibilidade de pensamento, argumentação e na percepção espacial. Apesar de sua relevância percebemos que o seu ensino, no Brasil, foi relegado a segundo plano após o Movimento da Matemática Moderna. Causas e consequências desse abandono são apontadas por Lorenzato (1995), Gazire (2000), Nacarato (2002), Pavanello (1993), como a formação inicial deficitária e conseqüentemente a deficiência de conhecimento geométrico por parte do professor, falta de formação continuada; a não compreensão dos professores da importância da formação dos conteúdos geométricos para o desenvolvimento matemático. A pesquisa busca compreender quais dificuldades os professores encontram para ensinarem os conceitos de perímetro e área, visto os baixos índices em torno dessas grandezas geométricas apresentadas no SARESP 2007 e 2008. Participam da pesquisa 3 professores de Matemática de uma escola estadual do interior do Estado de São Paulo. As primeiras análises apontam que os professores não dominam os conteúdos geométricos e a maneira de ensiná-los. Tardif (2002) e Carvalho (2002) consideram que a ausência do conhecimento transforma o professor num transmissor mecânico dos conteúdos.

TÍTULO 39: DESAFIOS E POSSIBILIDADES DE INCLUSÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA VISUAL NO ENSINO SUPERIOR

AUTOR(A): Maria Lúcia Holanda

CO-AUTOR(ES): Renata Cristina Oliveira Barrichelo Cunha

INSTITUIÇÃO: Universidade Metodistas de Piracicaba - UNIMEP

RESUMO: O presente estudo de mestrado discute a inclusão da pessoa com deficiência visual no ensino superior. O Brasil conta com amplas legislações, decretos e pareceres que legitimam e asseguram o direito a educação de pessoas com deficiências em todos os níveis de ensino. Porém, essa discussão aponta para a desconexão entre as promessas e ações oficiais e a efetivação das práticas inclusivas no contexto das instituições universitárias. Promover o acesso ao ensino superior não garante a permanência dos alunos na instituição, tampouco a qualidade do aproveitamento escolar. A revisão de dissertações e teses sobre práticas de inclusão nas instituições de ensino superior refere-se, em particular, às oportunidades e políticas de acesso, não revelando e problematizando de que modo esses alunos vivenciam a inclusão e como são acompanhados ao longo da sua trajetória acadêmica. A partir dessa lacuna, a pesquisa pretende investigar as necessidades dos deficientes visuais que ingressam no ensino superior e as condições institucionais que devem ser garantidas pelas faculdades e universidades para que o aluno com deficiência visual construa sua autonomia como estudante. As questões que orientam a pesquisa são: A partir de seu ingresso, como os estudantes deficientes visuais são acolhidos? Como são orientados na rotina acadêmica? Como os professores e colegas participam do processo de inclusão? De que modos os estudantes com deficiência visual podem construir sua autonomia na vida acadêmica universitária? A pesquisa pretende, ainda, compreender o papel do professor universitário como mediador e facilitador de oportunidades para esse aluno considerando o referencial teórico de Fontana (2006), Gadotti (1991), Mantoan (2002), Mazzota (1996), Mendes (2001), Pimenta (1999), Stainback (1999), Schön (1991); Wanderley (2001), Valdés (2006), Sguissardi (1999), Sawaia (2001), Zeichner (1992), Nóvoa (1991), que valorizam, entre outros aspectos, a ação reflexiva do professor frente aos desafios postos no cotidiano.

TÍTULO 40: Reagrupamento: uma estratégia de trabalho a favor da aprendizagem das crianças

AUTOR(A): Márcia Cristina Gonçalves

CO-AUTOR(ES): Juliana Cristina Chaves Buldrin

INSTITUIÇÃO: Prefeitura Municipal de Hortolândia

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo compartilhar sobre o desenvolvimento da prática de Reagrupamento de crianças em classe de alfabetização, como estratégia em favor da aprendizagem dos estudantes. Sabemos que a leitura e a escrita ocupa lugar de destaque nas discussões acerca da aprendizagem e apesar da variedade de teorias e métodos, um grande número de crianças não consegue aprender ou apresentam falhas em seu processo de alfabetização. Pensando nisso, observamos a necessidade da busca de estratégias para potencializar o processo de ensino e aprendizagem. No intuito de amenizar as dificuldades no trabalho de alfabetização com sala numerosa, muito heterogênea e com crianças que apresentam dificuldade de aprendizagem, a proposta foi desenvolvida junto a salas de 1º ano em 2009 e continua em desenvolvimento em 2010. As crianças são reagrupadas por nível de escrita duas vezes na semana. São realizadas atividades e intervenções específicas de acordo com os níveis de escrita dos grupos. Através de trabalho compartilhado do ensino, dos

êxitos e dificuldades da sala de aula, as professoras têm a oportunidade de socializar e planejar de forma colaborativa na busca pela aprendizagem de todos os alunos, em constante diálogo e interlocução com a coordenação pedagógica. As Horas de Trabalho Pedagógico Coletivo se configuram em espaço privilegiado de formação e para o planejamento e socialização do trabalho, pois é necessário que o professor conheça os alunos, saiba o que pretende ensinar e tenha clareza dos objetivos e atividades que serão propostas. Esta estratégia de trabalho tem nos dado condições de visualizar avanços consideráveis nas aprendizagens, e o fortalecimento do trabalho coletivo docente.

TÍTULO 41: A EXPRESSÃO DOS SENTIMENTOS NA ESCOLA E A UTILIZAÇÃO DE JOGOS

AUTOR(A): Mariana Guimarães

INSTITUIÇÃO: UNICAMP

RESUMO: Constata-se que, na escola atual, a principal tarefa desta última é fornecer instruções relacionadas aos conteúdos, ou seja, às matérias como matemática, português, história, etc. Muitas vezes, não levando em conta o desenvolvimento do ser humano como um todo, esquece-se ou acha-se uma perda de tempo trabalhar com a manifestação de sentimentos, a afetividade e o autoconhecimento dos alunos. Defendendo a idéia de que estes últimos aspectos são de suma importância ao desenvolvimento integral do ser humano, o presente relato tem por objetivo apresentar um trabalho realizado em uma quarta série do Ensino Fundamental de uma Escola Pública na cidade de Vinhedo, que visou a aplicação de Jogos de Sentimentos na busca do autoconhecimento e de soluções para a resolução de conflitos. Após um ano de trabalho em uma classe com 26 alunos compreendidos entre 09 e 14 anos de idade, concluiu-se que, em um ambiente cooperativo, onde se prevalece o respeito mútuo, e em um ambiente democrático, onde todos participam nas tomadas de decisões através de assembléias e avaliações constantes, os Jogos de Sentimentos ajudaram a formar alunos mais autônomos, que passaram a respeitar os outros e a respeitarem a si próprios. Além disso, auxiliaram no desenvolvimento da empatia, da cooperação, da estima aos outros e da auto-estima, na compreensão, na comunicação, na tolerância, na solidariedade, enfim, ajudaram, cada vez mais, as crianças a desenvolverem maior autonomia na busca de soluções para seus conflitos.

TÍTULO 42: Intencionalidade político-pedagógica do trabalho do educador da Educação Infantil

AUTOR(A): Adriana Missae Momma, Flávia Cunha Botacini, Maria José Lippaus

CO-AUTOR(ES): Neusa Lopes Bispo Diniz, Waldina Regina Vaz de Lima

INSTITUIÇÃO: Prefeitura Municipal de Campinas

RESUMO: O presente texto é fruto de uma produção coletiva de um grupo de educadores de uma das Escolas de Educação Infantil da Rede Municipal de Campinas. Durante o ano de 2009, este coletivo de educadores foi responsável pelo denominado “agrupamento III”, constituído por crianças que variam na faixa etária de 03 a 06 anos de idade. No contexto do Trabalho Docente Coletivo e Individual (TDC e TDI) este coletivo de educadores assumiu o desafio de sistematizar uma produção de conhecimento que explicitasse as concepções de educação que vem sendo vivenciadas. O eixo que norteou a produção do grupo foi pensar em “cenas do cotidiano” que fossem significativas e representativas do currículo que vem

sendo proposto e vivenciando no cotidiano da Escola com as crianças do respectivo agrupamento. Emergiram inúmeras possibilidades e consensuou-se da importância de aprofundar um diálogo, reflexão e estudo sobre a dimensão da intencionalidade do Trabalho Político-Pedagógico. Durante os diálogos formativos (TDC e TDI), observou-se a existência de diferentes idéias e concepções em relação a compreensão/vivência sobre o significado da intencionalidade na elaboração e realização do trabalho pedagógico. Neste contexto, compreendeu-se que o cotidiano do trabalho do educador na interação com crianças e demais educadores é revelador das concepções de educação que se deseja forjar. Esse processo não é linear, nem “puro”. Por mais que se tenha claro ou se intencione consolidar o trabalho político-pedagógico, desde uma perspectiva transformadora, emancipatória e humanizadora, há momentos em que é perceptível observar contradições que necessitam ser revisitadas. Para tanto, o momento de parada, de produção de conhecimento sobre o que vem sendo produzido pelos educadores-crianças constitui-se essencial no trabalho do profissional da educação. Nesta perspectiva, o registro analítico de certas propostas pedagógicas vivenciadas com as crianças, constituiu-se como instrumento de reflexão das concepções de educação-sociedade que vem sendo forjadas nesta escola. AUTORES: Adriana Missae Momma, Flávia Cunha Botacini, Maria José Lippaus, Adriana Nascimento da Silva, Fernanda Papini, Márcia Bezerra e Marina Derobio. CO-AUTORES: Neusa Lopes Bispo Diniz, Waldina Regina Vaz de Lima (em virtude de o sistema não processar a informação correta, dos autores e co-autores, faça constar novamente).

TÍTULO 43: NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS: REFLEXÕES A PARTIR DO COTIDIANO ESCOLAR E DA PRÁTICA

AUTOR(A): Adriana Fernandes de Faria

CO-AUTOR(ES): Admir Soares de Almeida Junior

INSTITUIÇÃO: Instituto Superior de Educação Anísio Teixeira / Fundação Helena Antipoff

RESUMO: A construção deste trabalho nasceu da necessidade de entender parte das minhas experiências docentes como professora de educação física, compreendendo-as como experiências de cunho político-pedagógico que estão relacionadas ao contexto escolar e aos seus sujeitos. O presente trabalho apresenta reflexões a partir de narrativas autobiográficas do cotidiano escolar e da minha prática docente em Educação Física em escolas públicas de ensino fundamental. Trabalhei com a construção de narrativas como recurso teórico e metodológico entendendo-as como elemento significativo de meu processo de formação e desenvolvimento pessoal e profissional. Para tanto, lancei mão dos seguintes eixos de análise: Por que construir narrativas? ; a escola e os seus sujeitos; as relações étnico raciais e de gênero que se estabelecem nesse espaço e alguns desafios da prática pedagógica em educação física, com o intuito de melhor compreender esse complexo espaço social, bem como as relações que nele se estabelecem. O movimento da escrita autobiográfica foi necessário e formativo. Ser professora é estar permanentemente em um estado provisório, itinerante, a partir das nossas experiências, que necessitam ser lembradas, repensadas, interrogadas, esclarecidas e refletidas. A construção de narrativas foi entendida como uma importante ferramenta de análise do cotidiano escolar com a intenção de sensibilizar e mobilizar os demais sujeitos da escola, por acreditar que a escrita constitui um movimento estratégico de reafirmar o direito à formação continuada, em que os docentes são sujeitos autores desse processo.

TÍTULO 44: FORMAÇÃO CONTINUADA DO PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO DA PRIMEIRA INFÂNCIA

AUTOR(A): Elaine Regina Cassan

CO-AUTOR(ES): Adriana Missae Momma

INSTITUIÇÃO: Prefeitura de Campinas - Rede Municipal de Educação

RESUMO: O presente texto tem como objetivo apresentar o relato de uma experiência formativa com educadores da Primeira Infância (0-3 anos) em um dos Núcleos de Ação Educativa Descentralizada que compõem a Secretaria Municipal de Educação de Campinas. O processo formativo que foi realizado no segundo semestre de 2009 e diz da possibilidade de contribuir para os diálogos e debates mais amplos que vem sendo forjados ao longo de muitas lutas e conquistas no que diz respeito a educação infantil no país. O relato cumpre a função de apontar avanços em relação a vivencia do direito da criança à infância numa região da cidade e indicar alguns dos desafios que permeiam o trabalho do profissional da educação da infância no cotidiano revelado, problematizado e transformado pelas educadoras (“agentes e monitores da educação infantil”). As educadoras que participaram do Curso de Formação intitulado “Formação para Agentes e Monitores da Educação Infantil Planejando Espaços e Tempos Para o Trabalho Educativo com crianças de 0 a 3 anos” constituem-se todas, colaboradoras da presente produção, uma vez que atuaram e fomentaram o diálogo político-pedagógico com suas vivencias, inquietações, demandas e perspectivas para o trabalho cotidiano com as Margarete crianças Além destas, as Coordenadoras Pedagógicas que dialogaram conosco durante todo o processo formativo como representantes da Secretaria Municipal de Educação de Campinas – NAED SUL. Nota: Segue nomes das profissionais colaboradoras deste artigo: Diana Julia S. Vignatti, Sandra Aparecida Fátima G. Grandini, Susan Rosemary Cossa Guidetti, Maria Lúcia de Jesus e Simões, Maria Conceição G. C. França, Aldrei Benedita Pereira de Souza, Priscila Tassarolo Felipe, Ivone Maria Vieira Puelker, Ana Cristina Cabral da Silva, Sonia Eloisa Morales, Brasilina Maria Rocha, Fátima Aparecida de Faria Lima, Heloisa Martins Camargo de Lima, Renata Helena Cabrini Z. Oliveira, Olívia Aparecida de Faria, Maria Cristina dos Santos Sampaio, Dulcinéia Márcia da Paz Barros, Márcia Andréa Okuda, Silvana da Cruz, Sarita Fernanda Ferreira, Vanessa Mendes, Geisa Elaine C. Almeida, Maria Joana da S. Camoleis, Tatiana Aparecida T.M. Juliatto, Lilia Marcia de Alcântara. Coordenadoras Pedagógicas/NAED Sul: Montanhaur, Renata Esmi Laureano, Miriam Benedita de Castro Camargo, Maria Regina Teixeira e Clélia Santana Leal.

TÍTULO 45: O TRABALHO COM PROJETOS: ASPECTOS RELACIONAIS COMO PONTO DE PARTIDA

AUTOR(A): Dóris Aparecida Estevam Barreto

CO-AUTOR(ES): Luciene Mastrandrea; Sílvia Helena Pezzin Vezalli; Zirlene Scardovelli

INSTITUIÇÃO: EMEI Agostinho Pattaro – SME/Campinas

RESUMO: Muitas têm sido as interpretações do que seja trabalhar com projetos: alguns defendem que seus temas devam ser concebidos pelos alunos, outros, entretanto, acreditam que deva ser o próprio professor, dotado de intenção educativa, quem deva fazê-lo, para evitar o espontaneísmo, freqüentemente observado em muitas ações pedagógicas. Ao pensarmos uma Pedagogia de Projeto de Trabalho, nos ocupamos de classes de agrupamentos constituídos não somente por crianças de quadros clínicos diversos, como também, diferentes faixas etárias. Em tais classes fica evidente a importância a ser atribuída às relações que são estabelecidas, seja da criança com ela própria, ou com outras crianças, ou ainda, da criança em

relação a outros adultos, e mais, com elementos da natureza ou com os conhecimentos. Assim, os conteúdos a serem desenvolvidos emergem dessas relações e incluem todas as crianças, tendo como referência as diferenças a serem observadas em cada um dos sujeitos envolvidos, entendidas como essenciais ao enriquecimento do processo educativo. Em nosso fazer pedagógico acreditamos que conteúdos, por serem significativos, encontram ressonância tanto no próprio educador, quanto nos aprendizes, uma vez que estes estão carregados de sentidos vivenciais e de aceitação das dissonâncias. Nesse sentido, em nossa Unidade Escolar, o espaço educativo ocupado pela horta oferece-se como elemento desencadeador de ações pedagógicas por permitir que vivências em grupo se desenvolvam em múltiplas atividades, tais como, compostagem, sementeira, rega, colheita e observação de pequenos animais. Nesse contexto, o papel do professor destaca-se como sendo facilitador dos diálogos entre as crianças e o meio, ao buscar as atuações de forma autônoma e participativa e compartilhar, no grupo, com os conhecimentos que enriqueçam a experiência de todos. Sendo assim, o educador apresenta-se não como detentor de todo o conhecimento, mas como um constituinte do grupo que também aprende.

TÍTULO 46: Música popular brasileira, arte e cultura na educação de zero a três anos

AUTOR(A): Dáfine Reis Pereira Caberlin

CO-AUTOR(ES): Iraí Aparecida de Oliveira Soares; Renata Reis Pereira Matiello Fonseca

INSTITUIÇÃO: Prefeitura Municipal de Campinas

RESUMO: Imaginando que a infância deve ser doce e vivida intensamente, nós professoras de crianças de 0 a 3 anos, do CEMEI Maria da Glória Martins, da Rede Municipal de Campinas, buscamos contemplar em nosso fazer pedagógico ações indissociáveis que envolvem cuidar e educar aliadas a situações que dão sentido à vida e fazem com que ela não seja nem curta, nem longa demais, mas verdadeira e pura. Procuramos, no Projeto Pedagógico deste ano, estabelecer um diálogo entre música popular brasileira e pinturas de grandes artistas nacionais, interrelacionando as produções culturais de nosso país às diversas linguagens e à história de vida da criança e de sua família. Considerando as necessidades e os interesses das crianças, o planejamento deu-se a partir das músicas dos compositores Toquinho, Chico Buarque de Holanda e Vinícius de Moraes principalmente, e da produção de escritores e pintores da arte NAIF brasileira, como Romero Britto e Heitor do Prazeres. Cada turma tem uma mascote representando seu compositor que participa das atividades diárias e visita as famílias das crianças, estreitando os elos entre escola e família. Organizamos tempos e espaços para que bebês e crianças pequeninas participem de momentos significativos e prazerosos, vivendo intensamente a oportunidade de experimentarem novas sensações, explorarem diferentes materiais e lugares. Cada olhar, cada gesto, cada fala da criança é considerada e valorizada promovendo a reflexão sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas e o replanejamento das ações e das posturas das educadoras. Voltamos nosso olhar às crianças “como se as tivessem vindo pela primeira vez – para onde olham, como olham, qual o tempo do seu olhar, como exploram os materiais, como interagem entre elas e com o adulto” (HOLM, 2007) e assim trilhamos caminhos no intuito de desafiar a criança a ousar, experimentar, persistir, descobrir. Educação Infantil/ Linguagens/ Música Popular Brasileira

TÍTULO 47: Educação Alimentar na Educação Infantil de zero a três anos

AUTOR(A): Renata Reis Pereira Matiello Fonseca

INSTITUIÇÃO: Prefeitura Municipal de Campinas

RESUMO: O Programa de Educação Alimentar “Comer com prazer: descobrindo as delícias de uma alimentação saudável”, vem sendo desenvolvido no CEMEI Maria da Glória Martins há 6 anos. Esta, uma instituição de Educação Infantil que atende crianças do nascimento aos 3 anos de idade, na Rede Municipal De Campinas. Conscientes de que toda escola é um espaço privilegiado na formação de valores e hábitos, empenhamo-nos em tornar a Educação Alimentar mais que um tema, mas em uma meta de nossa prática pedagógica cotidiana. De uma maneira envolvente procuramos motivar nossos pequeninos, cuja faixa etária compreende uma fase muito importante do desenvolvimento humano, a habituarem-se com a degustação e o consumo de alimentos ricos em nutrientes e sabor. Procuramos provocar mudanças nos comportamentos alimentares das crianças e de suas famílias, colaborando com a superação de algumas dificuldades muito comuns e buscando trabalhar conceitos e práticas relacionadas à saúde e ao bem estar do ser humano, num processo interligado e contínuo com a prática educativa do cuidar e educar, inerentes a essa etapa da Educação Básica. Utilizamos diversas estratégias para trabalharmos a educação alimentar com nossas crianças de forma lúdica e prazerosa: contamos histórias com diferentes instrumentos, realizamos dramatizações com degustação do alimento apresentado, fazemos uma brincadeira denominada “Pequeno cozinheiro”, pesquisamos folhetos de ofertas de hortifrutis, fazemos culinária, modelagem de frutas, oferecemos palestra com nutricionista para as famílias, confeccionamos cadernos de receitas contendo informações e todos os alimentos que foram preparados com as crianças ao longo do ano e implantamos o autosservimento nos momentos de refeição. O cultivo da horta, também é prática em nosso ambiente por tratar-se de um laboratório vivo, que possibilita o desenvolvimento de atividades de plantio, cuidado e colheita de verduras e legumes pelas crianças, possibilitando também a orientação acerca da educação ambiental e da sustentabilidade, assuntos tão pertinentes na atualidade.

TÍTULO 48: Características da relação aluno-aluno na aprendizagem extraclasse de Ciências

AUTOR(A): Natália Oliveira Totti de Lara

CO-AUTOR(ES): Mariáh Damiani; Simone de Andrade; Susana Dreveck; Daniela Tomio

INSTITUIÇÃO: Universidade Regional de Blumenau

RESUMO: Como os alunos estudam para as atividades de Ciências no período extraclasse? Qual a importância que atribuem ao estudo com os colegas? Quais as características das relações que estabelecem com os seus colegas, nas práticas de estudo em grupo? Essas e outras questões resultaram em uma pesquisa que teve como objetivo geral caracterizar as relações entre aluno-aluno na aprendizagem de conhecimentos científicos em Ciências no período extraclasse. Pressupõe-se que compreender como essa relação de aprendizagem acontece, fora da escola, é fundamental para identificar outras dimensões que contribuem para a aprendizagem. Diante disso, realizou-se uma pesquisa com alunos de uma turma de sétima série de uma escola pública do município de Blumenau/SC. A coleta de dados foi realizada primeiramente aplicando um questionário. Posteriormente, realizou-se uma entrevista semi-estruturada com os estudantes que relataram no questionário que estudavam ciências em grupo, no período extraclasse. Das respostas, foram elaboradas quatro categorias de análise: a linguagem, as novas tecnologias no estudo de grupo, a descontração desse tipo de relação e o vínculo nas interações. Observou-se a partir das falas dos alunos que a linguagem utilizada entre aluno-aluno nas explicações seria mais compreendida entre os mesmos, quando comparada com àquela utilizada pelo professor; a utilização da Internet facilita o contato para troca de informações; o ambiente criado fora da escola, pelos grupos de estudo, seria menos informal e o vínculo criado entre eles facilita a exposição das dúvidas. Em síntese, as

características identificadas na pesquisa, podem incentivar o professor de Ciências a organizar propostas de trabalho que estimule essas formas de interação, dentro da sala de aula, para aprendizagem de conhecimentos científicos.

TÍTULO 51: A AFETIVIDADE E A GESTÃO EDUCACIONAL: COMPROMISSOS E DESAFIOS DE UM LUGAR NA ESCOLA

AUTOR(A): CLÁUDIA REGINA SQUARIZZI BITTENCOURT

INSTITUIÇÃO: PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS

RESUMO: A problematização desse trabalho surge da pesquisa e da experiência vivenciada cotidianamente, por mim, na instituição escolar. Meu objetivo nessa exposição é relatar a investigação e os aspectos da dinâmica afetiva no contexto escolar, do ponto de vista da gestão institucional, mais especificamente, do lugar que ocupo como vice-diretora. Tendo em vista a instância legal de regulamentação do cargo e a ocupação desse lugar assumido, como vice-diretora; proponho-me a investigar a dinâmica das relações na escola, entendendo que essa posição demanda a mediação em várias instâncias: entre direção e instâncias superiores; entre direção e participantes na escola; entre escola e comunidade; entre os professores (efetivos e substitutos) integrantes do corpo docente; entre professores e alunos, professores e pais, pais e alunos, alunos e funcionários, funcionários e professores, etc. A dinâmica dessas relações cotidianas é o foco do presente estudo. Como as atribuições acima descritas se refletem e se realizam no cotidiano da escola? Para efeitos desse trabalho, vou privilegiar as relações entre escola e comunidade e entre a vice-diretora e alunos. Com base em alguns relatos de situações, pretendo problematizar algumas questões. Quais são as demandas nessas intermediações? Como o trabalho da gestão escolar pode ser marcado pelas questões do afeto? Como podemos conceber a questão da afetividade e, ainda, como ela interfere na gestão educacional?

TÍTULO 53: Apreciação Musical na Educação Infantil

AUTOR(A): Marta Raquel de Araújo Lima Moreira

INSTITUIÇÃO: SME/Campinas

RESUMO: O trabalho a ser apresentado refere-se a um Projeto de Apreciação Musical, que vem sendo realizado em quatro turmas de Educação Infantil, na EMEI Renascer e na EMEI Shangai, neste ano corrente. As turmas são compostas por cerca de 16 crianças, com idades entre 3 e 6 anos de idade. O objetivo do projeto é a oportunidade do acesso, contato e convivência da criança com os conhecimentos musicais, de forma a permitir que a música se torne presença fundante na constituição do indivíduo, e perceptível na realidade cotidiana. A importância da Música e dos conhecimentos musicais em nosso cotidiano é inegável e ilimitada. Se, por um lado temos a consciência de que é extremamente importante em nossas vidas, por outro, depara-mo-nos com a falta de conhecimento musical, até mesmo por parte dos profissionais da educação. Através da música, uma das linguagens que, embora não privilegiada nas escolas, está presente em cada âmbito de nossas vidas, podemos chegar a diversos conhecimentos outros que, por sua vez, não são restritos somente ao campo da música, até mesmo como o raciocínio lógico, a lógica matemática, os processos científicos de observação, comparação e análise, as regras, expressão, socialização, os conhecimentos

culturais e históricos, entre outros. Durante este projeto, foi possível avaliar a importância da música, intrínseca ao ser humano, e o status e configurações que toma na vida de cada criança, no contexto em que se põe. Também foi possível acolher dos profissionais envolvidos a percepção e o conceito de música que possuem, e que direta e indiretamente direcionam seu fazer.

TÍTULO 54: A música como fio condutor de práticas educativas

AUTOR(A): Márcia Aparecida Portella Modenutti

INSTITUIÇÃO: Prefeitura Municipal de Campinas

RESUMO: A partir do Projeto Pedagógico da EMEI Pinóquio, instituição de Educação Infantil da Rede Municipal de Campinas em que trabalho, que possui como tema central neste ano a Música Popular Brasileira e sua relação com as diversas linguagens, selecionei músicas do compositor Guilherme Arantes para disparar as práticas desenvolvidas com as crianças da minha turma. Assim, a música foi o fio condutor de diferentes situações experienciadas com as crianças, possibilitando o ouvir, o cantarolar, o dançar, o brincar, o realizar-se com brinquedos rítmicos, buscando desenvolver o gosto musical e a vivência de elementos estruturais dessa linguagem. O trabalho procura dar oportunidade de viver a música, apreciando, cantando e criando som, respeitando as diversas formas de expressão. Considerando como muito relevantes as questões ambientais, ouvindo, lendo cantando e interpretando as músicas de Guilherme Arantes dialogamos diariamente com a temática do meio ambiente, com os elementos naturais, o lixo e a reciclagem e a preservação das espécies, pretendendo uma educação para uma vida sustentável. Através de músicas, literaturas, dramatizações, obras de arte, imagens, experiências científicas, reflexões coletivas e individuais, registro em portfólios, produções artísticas e construções tridimensionais, as crianças olham, sentem, descobrem, constroem e expressam saberes brincando. Entendendo-me como mediadora de cultura dentro de um processo educativo considero o aprendizado das artes na vida dos sujeitos produtores e reprodutores de cultura, procurando reconhecer todos os meios para criar situações que deem condições às crianças de construir conhecimentos. Porque como diria Fernando Pessoa “Grande é a poesia, a bondade e as danças, mas o melhor do mundo são as crianças.”

TÍTULO 55: A MÚSICA E SEUS ENCANTOS

AUTOR(A): Márcia da Silva Leite Viana

INSTITUIÇÃO: Prefeitura Municipal de Campinas

RESUMO: Atuando como professora da Educação Infantil, numa escola da Prefeitura Municipal de Campinas denominada EMEI Pinóquio, elaborei meu plano anual a partir do tema central do Projeto Pedagógico da escola - “MPB: Conhecendo a produção cultural brasileira através das linguagens e compondo a história e a cultura infantil” - utilizando músicas brasileiras de raiz como objeto disparador para desenvolver diversas situações na sala de aula e fora dela. Enquanto planejava não poderia imaginar o encanto que eu e meus pequenos iríamos ter com as canções de Renato Teixeira, Almir Sater, Pena Branca e Xavantinho e Dominginhos - compositores que enxergam a simplicidade das coisas da natureza e da natureza

humana envolvendo-nos num clima de alegria com seu jeito de cantar e contar descontraído, embalando os meus sonhos e os sonhos dos pequenos. Diariamente sentimos prazer em aprender e aprender por prazer: costumes antigos e novos, causos, comidas, meio ambiente, arte, construções tridimensionais, produções escritas, desenhos, dramatizações, amizades... Nossas mascotes caipiras Chico Bento e Rosinha, repletos de nostalgia, levam o trabalho desenvolvido na escola até a casa das crianças, e trazem de volta outras histórias e emoções. As músicas ouvidas, cantadas, sentidas e lidas pela turma, somadas às imagens das telas de Cândido Portinari, Marcelo Shismaneski e Eduardo Lima com sua família sertaneja possibilitam que o grupo, educadora e famílias se reconheçam e ao mesmo tempo se redescubram. Buscamos encontrar o relacionamento humano, a amizade sincera, a simplicidade, o olhar desavisado do voar dos passarinhos, das borboletas, de ver as flores desabrocharem, de ver besouros a virar dejetos... Como bem disse Rubem Alves "...a alma é seduzida pela beleza, possuída, deixa-se levar...", estamos possuídos pela música, por suas letras, poesias e melodias, que nos transportam ao universo brasileiro puramente sertanejo, deixando-nos levar a conhecer e a sentir algumas das muitas linguagens que envolvem este mundo mágico universalmente compreendido: A MÚSICA E SEUS ENCANTOS.

TÍTULO 56: Rock na Educação Infantil?! E aí, sou a Rita Lee.

AUTOR(A): Adriana Aparecida Couto

INSTITUIÇÃO: Prefeitura Municipal de Campinas

RESUMO: Durante esse ano de 2010 estamos voltando nosso olhar para a música e, mais precisamente, para renomados compositores da música popular brasileira. A compositora que minha turma está trabalhando é a Rita Lee. Ao mesmo tempo que percebi ser algo inovador, pensei que as crianças não estivessem familiarizadas com esse ritmo e por isso haveria uma certa resistência. Porém, na primeira vez que ouvi uma música dela junto com as crianças, elas disseram: "É rock!" E começaram a mexer o corpo e a dançar. Iniciamos então nossa viagem por algumas músicas da roqueira e sua irreverência, conhecendo melhor essa compositora. O nome de nossa turma foi escolhido após eleição com as crianças e é um dos títulos da Rita Lee: Mamãe Natureza. A escola também confeccionou uma boneca que caracterizamos como Rita e eles levam para casa. Sempre realizamos a escuta sensível das músicas, a leitura da letra, a pesquisa do que é desconhecido ou interessante para o grupo, nos expressamos corporalmente através da música, ilustramos as letras e relacionamos com algumas obras de arte de Wander Melo, um artista plástico do norte do Brasil. As crianças não demonstram nenhum preconceito e isso torna o trabalho mais autêntico e prazeroso. Curtem as músicas da Rita Lee, ouvem com atenção, pedem para eu falar a letra e cantam com emoção, tocando instrumentos imaginários. Fico arrepiada de ouvir quando eles cantam. Pedem para eu colocar a música a toda hora. Estão superando minhas expectativas. Há uma entrega total. À medida que fomos conhecendo melhor as letras da Rita Lee, percebemos o quanto ela é irreverente, brincalhona e sarrista. A intensidade com que as crianças cantam e dançam as músicas fazem com que percebamos que a familiaridade com essa compositora nos proporcionou uma certa leveza, regada a muita agitação e brincadeira.

TÍTULO 57: Diversidade Cultural

AUTOR(A): Daniela Pereira de Moraes Elias

CO-AUTOR(ES): Maria Isabel Donnabella Orrico

INSTITUIÇÃO: EMEF Padre Francisco Silva

RESUMO: Apresentamos o trabalho desenvolvido com os quartos anos da EMEF Padre Francisco Silva de Campinas, por ocasião da Copa do mundo de 2010. Aproveitando o ano da Copa e a curiosidade das crianças acerca dos diferentes países, realizamos um estudo dos povos de diferentes culturas, focando que cada país tem culturas, costumes, religiões, línguas próprias, pensamentos diversos. Porém, neste momento de copa, as pessoas, ao invés de impor seus jeitos diferentes, reúnem-se para uma competição e, ser diferente, é poder conviver e compartilhar com cada povo, os seus costumes, línguas, religiões, sua atitude, até os valores espirituais e culturais. O estudo também contemplou o enfoque de que nem sempre o encontro de culturas diversas permite um diálogo respeitoso e que a própria história do nosso país mostra isso. O trabalho fez-se importante, na medida em que os alunos puderam refletir sobre as diferenças culturais como forma de conhecimento, para o entendimento da formação do povo brasileiro e de valorização e respeito ao outro que está ao nosso lado. O trabalho culminou com a apresentação de livros, cartazes, apresentação teatral e de data show em um festival literário ocorrido na referida escola.

TÍTULO 58: Vivenciando a Poesia no Ensino Fundamental

AUTOR(A): Rosemeire Aparecida Trebi Curilla

INSTITUIÇÃO: Universidade Federal de São Carlos

RESUMO: O projeto Vivenciando a Poesia teve início em março de 2006 como uma atividade de extensão universitária da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e integra desde o mês de maio de 2007 o Eixo 2 - Fomento à leitura e à formação de mediadores do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL). Esta ação proporciona principalmente às crianças do Ensino Fundamental das Escolas de São Carlos e região um contato prazeroso com o universo poético, incentivando o hábito da leitura e despertando o amor pelos livros. Após contato com escolas para agendar as atividades, realiza-se a capacitação dos bolsistas. A equipe faz a seleção criteriosa de poemas para a faixa etária a ser atendida e prepara o material didático-pedagógico para cada encontro a ser realizado. A poesia é trabalhada utilizando-se três recursos básicos: a música das palavras, a visualidade e o jogo com o significado, por meio de brincadeiras orais, leituras expressivas, declamações, composição de poemas, dramatização, música, expressão corporal e artística. São realizados saraus com exposição da produção dos participantes em locais específicos e divulgações dos trabalhos dos alunos em jornal, como forma de valorização e incentivo à produção de textos. Depois de cada atividade a equipe realiza a reflexão sobre a prática de cada membro e do grupo. Os encontros são realizados na Biblioteca Comunitária da UFSCar, nas escolas e em biblioteca públicas e atingiu, até o momento, cerca de 2.000 pessoas. Os bolsistas vinculados ao projeto, alunos de licenciatura da UFSCar, tem a oportunidade de colocar em prática a teoria adquirida em sala de aula, de exercitar a reflexão sobre a própria prática docente e de compreenderem o importante papel do mediador da leitura. A extensão universitária é um caminho indispensável de mão dupla em que ocorrem trocas de saberes entre a universidade e a escola.

TÍTULO 60: Núcleo de Pais: uma experiência de aproximação entre famílias e escola

AUTOR(A): Maria Ângela de Melo Pinheiro

CO-AUTOR(ES): Edna Scola Klein; Ítala Nair T. Rizzo; Mabel Servidone; Maristela Marçal; Mônica Ma

INSTITUIÇÃO: Prefeitura Municipal de Campinas

RESUMO: Esta comunicação pretende narrar a experiência do Projeto “Núcleo de Pais” vivenciado na escola desde 2006. Esse projeto surgiu da necessidade de aproximarmos família e escola com o objetivo de juntas pensarmos a educação de nossas crianças e jovens. Visando garantir maior participação das famílias na escola, fortalecendo o diálogo e buscando uma aproximação com a cultura da comunidade com a qual trabalharmos, esse projeto configura-se como um espaço no qual pais e os educadores se encontram para compartilhar idéias, angústias e dilemas, e juntos, pensarmos em como agir em determinadas situações, refletindo sobre o papel da escola e da família na educação. Em cada reunião (mensal ou bimestral), há um tema a ser trabalhado que é escolhido pelos próprios pais ou pelos educadores, como limites, conflitos, sexualidade, questões geracionais, valorização da vida, bullying, o uso da Internet, entre outros. Cada encontro é organizado com uma dinâmica inicial (filme, texto, teatro...) para motivar as discussões e trocas de experiências, com o objetivo de nos “empoderarmos” para o entendimento de nossos papéis na educação das crianças e adolescentes. Um dos pressupostos é que possamos ouvir e deixar os pais falarem e se colocarem mais durante as discussões. Algumas reuniões ocorrem na forma de palestras com algum especialista. O projeto, ao longo dos anos, tem tido resultados positivos. Um grande desafio ainda é o de incentivar uma maior participação das famílias nos encontros do Núcleo de Pais, de modo a concretizar nosso sonho em ampliar o diálogo com as famílias.

TÍTULO 61: GEFEL, MAIS DE UMA DÉCADA: O QUE AINDA NOS MANTÉM UNIDAS?

AUTOR(A): Margarida dos Santos

CO-AUTOR(ES): M^a da Penha; Zilda Chaves; Lívia Pimentel; Cintia Pio; Elaine; Renata; Ana Paula

INSTITUIÇÃO: CAp-UERJ e CAp -ISERJ

RESUMO: GEFEL, MAIS DE UMA DÉCADA: O QUE AINDA NOS MANTÉM UNIDAS? Margarida dos Santos igasantos@ hotmail.com Maria da Penha Eloy Lívia dos S. C. Pimentel Elaine Matias, Cintia Pio Ana Paula Venâncio Renata Alves Zilda chaves Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro CAp. ISERJ – Mariz e Barros 273/RJ Existem no chão de cada escola professoras e professores que têm criado possibilidades de trabalho pedagógico, na ação cotidiana de repensar suas práticas e imaginar novos caminhos e atalhos. As professoras que constituem o GEFEL- Grupo de Estudo e Formação de Escritores e Leitores também compartilham desta prática. O que queremos? Transformar a escola pública num espaço de qualidade para todos. Assim, o início da década de 90, começamos a investir num projeto de alfabetização que se apresentava na contramão das práticas pedagógicas hegemônicas, que se afastasse do uso das cartilhas, da gradação de supostas dificuldades da língua além dos exercícios mecânicos e mecanicistas. A necessidade de pertencimento é um dos motivos que tem nos encorajado a suportar no chão da escola as várias tentativas de desmantelamento do projeto de alfabetização que procuramos implementar. Os encontros do GEFEL têm nos permitido viver uma experiência(Larossa) em que ajudadas por pares mais experientes, vamos nos tornando protagonista de nossa prática. Vamos dizendo para onde desejamos ir e o que precisamos estudar ao ompartilharmos nossas práticas carregadas de alegria e de angústias. O GEFEL têm se transformado em mais um espaço onde podemos viver o processo de

aprenderensinar(Alves) tanto com crianças, quanto com outras professoras. Arriscaríamos dizer, ainda, que o fato de nos colocarmos o desafio de sermos leitoras de nossas práticas e narradoras de nossas experiências, faz de cada uma de nós professoras pesquisadoras (Zaccur)em potencial.

TÍTULO 62: Diversidade: Porque levantar esta discussão dentro das salas de aula?

AUTOR(A): Marina Macedo

CO-AUTOR(ES): Patrícia Ap. Messias; Cristiane R. de Oliveira; Viviane Melo de Mendonça

INSTITUIÇÃO: Universidade Federal de São Carlos

RESUMO: Discutir a diversidade no ambiente escolar é importante para a formação cidadã dos estudantes? Tal temática fora abordada pela equipe PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, filiado à Capes) da Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, durante a construção da Sala da Diversidade, uma das ações deste grupo realizada na Escola Estadual Monteiro Lobato. O PIBID objetiva a iniciação docente dos graduandos do curso de Licenciatura, mediatizados pela pesquisa participante. Desta forma, houve a realização inicial de um estudo da realidade escolar com observação, entrevistas e coleta de dados documentais, para posterior proposição e efetivação de atividades que se integrassem de forma significativa ao mundo e convívio de seus participantes. O projeto visou a obtenção de resultados e vivências que ampliassem a visão de mundo de todos os envolvidos, uma vez que este propõe a atuação e construção simultânea de conhecimentos para ambas as partes. Sob este panorama, depois de um ano observando e pesquisando constantemente a escola, pode-se perceber o quão diversificado é o universo adolescente no qual os jovens são submersos. Temas como sexualidade, culturas e música, amadurecimento, concepções de mundo, dentre outros, se tornaram elementos importantes para o processo de (re)conhecimento, que levam os jovens a transporem o mundo infantil anteriormente vivenciado. Desta forma, observou-se a relevância da discussão sobre a temática na escola em questão. A diversidade se colocou tanto no âmbito sexual, quanto de naturalidade, gênero, raça/etnia e religião. Notou-se, também, que a temática fora geralmente acompanhada de elementos preconceituosos e discriminatórios no cotidiano escolar, tornando a questão notoriamente importante no debate do processo de ensino-aprendizagem. Sendo assim, percebeu-se a importância do levantamento destas questões dentro da escola em temas transversais ou em projetos escolares, uma vez que estes proporcionam uma formação ética e cidadã aos estudantes.

TÍTULO 63: Currículo no Ensino Médio: em busca de uma ecologia dos saberes

AUTOR(A): Angela Fernandez Porto de Chades

INSTITUIÇÃO: Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

RESUMO: Este texto apresenta resultados de pesquisa ocorrida nos anos de 2008 e 2009 cujo propósito foi compreender as práticas de currículo integrado no ensino médio do Colégio de Aplicação Professor Renato Azevedo (CAp), situado no município de Cabo Frio/RJ. Acreditando que o currículo é um campo de produção cultural em que redes de sujeitos buscam garantir formas de conceber o conhecimento, a escola, as práticas pedagógicas e o aluno, problematizo que as práticas são delineadas por relações de poder que interferem no modo

como organizamos o contexto escolar. Autores como Bernstein, Lopes, Goodson, Oliveira, Santos e outros ajudaram a construir um repertório de análise sobre os processos de organização do currículo integrado e as possibilidades de concretização de um projeto democrático de currículo. Para realizar essa investigação, foram feitas observações, análise de documento, conversas e entrevistas com a comunidade do CAP. Indico, ao final do estudo, que uma construção democrática de currículo impõe a transformação das relações de poder em relações de autoridade partilhada e que essa prática tanto pode ocorrer num currículo organizado por disciplinas quanto por outras formas de estruturação do conhecimento escolar.

TÍTULO 65 : O enfrentamento da medicalização pelo trabalho pedagógico

AUTOR(A): Ynyah Souza de Araújo Teixeira

INSTITUIÇÃO: Faculdade Anhanguera de Campinas

RESUMO: Ao longo da minha trajetória como professora, minhas inquietações e questionamentos sobre as representações utilizadas para explicar e justificar o fracasso escolar dos alunos como decorrente de supostos distúrbios de aprendizagem e de comportamento, foram se tornando cada vez maiores; crescia também a busca por compreender o papel dos profissionais da saúde e da educação na elaboração dessas representações. Nos relatos e conversas de professores sobre seus alunos, nas mais diversas situações do cotidiano escolar, o que eu percebia era a culpabilização da criança, de sua família e de seus problemas de saúde (existentes ou não) pelos comportamentos “inadequados”. Quando um problema em sala de aula passa a ser tratado como decorrente de “doenças” dos alunos, estamos diante de um processo de medicalização. A medicalização, trás como conseqüência o deslocamento dos problemas do âmbito da educação para o da saúde. O processo de ensino-aprendizagem é relegado a segundo plano. O que normalmente significa que a criança é que tem problemas - “defeitos” - que a impedem de aprender, o que faz com que, a partir de agora, seja conhecida e identificada por tais características. Tornando-se portadora de “doenças do não-aprender” que justificam o encaminhamento para neurologistas, psicólogos, psiquiatras, fonoaudiólogos, buscando neles a legitimidade da definição da sua situação. Gostaria de partilhar a meu processo de busca por uma prática pedagógica que não confirmasse o fracasso desses alunos, buscando enxergar suas possibilidades e não suas “doenças”, seus limites e impedimentos. E tendo como idéia principal que todos podem aprender e fazer parte da vida escolar e, que a escola deve ser o lugar onde cada aluno encontre a possibilidade de se instrumentalizar para a realização de seus projetos, sejam eles relacionados ao ensino-aprendizagem ou à convivência social e afetiva.

TÍTULO 66: Formação em Processo na Educação Infantil

AUTOR(A): Eliana Aparecida Pires da Costa

CO-AUTOR(ES): Carla Giraldeili; Elaine Cristina Brombim enteado; Martha de Athayde; Mônica M B L de Luca

INSTITUIÇÃO: FE/UNICAMP

RESUMO: Pretende-se comunicar uma experiência em formação profissional desenvolvida por um coletivo de Orientadoras Pedagógicas, Coordenadoras Pedagógicas e Supervisora Educacional junto a um grupo de Agentes de Educação Infantil ingressantes na SME em 2009. Os agentes de Educação Infantil que ingressaram, provenientes de várias áreas de

conhecimento, com diferentes níveis de formação, obtiveram das equipes gestoras das Unidades Educacionais acolhimento e disposição para dar condições para que se apropriassem de elementos mínimos que os possibilitassem a atuar adequadamente junto às crianças, frente às exigências da Educação da Infância. Entretanto, a especificidade do trabalho educativo requer além de uma formação inicial específica, um desenvolvimento profissional constante e que educar crianças nas unidades educacionais de educação infantil é diferente de educar “filhos”, “irmãos” ou “sobrinhos”, o que requer minimamente conhecimentos específicos acerca das elaborações da Pedagogia da Infância. Assim o curso mobilizar os Agentes Educativos de Educação Infantil para uma qualificação profissional que lhes favorecesse reconhecerem-se num engajamento profissional pela infância. Tratava-se de uma formação preliminar no desenvolvimento do trabalho. Desta forma num movimento coletivo de trocas e pesquisas, de repertório cultural de possibilidades criativas voltadas ao trabalho educativo junto às crianças e as famílias desenvolveu-se o trabalho ao longo do segundo semestre de 2009, sobre o qual sistematizamos dados do cotidiano que nos permitem evidenciar que embora o desafio seja enorme, há possibilidades que nos remetem o desafio que continuamos investindo na formação nas especificidades da educação das crianças pequenas. O trabalho com projetos, com a “contação” de histórias, com os registros, com as múltiplas linguagens, foram possibilidades de trabalho que se concretizaram ao longo do Curso e no cotidiano das creches e pré-escolas envolvidas no movimento, de forma que todos se perceberam protagonistas na construção dos conhecimentos da Pedagogia da Infância.

TÍTULO 67 : Produção de texto a partir do olhar fotográfico do aluno

AUTOR(A): Sônia Ap. dos Santos Nobre

CO-AUTOR(ES): Maria Cristina Marques Moreira; Maria Inez de Moraes Alves dos Anjos

INSTITUIÇÃO: EMEF RAUL PILA

RESUMO: Com o avanço da tecnologia e as mudanças galopantes que ocorrem na sociedade a escola vem enfrentando grande desafio em motivar o aluno para o trabalho em sala de aula. Com tantas novidades atraentes no mundo da informática, por exemplo, o professor precisa ter boa formação e ser criativo para despertar a atenção e o interesse do aluno. Foi pensando em trazer para a sala de aula algo que pudesse tornar o aluno sujeito ativo do seu fazer e, ao mesmo tempo, incentivá-lo a criar um produto com imagem e texto que surgiu a idéia do projeto de produção de textos a partir de imagens. A fotografia constitui uma possibilidade de construção do conhecimento, tanto por parte da criação artística quanto por meio de interpretação crítica de figuras. Além disso, o ato de fotografar desperta a sensibilidade e amplia o horizonte do fotógrafo, no caso o aluno, levando-o a ter um olhar mais “afinado” para as coisas ao seu redor. Com a popularização do celular tirar fotos tornou-se uma prática acessível da moçada, mas nem todos sabem manejar, de forma adequada, uma máquina fotográfica. O projeto foi desenvolvido com alunos do 5º ano do ensino fundamental e teve duração de um bimestre. Primeiramente houve a roda de conversa onde os alunos tiveram a oportunidade de refletir sobre os espaços da escola e da comunidade, sobre a importância de saber fazer a leitura de imagens e sobre o que eles gostam de fotografar. Em seguida os alunos formaram duplas para percorrer os espaços da escola e do bairro onde moram e fotografar o que lhes despertavam maior interesse. Após essa etapa as duplas tiveram a oportunidade de socializar com os colegas de sala o porquê de suas escolhas, momento em que a professora aproveitou para trabalhar a história da escola, a preservação do meio ambiente e a sua modificação ao longo dos tempos. Com a ajuda das famílias muitos alunos trouxeram fotos antigas para que pudessem contemplar, analisar e comparar as mudanças. Num terceiro momento cada dupla produzir um texto sobre a foto. Como produto final os alunos montaram uma exposição de fotos para toda a escola e organizaram um livreto onde se reconstituiu a memória local.

TÍTULO 68: E a infância continua...

AUTOR(A): Tania Maria Ximenes Ferreira

INSTITUIÇÃO: EMEF Corrêa de Mello

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo provocar a reflexão sobre a transição do educando da Educação Infantil para o Ensino Fundamental e as possibilidades de continuidade das práticas educativas, em especial, as que respeitam as necessidades da infância, proporcionando com ludicidade, as descobertas, interações e construção de saberes. Esta reflexão parte da experiência vivida em uma EMEF da região sudoeste de Campinas – SP, na qual rotinas incorporadas na educação infantil puderam ser implementadas no Ciclo I, como o autosservimento nas refeições e a escovação, o dia do brinquedo, a festa de aniversariantes. A otimização de espaços como parque e brinquedoteca, foram igualmente consideradas. As atividades em grupos com brinquedos e jogos tem sido instrumento de trabalho estrategicamente utilizados para a aprendizagem das crianças. A observação e exploração do espaço externo são realizadas por especialistas da educação física e artística, com diversidade de movimentos e materiais desenvolvendo as diferentes linguagens.

TÍTULO 69 : O estabelecimento da unidade entre teoria e prática na prática docente

AUTOR(A): Adriana Ofretorio de Oliveira Martin

INSTITUIÇÃO: Prefeitura Municipal de Campinas

RESUMO: A finalidade deste trabalho é compartilhar a experiência sobre o processo de aprendizagem do ofício de ensinar de uma aluna de Mestrado da Faculdade de Educação da Unicamp que iniciou sua carreira docente ao se inserir no contexto da educação infantil, como professora efetiva de um CEMEI da Prefeitura Municipal de Campinas. Ao assumir uma sala de aula com 23 crianças entre 03 e 06 anos de idade e observar as possíveis mediações no ensino das linguagens e do conhecimento que pode ser desenvolvido na educação infantil, a referida professora passa a realizar planejamentos semanais de atividades a partir de um campo de conhecimento de seu domínio, a pesquisa em educação matemática. Neste sentido, a referida inserção no campo de trabalho a fez resgatar sua relação com a formação do professor para ensinar matemática, que teve início em seu curso de graduação, numa pesquisa de iniciação científica e se estendeu para a pós-graduação, oferecendo subsídios para o desenvolvimento de sua pesquisa de mestrado. De sua experiência como pesquisadora, também trouxe para sua prática como professora a escrita em narrativas reflexivas, tendo como objetivo compreender o movimento de construção do referido planejamento e a unidade existente entre a teoria e a prática em sala de aula. Na avaliação de seu trabalho, a professora enfatiza o desafio existente para transpor o conhecimento elaborado da matemática para a realidade de aprendizagem das crianças. Revela também que o re-planejamento e as situações emergentes no contexto das atividades se unem a um movimento de reflexão sobre sua experiência diária e a re-significação do conceito sobre ensinar crianças pequenas.

TÍTULO 70: Jogos e Leitura

AUTOR(A): Nádia César da Silveira

INSTITUIÇÃO: EMEF Corrêa de Mello

RESUMO: O Projeto Jogos e Leitura é desenvolvido nos horários extra-classe e em sistema de rodízio, com materiais confeccionados pela professora. São oferecidos jogos de leitura de textos, frases, palavras, sílabas ou letras a cada aluno, dupla ou grupo de alunos de acordo com as necessidades de ensino/ aprendizado. Assim, intervenções se fazem presentes durante os atos de jogar e ler, incentivando demonstrações das hipóteses do aluno e respostas que consegue dar com mediação.

TÍTULO 71: A pertinência da função de “cuidador” dentro da proposta inclusiva

AUTOR(A): Karen Cristina Barreira Pacitti

CO-AUTOR(ES): Rosemary F. B. Pontes

INSTITUIÇÃO: Prefeitura Municipal de Campinas

RESUMO: Essa comunicação tem o objetivo de divulgar um dos aspectos do documento “Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva” (2008), provocando assim um debate sobre a necessidade dos sistemas de ensino disponibilizar para as escolas a função de monitor ou cuidador para os alunos com deficiência que tenham necessidade de apoio nas atividades de higiene, alimentação, locomoção, entre outras que exijam auxílio constante no cotidiano escolar. A Educação Especial na Rede Municipal de Campinas tem conquistado grandes avanços na perspectiva inclusiva, devendo abranger agora um olhar para as especificidades de cada deficiência e as políticas públicas necessárias para uma inclusão efetiva. Nossa experiência em escolas da Rede Municipal de Campinas com alunos com deficiência física com grandes limitações para as atividades acima citadas nos faz pensar na função de monitor ou cuidador como indispensável na garantia da permanência desses alunos com sucesso na escola. Esse documento aponta com clareza que essas funções especificamente relacionadas ao cuidar não são funções do professor de educação especial, a este cabe essencialmente as questões pedagógicas que subsidiarão uma proposta inclusiva de qualidade. Conceber essa nova função dentro das escolas não será uma tarefa fácil. A sua formação profissional, seus requisitos atitudinais, os alunos que deverão ser atendidos por ele são algumas das questões que nos confrontam. Mas entendemos que essa função é urgente nas escolas por isso a necessidade de debatermos o tema.

TÍTULO 72: Construindo uma nova relação ensino aprendizagem para o Ensino de Ciências

AUTOR(A): Vera Regina Maronese Tortorelli

CO-AUTOR(ES): Sheyla Pinto da Silva

INSTITUIÇÃO: SME/Campinas

RESUMO: O objetivo desta comunicação é mostrar como professores da EMEF. Prof. Vicente Ráo construíram, entre 2006 e 2009, uma proposta para um Laboratório Interativo de Ciências, através de estudos e pesquisa durante participação no Projeto Trabalho Integrado na Escola Pública, coordenado pelo prof. Dr. Pedro Ganzeli (FE UNICAMP), com financiamento da FAPESP. O laboratório foi construído como espaço interativo no qual o aluno participou construindo respostas às questões investigativas propostas pelos professores de modo que o aluno conduzia a produção de seu conhecimento científico. A proposta previu que não houvesse como princípio e respostas previamente determinadas durante a experimentação com roteiro fechado. Os experimentos realizados nesta perspectiva foram fonte de aprendizado para alunos e professores e, estes ao decidirem pela proposta de um laboratório como estratégia pedagógica para o Ensino de Ciências no Ensino Fundamental retomaram antigos conceitos sobre experimentação em ambiente de laboratório; analisaram e refletiram sobre sua base teórica para depois modificá-los e transformá-los através de adição de situações problemas e disponibilizaram material específico para uso dos alunos de acordo com sua necessidade. Referenciais importantes foram construídos: possibilidade de quebra da fragmentação de um currículo de ciências com conteúdos direcionados exclusivamente para cada série ou ano que vinha sendo seguido muitas vezes sem vínculos entre eles; reflexão sobre processos interdisciplinares; elaboração de nova forma para os registros pedagógicos dos Planos de Ensino e processo de escrita dos Cadernos de Experimentação do Laboratório. Este foi denominado Laboratório Interativo de Ciências Prof. Dr. Hilário Fracalanza (sigla LABI), como forma de homenagem póstuma ao renomado professor.

TÍTULO 73: Controle Esfinteriano: Princípios do Trabalho em um CEMEI de Campinas

AUTOR(A): Geisa Elaine Carvalho da Paixão

CO-AUTOR(ES): Debora Evelin Ferreira; Ariane Machado; Maria José de Oliveira; Fernanda Vaz de Oliveira; Sarita Fernanda Ferreira

INSTITUIÇÃO: CEMEI SYLVIA DE MIRANDA PASCHOAL

RESUMO: O presente estudo foi resultado de uma proposta realizada por educadores no GEM (Grupo de Estudo de Monitores). Visando a melhoria do trabalho na creche foram estudadas bibliografias especializadas sobre controle esfinteriano. O controle de esfíncter é uma etapa importante no desenvolvimento das crianças e que gera muitas dúvidas aos pais e educadores de creche. O controle esfinteriano é um processo evolutivo, em que a própria criança, apresentando algumas habilidades necessárias, indica o início do treinamento para esse controle. Os estudos demonstram que a retirada da fralda deve ser iniciada, no mínimo, quando a criança consegue sentar, levantar e caminhar, expressar de alguma forma que já evacuou ou urinou, ou seja, apresenta amadurecimento neuropsicomotor para essa fase. Segundo literatura médica especializada, em geral, crianças a partir dos 18 meses apresentam algumas dessas habilidades, sendo que a partir dois anos elas encontram-se mais aptas. Mas a idade por si só, não é um indicador para o treinamento esfinteriano de uma criança. Não se pode treinar uma criança para retirada da fralda sem que ela esteja preparada para isso, de forma precoce, nem tampouco, tardiamente ou de maneira errônea, correndo-se o risco de determinar disfunções relativas ao aparelho urinário e gastrointestinal. Sendo assim, é um processo que deve ser avaliado individualmente, respeitando o ritmo, o amadurecimento e o desenvolvimento de cada criança. Co-autoras: Ariane Machado; Carina Ferreira da Silva; Elizabeth Nonato Oliveira de Lima; Fernanda Vaz de Oliveira; Giovanna Rocha Rodrigues de Oliveira; Maria do Socorro Freitas; Maria José de Oliveira; Neusa Lopes Bispo Diniz.

TÍTULO 74 : Arte e brincadeira na educação infantil: a criança sabe o que quer!

AUTOR(A): Beatriz Tomaz Ruela

INSTITUIÇÃO: Unicamp

RESUMO: Este trabalho, através de imagens do cotidiano em um CEMEI de Campinas, traz reflexões sobre a importância da brincadeira livre e da arte nas relações entre os pequenos e como interfere na educação de crianças que pensam. Num cotidiano em que o corpo é livre para se movimentar, em que as crianças tem voz para dizer suas vontades, ou seja, participam do processo educativo, onde suas experiências não são atos mecânicos de reprodução, mas possibilidade de criação, damos lugar à criança que transgride, que vai além: aquela que pensa, que fala o que pensa e sabe das suas escolhas. A arte e a brincadeira promove as relações entre as crianças, delas com os adultos e também com o espaço em que convivem. Quando nós docentes criamos condições para as experiências das crianças, damos voz à elas e organizamos o espaço de maneira que possibilite o lúdico, a imaginação e a criação, estamos construindo um novo diálogo em educação, onde a criança também fala.

TÍTULO 75: Escola como ‘achadouro’ de infâncias: um trabalho de alfabetização no Ensino Fundamental

AUTOR(A): Simone Franco

CO-AUTOR(ES): Maria Fernanda Pereira Buciano

INSTITUIÇÃO: Emef. Pe. José Narciso Vieira Ehrenberg - S.M.E. Campinas

RESUMO: Escola como ‘achadouro’ de infâncias: um trabalho de alfabetização no ensino fundamental. Maria Fernanda Pereira Buciano e Simone Franco EMEF “Pe. José Narciso Vieira Ehrenberg” / SME – Campinas. ...Mas eu estava a pensar em achadouros de infâncias. Se a gente cavar um buraco ao pé da goiabeira do quintal, lá estará um guri ensaiando subir na goiabeira. (...) Sou hoje um caçador de achadouros de infância.... Manoel de Barros, Texto “Achadouros”, no livro Memórias Inventadas – A infância. Como fazer do espaço da sala de aula lugar de diálogo sobre os ‘achados’ das crianças? Que ‘tesouros’ valorizamos no encontro com elas? Que outros tantos produzimos para que sejam carinhosa e respeitosa guardados por meninos e meninas que chegam nos ensinando tanto? A expectativa em aprender a ‘ler e escrever’, dita das mais variadas formas e todos os dias, é permeada por outras necessidades, que não aparecem nos discursos escolarizados e aprendidos pelas crianças, mas que em seu corpo e desejo são fortes. Para além do trabalho com o ensino da linguagem escrita e da matemática, há outro que poderíamos chamar de ‘acolhida’ das crianças e constituição de um grupo. Tornar a escola, tão esperada por eles e elas, prazerosa e produtiva é um desafio diário, principalmente quando a alfabetização de todos é objetivo a ser alcançado. Alunos e alunas que chegam à nossa escola, pouco vivenciam práticas de leitura e escrita em seu cotidiano. O sentido da aprendizagem das letras fica restrito à expectativa criada pela sociedade e que as crianças trazem em seus discursos: “A escola é importante para aprender a ler e escrever”. Ler e escrever para quê? Conciliar sentidos sobre escola e produção escrita foi/é um desafio para nós, crianças e professoras que aprendemos juntos como se dá a constituição, de forma prazerosa, dos três primeiros anos de trabalho pedagógico em uma escola que almeja organizar-se dentro da proposta de Ciclos de Formação Humana. A experiência deste desafio é o que queremos partilhar nesta apresentação.

TÍTULO 76: Projeto Memória da Comunidade

AUTOR(A): Lilian de Cássia Alvisi

CO-AUTOR(ES): Ivete S. Pereira, Luciana C. Risso, Paula A. Souza, Vanda R. P. Marin

INSTITUIÇÃO: EMEI Carlos Drummond de Andrade

RESUMO: A ação educativa deste projeto parte do princípio que o envolvimento da comunidade (pais, familiares, professores, funcionários, equipe gestora, moradores do bairro e crianças) com diferentes suportes da memória (fotos, filmes, jornais, artesanatos, relatos orais, brinquedos e brincadeiras, obras de arte, comidas, músicas, stop motion, meio ambiente, profissões e outros) contribui para a reconstrução da trajetória sócio-histórica de uma instituição escolar. O contato entre gerações traz à tona vivências passadas em um movimento que valores, crenças e expectativas configuram o cotidiano escolar do presente. As crianças passo a passo se identificam como pertencentes aos diversos grupos sociais a partir de histórias versadas por diferentes autores. O processo de organização de memórias escolares compreende a recuperação da complexidade do passado como resultado da ação de diferentes atores sociais, uma vez que a elaboração e procura de fontes não estão somente contidas nos arquivos, mas também junto às pessoas. Nesse sentido cabe aos educadores/pesquisadores desenvolverem estratégias para provocar e despertar recordações e lembranças não somente coletando materiais, mas também pedindo auxílio aos diferentes atores para interpretar marcas de suas trajetórias pessoais e escolares. Portanto, ao recuperarmos as trajetórias históricas das unidades escolares, envolvendo a sistematização de acervos documentais (relatos orais, fotos, filmes, registros escritos e objetos) e suas relações com diferentes sujeitos, podemos possibilitar uma discussão que nos permite questionar paradigmas e realizações da educação, tanto no presente, como no passado. Uma ou mais histórias podem ser desveladas, lembradas e sendo revividas, atualizadas. Quando determinado sujeito focaliza suas memórias pessoais pode delinear também uma visão das várias etapas da trajetória do grupo social a que pertence. (Simson, 2006).

TÍTULO 77 : PEQUENOS ESPAÇOS, AÇÕES DIFERENTES TRANSFORMADOS EM SALAS AMBIENTES

AUTOR(A): Katia R.S. Q. V.de Andrade

CO-AUTOR(ES): Solange C. de M. Koyama; Maria T.F. Cavalcanti; Alessandra M. Cruz; Edna A.T.Bojikian; Elaine A. B Schiavinatto; Maria H. F Lima

INSTITUIÇÃO: Prefeitura Municipal de Campinas

RESUMO: Pequenos espaços, ações diferentes transformados em salas ambientes Um espaço pequeno para vivências de crianças pequenas, com profissionais comprometidos com a Educação Infantil, assim tamanha responsabilidade e muitas restrições, por conta da estrutura física, começaram as Inquietações, logo vieram Indagações e um forte desejo por novas ações, que garantissem o direito de brincar, de experimentar, vivenciar diferentes relações com diferentes linguagens. Estas observações e sensações, sobre nosso espaço físico e a organização do trabalho pedagógico nos levou a buscar bibliografias relacionadas a organização de espaços, práticas e teorias que, nós professoras, pudéssemos compreender e favorecer a produção das culturas infantis. Deu-se então o início do trabalho com uma nova prática, inicialmente optamos por três salas ambientes, sendo uma de Artes Plásticas, outra de jogos e a terceira do Faz de Conta. Com este trabalho vimos a possibilidade das crianças vivenciarem uma ampla diversidade de recursos físicos e materiais, possibilitando a produção

da cultura infantil, um ambiente mais aconchegante, espaços com intenção pedagógica propicio ao brincar, a autonomia, a troca de experiências e as relações interpessoais. Nós professoras, optamos fazer uso das salas ambientes com uma rotina pré estabelecida desenvolvendo as propostas específicas de cada uma, considerando que o trabalho com projetos foram aperfeiçoados dentro deste contexto. O trabalho com projetos veio de encontro com as novas ações, foram outros estudos, porém ambos tornaram se homogêneo. Nesta pratica de trabalho se faz necessário o repensar as ações, refletindo, trocando experiências, buscando teorias, adequando às necessidades, revendo os espaços, enfim tudo que possa surgir ao longo do processo, tanto as dores como as flores, de trabalharmos com as salas ambientes. Contudo nossa intenção é expormos esta experiência no Seminário Fala Outra Escola, pois precisamos estar em uma busca constante de outras experiências para repensarmos as nossas ações do cotidiano da Educação Infantil. Texto produzido pela Equipe de Profissionais da EMEI Adão Emiliano Professora Alessandra Marisa da Cruz Professora Elaine Aparecida Bocaneri Schiavinatto Professora Kátia Regina Souza Queiroz Villalba de Andrade Professora Maria Helena da Fonseca Lima Professora Maria Tereza Fernandes Cavalcante Professora Solange Cristina de Mello Koyama Orientadora Pedagógica Edna Aparecida Tange Bojikian Emei Adão Emiliano Av. Armando Antônio D’Otaviano n. 12 - Vila San Martin Fone: 32811700 Equipe Gestora: Diretora Márcia Regina da Silva Fernandes Vice Diretora: Eunice Joseane Viana de Araujo Orientadora Pedagógica: Edna Aparecida Tange Bojikian NAED NORTE

TÍTULO 78: Relato de uma experiência em aulas de leitura, reforço e substituição

AUTOR(A): Juliana Cristina Bonilha

INSTITUIÇÃO: UNESP - Assis (CAPES)

RESUMO: Nesta comunicação, apresentaremos a experiência que tivemos ministrando aulas durante um ano na rede pública e privada em turmas de ensino fundamental e médio de escolas públicas e privadas. As aulas de leitura ministradas numa turma de 5ª série em uma escola pública de periferia durante três meses serão abordadas com maior detalhe. Mostraremos que nesta turma encontramos muitas barreiras para lecionar e para criar o hábito da leitura, pois a maior parte dos alunos tinha grande desinteresse por textos escritos, principalmente sem ilustração. Mostraremos ainda que estes mesmos alunos se dedicavam muito quando expostos a condições de aprendizagens mais interativas, como filmes, revistas em quadrinhos, jornais, etc. Abordaremos nesta comunicação a influência que a questão social pode provocar no interesse em aprender. Para tanto, comentaremos a experiência vivenciada em aulas para uma turma de ensino médio de escola pública de baixo nível social, e uma turma de ensino médio de uma escola privada, num mesmo período. O convívio nestas duas realidades distintas nos possibilitou elaborar uma reflexão sobre o modo de aprendizagem, a dedicação e as características dos alunos. Muitas foram então as informações coletadas durante estes trabalhos. Porém, a principal constatação foi a de que quanto mais periférica a escola, ou seja, quanto pior a condição social do aluno, menor o entusiasmo em aprender. A visão pessimista dos alunos advém da crença de que não existe a possibilidade de melhorar de vida por meio do estudo, porque para eles restam apenas os trabalhos menor remunerados no mercado de trabalho. Chegou-se à conclusão de que esta uma realidade bastante cruel para os professores que se empenham em ensinar e para os alunos, que se vêem sem perspectiva de vida.

TÍTULO 79: (Re)lendo, (re)vivendo e (re)significando experiências enquanto estagiárias

AUTOR(A): Vanessa França Simas
CO-AUTOR(ES): Patrícia Yumi Fujisawa
INSTITUIÇÃO: FE/Unicamp

RESUMO: Apoiadas na ideia de que a escrita de narrativas pessoais possibilita ao autor um distanciamento e, assim, um repensar as experiências através de novos sentidos e significados, buscaremos neste trabalho ressignificar nosso estágio de formação em pedagogia a partir da releitura das narrativas que escrevemos enquanto estagiárias em classes do Ensino Fundamental. Indo ao encontro de Mikhail Bakhtin (2010: 340), quando este ensina que o indivíduo “é um ser situado numa fronteira, num liminar que interage com o outro, de quem recebe muitos adendos à sua personalidade e à sua consciência e a quem ele também transmite adendos similares”, temos, ainda, a intenção de evidenciar o movimento pelo qual nos constituímos estagiárias: por nós mesmas – a partir de nossas ações e reflexões – e pelos outros sujeitos da escola que, por sua vez, também foram sendo constituídos por eles próprios, por nós e por outras relações estabelecidas. Assim, nossas experiências de estágio suscitaram aprendizagens e saberes, porque fomos para os outros, isto é, intervimos nas atividades e nas relações; e os outros também foram para nós, ao nos ensinarem e nos instigarem dúvidas, já que “ser significa ser para o outro e, através dele, para si” (BAKHTIN, 2010, p. 341). Desse modo, sustentadas por Bakhtin, procuraremos estabelecer um diálogo entre o papel e o lugar que ocupamos na escola e de que maneira tais experiências contribuíram em nossa formação. Por fim, acreditamos que o maior contributo deste trabalho é o fato de que reler as narrativas ressignificando o estágio nos possibilitou meios outros para pensar e construir nossa futura prática de ensino.

TÍTULO 80 : CONCEITO DE SUPERVISÃO: EVOLUÇÃO HISTÓRICA E DIVERSAS CONCEPÇÕES DOS/AS SUPER

AUTOR(A): Josefa Telma Rodrigues
CO-AUTOR(ES): Sebastián Sánchez Martín
INSTITUIÇÃO: Universidade Estadual da Paraíba

RESUMO: Este trabalho é um recorte da monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba em 2009, cujo título nomeia este artigo. Teve como objetivo o enfoque do conceito de supervisão, tentando compreender a sua evolução, principalmente, nas últimas três décadas. Supervisão de Ensino, que evolui para Supervisão Escolar, e, por fim, para Supervisão Educacional. A pesquisa científica de cunho qualitativo foi conduzida na Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. A amostra da referida pesquisa se constitui por 08 professoras/supervisoras. A metodologia adotada teve como pressuposto a análise bibliográfica e a história oral acerca das concepções de supervisão das professoras/supervisoras, o que possibilita a compreensão do objeto estudado no contexto histórico no qual ele acontece. A pesquisa teve embasamento teórico (ANDRADE, 1976), (SPERB, 1978), (PRZYBYLSKI, 1985), (MEC, 1974), (SILVA, 1985), (ALARCÃO, 2001), (ABDALLA, 2007). Estudos que apontam para mudanças na definição do conceito de supervisão a partir de sua origem. Como resultado, constatou-se que as respostas das informantes convergem com as concepções discutidas pelos/as autores/as aqui apresentados/as. Portanto, destaca-se que o debate sobre a supervisão leva a uma reflexão quanto ao papel desses/as profissionais no processo educativo.

TÍTULO 81: CRIANÇAS DA EDUC. INFANTIL EM RITIMO AMBIENTAL

AUTOR(A): Célia Marchetti Curti

INSTITUIÇÃO: CEMEI APARECIDA CASSIOLATO

RESUMO: O trabalho tem por finalidade mostrar a importância da conscientização ambiental e a sustentabilidade dos recursos naturais durante o processo na Educação Infantil. A metodologia utilizada foi a demonstração das práticas de alguns trabalhos ligados ao meio ambiente. Este, iniciou-se com crianças de faixa etária de seis a dezoito meses e prorrogando até 6 anos de idade. Este método de aprendizagem prático, dentro e fora da CEMEI Aparecida Cassiolato ajudou a divulgar e disseminar a importância da Natureza nos seres humanos, neste caso, crianças. Sendo assim, despertou nas mesmas, a serem protagonistas em salvar a natureza através da educação ambiental que receberam de seus educadores desta Instituição. Elas abraçaram esta causa com muito zelo e dedicação, ou seja, respeitando os seres vivos em seu habitat (fauna e flora), a importância do ecossistema, o contato com a terra, hortaliças, tipos de folhas e frutos, cascas, sementes, insetos, bichos. Além disso, as crianças participaram de rodas de leitura e brincadeiras lúdicas com temas associados à Natureza e, o que inovou a viverem num ambiente sadio (dentro e fora da escola), processo de conscientização, de respeito e harmonia, onde estão inseridas. Vale ressaltar que, as crianças tornaram-se divulgadoras, ou seja, ensinaram seus pais a respeitarem o meio em que vivem (reciclagem), zelando pela Natureza e garantindo a preservação do planeta para futuras gerações.

TÍTULO 82: Somos todos diferentes

AUTOR(A): Maria Regina Ajona de Oliveira

CO-AUTOR(ES): Taisa de Oliveira Fialho

INSTITUIÇÃO: Cemei Maria Antonina Mendonça de Barros

RESUMO: Este trabalho está sendo desenvolvido com o objetivo de colocar as crianças, as famílias e a escola no centro do processo educativo, na tentativa de discutir e refletir as diferenças culturais, sociais, étnicas e de gênero, buscando a igualdade de oportunidades para os diferentes grupos sociais. As diferenças, neste processo, devem ser colocadas em destaque, analisadas e questionadas com as crianças e com as famílias, do mesmo modo que o preconceito e a desigualdade, ao invés de serem mascarados, devem também ser discutidos com as crianças. A diversidade, como tema transversal, assume o papel primordial em nossa ação educativa, articulando a realidade das crianças aos conhecimentos científicos propostos pela educação formal. Nesta perspectiva, o trabalho com projetos, como estratégia pedagógica não objetiva apenas o conhecimento e a interpretação da realidade, mas também, inserir as crianças na transformação da própria realidade. Através de atividades significativas, amplia-se o universo cultural das crianças, gerando novos interesses de conhecimentos, ampliando os saberes já existentes. Tendo como eixo norteador do Cemei o Projeto “Somos todos diferentes”, as professoras Maria Regina e Taisa se integraram para realizar um trabalho conjunto com as crianças das duas turmas, crianças na faixa etária de 3 a 6 anos. O projeto foi proposto a partir do livro “Elmer, o elefante xadrez – David McKee”, que conta a história de um elefante xadrez todo colorido e que era reconhecido como tal por todos os seus amigos da floresta. Um dia, ele cansou-se de ser diferente e resolve pintar o corpo da cor dos outros elefantes comuns. A partir deste momento, ele passou a não ser mais reconhecido, perdendo sua identidade. Então resolve voltar a ser ele mesmo, voltando a

recuperar suas cores originais molhando-se na água da chuva. A partir deste dia todos os elefantes decidem fazer uma festa anual, onde todos os elefantes pintam-se em homenagem ao Elmer, e o Elmer pinta-se da cor dos outros elefantes comuns. Outras histórias estão sendo contadas com o tema da diversidade, tanto do interesse das crianças, quanto propostas pelas professoras. Atividades como rodas de conversas, reconto de histórias realizadas pelas crianças, participação das famílias na questão da diversidade, festa temática, trabalho com cores, texturas, tato, formas, coordenação motora, seriação, estimulação visual, confecção dos personagens utilizando diferentes materiais, teatro de sombras, recorte, colagem, molde vazados também estão sendo realizadas. Todas essas ações objetivam a possibilidade da discussão e reflexão acerca da diversidade.

TÍTULO 83: O trabalho com a Consciência Fonológica para crianças de 3 - 6 anos

AUTOR(A): Jamalle Tammy Zoghaib;

CO-AUTOR(ES): Marina Deróbio Lordello; Priscila Soares de Freitas; Adriana Missae Momma; Adriana Nascimento Brito; Fernanda Mazutti Papini; Flávia Siqueira Cunha Betacini; Maria José Lipaus; Márcia Ramos Bezerra; Neusa Lopes Bispo Diniz; Wáldina Regina de Almeida Vaz de Lima

INSTITUIÇÃO: Prefeitura Municipal de Campinas

RESUMO: O trabalho com a Consciência Fonológica para crianças de 3-6 em situação real de sala de aula: diálogos e práticas de educadores na educação infantil. Conformar espaços de diálogos e reflexões efetivos a respeito das possibilidades de trabalho com as crianças, na perspectiva do direito, constitui-se um grande desafio. Embora, nas quatro últimas décadas seja possível perceber um grande avanço no campo político-normativo, científico-acadêmico, consideramos que a Educação Infantil e, portanto, o trabalho com a criança, ainda carece de um tratamento especial, tanto por parte dos profissionais da educação quanto em termos de políticas públicas da e para a infância. O trabalho construído sobre o qual discorreremos foi fruto de diálogos e assessoramento entre professoras de agrupamento III e a orientadora pedagógica da unidade escolar CEMEI Sylvania Paschoal, durante todo o ano letivo de 2009/2010. Este processo teve a finalidade de dialogarmos e refletirmos sobre um trabalho pedagógico que considere a vivência em atividades baseadas em habilidades de Consciência Fonológica, em situação real de sala de aula, conforme proposto por Diniz (2008), como ferramenta de intervenção preventiva para a contribuição de um processo educacional bem-sucedido em linguagem escrita. Segundo estudiosos da área, Consciência Fonológica pode ser definida como um conjunto de habilidades explícitas e conscientes de identificar, manipular e segmentar sons da fala até o nível dos fonemas. Exercitando essas habilidades, o indivíduo é capaz, por exemplo, de formar novas palavras (pela recombinação de sons de palavras diferentes, pelo acréscimo ou remoção de sons de uma palavra), de encontrar palavras embutidas em outras, de realizar diferentes tipos de jogos com a sonoridade das palavras. A evolução dessas habilidades geralmente é gradativa; tem início na discriminação de expressões, palavras ou sílabas dentro de unidades mais amplas de fala, progride para a discriminação de rimas, aliterações e sílabas, e só depois é que se chegam à consciência dos fonemas como unidades independentes na fala. Portanto, o principal objetivo desta implementação de trabalho pedagógico realizado com crianças de 3 a 6 anos foi o de sensibilizar estas para o exercício da consciência da língua que falamos como instrumento facilitador para o processo educacional integral das crianças. Refere-se a uma contribuição para o seu processo de humanização e desenvolvimento da criança no contexto da educação escolar.

TÍTULO 84: FOCAR, CLICAR, PROBLEMATIZAR

AUTOR(A): Marisa Veraldi

RESUMO: A comunicação que faço problematiza a construção do Projeto Pedagógico e de seus desdobramentos principalmente a Avaliação Institucional à medida que esta se propõe a verificar resultados obtidos com nossas ações. Ao produzir esses documentos no coletivo da escola estamos impregnados de um “juízo de valores” que fazemos da comunidade, e de nossas crianças. Esse “juízo de valores” é o principal problema, uma vez que as concepções que o construíram nos remetem ao discurso da “carência” muito marcante na Educação Infantil. Passamos então a problematizar o juízo sobre a suposta “carência” de nossas comunidades, e as conseqüências deste em nossas ações na escola. Atribuindo à idéia de carência como fruto de uma inculcação uma vez que as crianças, que freqüentam nossas escolas não são “carentes” são sim detentores de uma diversidade cultural que lhes vêm sendo historicamente negada e usurpada. Fruto de uma sociedade dividida em classes sociais a minoria que detêm o poder econômico passa a ditar padrões e regras a serem seguidos por toda a sociedade e através desse domínio perpetua-se. A Escola por sua vez, silenciosamente vai reproduzindo esses padrões desconsiderando e negando a identidade cultural da classe social que não é detentora do poder econômico e que atualmente freqüenta a escola pública. Sendo essa condição uma construção histórica, passível de superação e como sujeitos históricos passamos a acreditar que um novo mundo é possível. Como uma das engrenagens dessa sociedade a Escola não pode manter-se refém e reprodutora, ela é chamada a assumir seu papel, a sua parcela de responsabilidade. Conquistando sua autonomia e propondo em sua esfera de poder em seu cotidiano a inversão dessa lógica. Para tanto cada intenção de gestão e pedagógica, (se é que podemos separá-las) têm necessariamente que ser problematizada: para que? E para quem? Esta sendo pensada! Literalmente “Focando nosso olhar”, como metodologia para refletir, e interagir em nosso cotidiano termino a comunicação com fotos produzidas por nós educadores do Cemei, e que retratam um pouco do nosso cotidiano, imagens essas que tornaram-se importante instrumento para essa problematização.

TÍTULO 85: Era uma vez os três porquinhos...outra vez.

AUTOR(A): Silvana Ortiz Vieira Ruiz

INSTITUIÇÃO: UNICAMP IEL pós graduação

RESUMO: Os contos de fadas, como parte do universo infantil, é uma das linguagens presentes nas creches e escolas, principalmente presentes na imaginação das crianças que gostam muito de ouvi-los e não apenas ouvi-los, mas encená-los. Que criança é indiferente ao lobo mau? Entendendo a importância dos contos de fadas para as crianças, em seu desenvolvimento afetivo, emocional, imaginativo, portanto, em minha sala de agrupamento III, de 3 a 5 anos, fizemos os personagens da história para que as próprias crianças pudessem recontar a história e inventar novas versões dando a elas tempo, espaço e objetos para brincar, inventar e reinventar suas próprias histórias e brincadeiras com os personagens, afinal, a infância é o tempo de brincar de inventar, de imaginar, enfim de ser criança. Os três porquinhos e o lobo mau, foram feitos de caixinha de leite, e os narizes com copinho de Danone. As crianças empapelaram com papel de seda e cola com água, dando firmeza e consistência. Depois de secas as crianças pintaram e fizeram o rabinho dos porquinhos com crepom. O lobo mau ganhou orelhas de pelúcia, e os porquinhos de e.v.a. As casinhas de palha, feitas com palha de milho, de madeira, com palitos de sorvete, e de tijolos, bem ... tivemos que fazer outra, porque a primeira ficou secando lá fora e plim...como mágica desapareceu. A confecção dos personagens e da casinha já foi uma grande diversão, e depois de prontos as crianças brincaram, recontaram e inventaram novas histórias, que foram gravadas por mim, professora, e estas gravações serão convertidas em textos que comporão um livro de histórias da

turma. Enfim, esta brincadeira propiciou momentos de escuta da professora para a produção do imaginário das crianças, quais são suas criações e percepções do que as cercam, pois precisamos educar nosso olhar para a produção das crianças, pois entendo que as crianças são capazes de múltiplas criações, produções, relações e interpretações.

TÍTULO 86: MEMÓRIAS ESCOLARES: UM CONSTANTE DIÁLOGO COM O COTIDIANO

AUTOR(A): Nathália Velloso de Castro Costa

CO-AUTOR(ES): Mairce da Silva Araújo

INSTITUIÇÃO: Universidade do Estado do Rio de Janeiro

RESUMO: Esta comunicação oral retrata parte do movimento da pesquisa Alfabetização, Memória e Formação de Professores que temos desenvolvido junto com escolas da rede pública municipal de São Gonçalo. Trazemos para a reflexão, no presente trabalho, o resgate da memória de escolas gonçalenses e alguns encontros narrativos-reflexivos realizados com professoras alfabetizadoras em uma das escolas parceiras da pesquisa. Numa perspectiva colaborativa entre universidade e escola básica, a pesquisa vem estimulando um processo de (auto)formação, centrado na escola, que se pauta no diálogo entre nós, bolsistas - professoras em formação inicial - e professoras da escola básica em formação continuada. Tendo como aporte teórico-metodológico o referencial da investigação-formação, os encontros na escola tomaram como ponto de partida situações cotidianas da prática alfabetizadora trazidas pelas professoras. Em nossos encontros vamos ampliando nossa compreensão sobre o processo ensinar/aprender em meio às situações do dia-a-dia, no e com o cotidiano escolar (Ferraço, 2008). A cada momento nos confrontávamos com os referenciais construídos ao longo do nosso processo de formação, seja na universidade, seja na história pessoal de cada uma. Vivenciando a circularidade de saberes entre a universidade e a escola básica, reafirmamos a potencialidade de uma perspectiva de formação da professora-pesquisadora, como um caminho potente para o enfrentamento do desafio de formar docentes para 'um mundo em crise' ao possibilitar a emergência de saberes e conhecimentos que respondam de forma efetiva, política, ética aos desafios da alfabetização das crianças das classes populares em São Gonçalo. Temos como referência autores como: Freire (1978, 2003), Alves (2003), (Ferraço, 2008), Garcia (2006), Prado (2006), dentre outros.

TÍTULO 87: O jogo da/na construção de um trabalho interdisciplinar

AUTOR(A): Solange Aparecida Malacrida

CO-AUTOR(ES): Wilson Queiroz

INSTITUIÇÃO: Prefeitura Municipal de Campinas

RESUMO: Esta narrativa parte de um trabalho com jogos envolvendo as disciplinas de matemática e ciências. No desenvolvimento das atividades e das reflexões realizadas, o jogo desencadeou uma discussão sobre uma prática docente que particularmente tem o desafio/compromisso de construir um trabalho interdisciplinar que envolva alunos com histórico de não adaptação ao ensino regular e que são compulsoriamente transferidos de unidades escolares. Temos apostado em ações coletivas e interdisciplinares na busca de soluções para os

(im)previstos e (im)possibilidades vivenciadas ao lidar com estes alunos, assim como na construção de uma prática-pedagógica que valorize a permanência deles no espaço escolar. Afinal, para muitos esta pode ser a última tentativa de acesso a cidadania e a possibilidade de uma vida digna. Ainda que não tenhamos a pretensão de resolver os problemas sociais que adentram a escola, tais como: alimentação, transporte, vestuário, uso de drogas e violência doméstica, estas são questões que nos impõem a pensar em formas criativas e de ressignificação do fazer pedagógico. Trabalhando numa perspectiva de inclusão radical, estamos em processo de construção de maneiras que visam possibilitar a permanência dos alunos na escola, com sucesso, de problematização das condições de vida dos mesmos e da capacidade da escola e dos professores em lidar com estas questões. Temos creditado como ação efetiva para solução de problemas o diálogo aberto com alunos e gestores, tarefa esta que não é das mais fáceis. Para construção desta prática temos buscado fundamentação teórica em Paulo Freire, Baktim, Jacques Ranciere, Certeau, Geraldi, Prado e Soligo, entre outros.

TÍTULO 88: Experiências urbanas em meio às canções de Noel e Adoniran: tateios curriculares

AUTOR(A): Cláudio Borges da Silva

CO-AUTOR(ES): Maria Aparecida Lopes; Gabriela Moura Nascimento; Valéria Miranda Catarino

INSTITUIÇÃO: Prefeitura Municipal de Campinas

RESUMO: A experiência que vamos narrar trata de um trabalho desenvolvido com jovens e adultos na EMEF Profa. Dulce Bento Nascimento, a Escola do Guará, no primeiro semestre de 2010. Tendo em vista o centenário do nascimento dos sambistas Noel Rosa e Adoniran Barbosa, nós, professores, debruçamo-nos sobre as trajetórias de vida destes compositores e pusemo-nos a ouvir algumas de suas canções. A partir dessa aproximação, definimos um grande eixo temático: “Viver em grandes cidades: diálogos entre passado e presente”. Nosso relato procura reconstruir aspectos da construção desse projeto de trabalho, dos modos como nós, professores, fomos compondo seus sentidos, desdobrando o grande eixo em diálogos com os conhecimentos disciplinares e com as experiências e saberes dos jovens e adultos. Relato de algumas possibilidades vislumbradas, umas reelaboradas no percurso, outras deixadas à espera de outros ensaios. Relato do prazer e do desafio que foi vivenciar na escola a escuta de canções que trouxeram sonoridades novas e que descortinaram a vida na cidade como palco de experiências diversas, expressas em linguagens também diversas. Algumas destas experiências e linguagens com espaços restritos de circulação, reiteradamente silenciadas. Nossa fala apresenta indícios dos modos como os alunos procuraram elaborar seus modos singulares e ao mesmo tempo coletivos de morar em cidades, interpretando, conhecendo, dialogando e se inspirando nos personagens das canções de Noel e Adoniran.

TÍTULO 89: Agora, o que eu faço com vocês? O filme (parte 2). Reflexos e refrações de uma prática pedagógica

AUTOR(A): Marcos Donizetti Forner Leme

INSTITUIÇÃO: SME – Campinas / EMEF “Raul Pila” / FE UNICAMP

RESUMO: O filme foi realizado em 2003, pelos alunos da, então, oitava série da EMEF “Raul Pila”, como parte de uma proposta pedagógica organizada por mim nas aulas de História e analisada em minha dissertação de mestrado. Passados sete anos, ao receber inesperadamente um email de uma das protagonistas do filme, dizendo da importância do nosso trabalho em sua vida e da minha presença em suas escolhas, dizendo também da leitura que fizera de minha dissertação, releio nossa produção e procuro, em meio à emoção, compreender a polifonia e o dialogismo (Bakhtin), que compõem o novo texto que vai sendo produzido por nós. Revelador dos reflexos e refrações (Bakhtin) das palavras que compõem a prática pedagógica em questão, o antigo texto se refaz e novos sentidos se produzem. O filme, minha primeira análise dessa produção, o magnífico texto produzido por minha antiga aluna em seu email, os caminhos que esse texto trilhou até chegar para mim e o intenso diálogo que se instalou entre nós, serão tomados como objetos de análise dessa outra produção que me proponho a realizar e apresentar. Que importância as práticas escolares têm na vida das pessoas? O que se ensina e o que se aprende através delas? Como as relações de ensino são constitutivas dos seres humanos? Novamente me lanço no desafio de, através da narrativa e da análise textual, procurar respostas para antigas questões que fazem parte constante da minha trajetória como professor e pesquisador.

TÍTULO 90: "Nossas experiências, nossas vidas"

AUTOR(A): Elaine Cristina Vignoli

CO-AUTOR(ES): Maria Bernadete Sarti da Silva Carvalho

INSTITUIÇÃO: Escola Estadual Profª Heloisa Lemenhe Marasca - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

RESUMO: O presente relato se refere a um projeto de ensino organizado por uma professora de Língua Portuguesa e desenvolvido por uma turma de sexta série, em uma escola estadual de Ensino Fundamental, no período de agosto a outubro de 2008. O trabalho foi articulado a partir de uma tipologia textual – os relatos de experiência – e dele fizeram parte atividades de leitura, de análise e reconhecimento das marcas textuais, de aprendizado sobre a gramática e de ampliação de vocabulário. Como parte das atividades, além da leitura de textos escolhidos pela professora e a escuta de relatos de pessoas convidadas a participar das aulas, foi proposta a escrita de relatos de experiências de vida dos alunos e, em seguida, um processo de escrita e reescrita dos textos, tanto individual como coletivamente. Essas produções foram organizadas pelos alunos e pela professora e publicadas em um livro, cujo título é “Nossas experiências, nossas vidas”. A professora, ao elaborar o projeto, considerou os conteúdos presentes na Nova Proposta Curricular para o estado de São Paulo (agora Novo Currículo), a proposta pedagógica da escola e as demandas do curso de formação continuada “Letra e Vida”, do qual era aluna naquele ano. Os resultados, apontados pela professora, acompanhados pela coordenação pedagógica e registrados no produto final (o livro) foram significativos, pois possibilitaram, no trabalho em grupos e duplas, que alunos com sérios problemas na escrita de textos se sentissem motivados e envolvidos nos relatos de suas experiências, produzindo, em colaboração uns com os outros, textos com melhor qualidade tanto no conteúdo como na forma.

TÍTULO 91: A Arte Visual Como Potência de Linguagens: O Exercício Do Olhar e A Criação

AUTOR(A): Thelma Ragusa Guimarães

CO-AUTOR(ES): Rafaela Alves Lopes

INSTITUIÇÃO: EMEF Humberto de Alencar Castelo Branco

RESUMO: Pesquisa desenvolvida na EMEF Pres. Humberto Castelo Branco, na forma de pesquisa compartilhada com os alunos da disciplina de artes. Foi combinado com os alunos que seria feito um estudo dos painéis Guerra e Paz, bem como de sua produção e concepção, tendo como instrumento de trabalho as novas tecnologias disponíveis na escola e as obras desenvolvidas pelo pintor que deveriam compor os painéis. O ritmo e o andamento do trabalho foi marcado pelo calendário escolar quanto a seleção de obras a serem estudadas. Ao final do estudo faríamos uma composição com estilo semelhante ao dos painéis mas mostrando imagens da escola, produzidas em trabalho de campo. Estas imagens fotográficas e imagens gráficas, seriam produzidas, tanto por professores quanto por alunos. É a inscrição do tempo na matéria pictórica que transforma a representação, alterando seu valor como obra e singularidade histórica. Esta perspectiva histórica na obra altera a relação intersubjetiva entre fruidor e obra exigindo um olhar informado daquele que desfruta de sua riqueza estética. Palavras-chave: Guerra e Paz, Cândido Portinari, fruição, olhar informado, perspectiva histórica, tecnologia, criatividade, educação estética.

TÍTULO 92: Projeto Acontece: Jornal Mural sobre o desperdício de papel na escola

AUTOR(A): KELLY CRISTINA MUNHOZ ARDUINO

CO-AUTOR(ES):

INSTITUIÇÃO: PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS

RESUMO: Este texto trata de um projeto desenvolvido numa escola de ensino fundamental da Prefeitura Municipal de Campinas baseado nas discussões sobre o trabalho com gêneros e tipos textuais realizados no curso de Formação Continuada de Professores de Língua Portuguesa – Gestar II. Mostra as etapas do trabalho e as considerações a respeito dos resultados obtidos. O projeto foi realizado com alunos de 6º ano do ensino fundamental que produziu um jornal mural a partir do tema como reduzir o desperdício de papel em nossa escola, ajudando a conservá-la mais limpa e contribuindo para a preservação do meio ambiente, apresentado na Mostra Cultural da escola. O jornal mural foi utilizado como suporte por se tratar de um veículo didático que permite a disseminação de informações relevantes e por servir como apoio às campanhas internas que solicitam a participação da comunidade escolar pelo incentivo e acompanhamento que pode dar a elas enquanto acontecem. O projeto foi muito proveitoso e propiciou o envolvimento da maioria dos alunos com a leitura e a escrita. Foi interessante observar as descobertas de alguns alunos ao manusear o jornal. Alguns nunca tinham observado que há índice e previsão do tempo, por exemplo. Eles conseguiram identificar muitos de gêneros textuais que compõem o jornal e se sentiram desafiados ao escreverem diferentes gêneros para o jornal mural da classe. Valeu a pena trabalhar o projeto com jornal. Percebi os alunos mais envolvidos com este tipo de leitura e mais conscientes e perspicazes na busca por informação e manuseio do jornal. A escrita também mudou. Eles perceberam a necessidade do jornalista de escrever e reescrever e também viram a importância da revisão do texto.

TÍTULO 93: MÚLTIPLOS PROJETOS: PRODUÇÃO DE VIDA VARIADA NO OFÍCIO DE PROFESSOR

AUTOR(A): Marcemino Bernardo Pereira

INSTITUIÇÃO: E.M.E.F. “Pe. Melico Cândido Barbosa”/Universidade Estadual de Campinas

RESUMO: Este trabalho apresenta os percursos investigativos e resultados da pesquisa que empreendi no Programa de Mestrado da FE da Unicamp entre 2004 e 2008, onde narrei a minha formação como professor de História do ensino fundamental. Ao longo do texto contei diversas experiências diretamente relacionadas à escola, mas à medida que eu o escrevia, uma prática muito particular revelou-se central entre todas elas: o meu trabalho com projetos na E.M.E.F. “Pe. Melico C. Barbosa”, em Campinas. Não foi a minha intenção elaborar uma definição para “trabalhos com projetos”, mas descrever estas práticas para compreender os sentidos que lhes venho atribuindo nestes anos e de que maneira estes se articulam à minha docência. Estas articulações produzem alterações significativas nas minhas aulas, por mim aqui denominadas de “aulas-projeto”. Para fazer esta narrativa, procurei confrontar as minhas memórias de professor e uma determinada auto-imagem profissional, com registros das minhas práticas - relatórios, anotações, textos de alunos etc., tomados enquanto documentos de pesquisa. Produzi estas relações tendo como perspectivas metodológicas o conceito de dialogismo, desenvolvido por Bakhtin e as reflexões de W. Benjamin em torno da história e da narrativa. Dessa maneira, tornou-se possível, para mim, poder ouvir as vozes outras que me constituem professor e dar-lhes sentido por meio dessa escrita.

TÍTULO 94: Avaliação e Ensino Médio: o caso de uma escola pública de Itupeva

AUTOR(A): Andréia Pereira Almeida de Sousa Neves

INSTITUIÇÃO: EE Padre José de Anchieta

RESUMO: A discussão será sobre a pesquisa de Mestrado que teve como objetivo investigar a realidade de uma escola estadual de Ensino Fundamental e Médio, no município de Itupeva, interior do Estado de São Paulo, com foco nas avaliações aplicadas aos alunos da terceira ao Ensino Médio. O Ensino Médio representa um período importante na educação de jovens, visa à preparação para o mercado de trabalho, ao ensino universitário e à formação do cidadão para a vida em sociedade. Porém tal importância tem sido questionada dadas as condições oferecidas pelas políticas públicas educacionais ao longo da história brasileira. O procedimento metodológico envolveu o levantamento de fontes primárias e a análise do material teórico e documental, bem como o estudo de caso, por meio de uma abordagem qualitativa e quantitativa. Compreendendo a avaliação como instrumento chave para o conhecimento da prática pedagógica escolar, sua análise mostrou-se determinante para o aprimoramento, a reflexão e o repensar do cotidiano escolar. A consideração dos alunos sobre o tema permitiu-nos perceber a relevância da avaliação no processo educacional. Entretanto, trata-se de um debate inacabado, visto a complexidade que permeia a dinâmica da avaliação. Trata-se, portanto, de um recorte dentro dessa instituição de ensino, quanto à sistemática das avaliações internas e externas que nela ocorrem. O presente trabalho refletiu até que ponto as avaliações são percebidas como relevantes para a Escola. Apesar da importância dada à avaliação pela Escola através de um sistema unificado, ela se apresenta centrada na nota, caracterizando-se classificatória e focando a promoção do aluno, embora, superar estas dificuldades, proporcionando uma avaliação de fato formativa, tem sido o desafio dessa instituição escolar.

TÍTULO 95: Projeto Boneco

AUTOR(A): Isabel Bueno de Almeida

CO-AUTOR(ES): Sue Ellen Lorenti Higa

INSTITUIÇÃO: EMEI Francisco Xavier Sigrist

RESUMO: Em nossa sociedade que prioriza a razão em detrimento da emoção, como se fosse possível pensar e sentir separadamente, faz-se necessárias práticas pedagógicas permeadas por uma abordagem que contemple o ser humano em sua totalidade, respeitando todas suas dimensões, inclusive a afetiva. Nesse contexto o presente trabalho denominado “Projeto Boneco”, realizado há dois anos em duas EMEIS localizadas na região Sul de Campinas, que atendem crianças de 3 a 5 anos, vem trazendo inúmeras contribuições às crianças e suas famílias. O boneco é montado pelas próprias crianças que definem em pequenas assembléias o sexo, o nome e suas características físicas. Essas discussões possibilitam o desenvolvimento de sujeitos questionadores, criativos, responsáveis e autônomos por meio da participação ativa nas discussões, votações e tomada de decisões realizadas coletivamente em sala. Nesse processo, além de serem problematizadas questões de gênero, etnia, regras de convivência, etc, os pequenos podem, ao construir a identidade deste “outro”, construir sua própria identidade. É possível perceber também, durante o desenvolvimento do projeto, que o boneco ganha vida na imaginação das crianças na medida em que participa de todas as atividades em sala, brincadeiras, passeios e visita a casa de todos da turma.

TÍTULO 96: Transgressão nos modos de ser e ver a criança.

AUTOR(A): Renata Esmi Laureano

CO-AUTOR(ES): Tânia Cristina Alves dos Santos; Patrícia Cosimato

INSTITUIÇÃO: Prefeitura Municipal de Campinas - SME

RESUMO: Esta apresentação tem como objetivo socializar algumas das discussões feitas em nosso trabalho final de Especialização em Educação Infantil, concluída em Março deste ano. O recorte que trazemos para este evento é fruto de um diálogo que travamos entre a Pedagogia da Infância e o termo “transgressão:” a partir de uma metodologia que possibilitou-nos olhar para as ações das crianças em momentos de criação em artes plásticas. A escolha do termo transgressão para compor a categoria de análise desse trabalho, nos possibilitou problematizar o olhar do adulto frente a experiência das crianças produzindo as culturas infantis. Destacamos duas perguntas que nortearam o presente estudo: o que é transgredir para nós adultas, professoras de crianças pequenas? O que é transgredir para as crianças? Como referencial teórico, destacamos os trabalhos de Barbosa (2007), Faria, Demartini e Prado (2005), Faria (2007), Finco (2007), Gobbi (1997), Prado (1998), entre outros; e autores italianos como Ghedini (1998), Siebert (1998) e Russo (2007), só para citar alguns. Dentre os procedimentos metodológicos escolhidos, trazemos para essa apresentação a filmagem de duas atividades desenvolvidas com duas turmas de educação infantil da rede pública, das quais recortamos quatro cenas que nos permitiram focalizar a discussão da transgressão sobre as ações das crianças e o adulto frente elas. Procurar nas ações infantis, formas de agir que rompem com ações esperadas, determinadas e conduzidas, nos guiou na busca da construção de uma percepção da atividade infantil que ultrapassa os modelos educacionais convencionais requerendo um adulto que aprenda as cem linguagens da criança, e quem sabe, assim, um adulto que olhe o mundo de outra forma, quem sabe.

TÍTULO 97: Escola Espaço de construção coletiva

AUTOR(A): Valdirene da Silva Fernandes

INSTITUIÇÃO: E.M.E.F.Prefeito José Meirelles

RESUMO: A atividade consiste na elaboração de três fotonovelas, cujo enredo foi elaborado pelos educandos com a finalidade de observar as diferentes situações de comunicação, seja elas formais ou informais. O objetivo da atividade é minimizar a distância entre os conteúdos escolares e a vida social do educando, ou seja, seu conhecimento de mundo, posto que seu intuito é trabalhar a linguagem de forma reflexiva e dinâmica. A atividade foi desenvolvida em uma Unidade Escolar do Estado de São Paulo, Situada no município de São Vicente, baixada Santista, respectivamente, com o nono ano de escolaridade. O processo transcorreu adotando o seguinte critério: • Elaboração do enredo; • Sessão de fotos e filmagem; • Conversão do enredo em diálogo; • Edição das fotonovelas; • Partilha e socialização; • Reflexão mediada pela educadora sobre aspectos pertinentes a língua falada/escrita. Assim, o educando será estimulado a refletir sobre sua produção textual de forma crítica, bem como empregará a língua de forma competente em seus diversos contextos. Cabe ressaltar, o protagonismo do educando que manipulará o material linguístico dando significado ao processo ensino-aprendizagem. Somente assim, o educando se sentirá livre e feliz para verdadeiramente aprender-aprender. " Ensinar é um exercício de imortalidade; De alguma forma continuaremos a viver, Naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia de nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais..." Rubem Alves.

TÍTULO 98: Brincando e Aprendendo (também) na Casinha da Lili

AUTOR(A): Renata Alves da Silva Martins

CO-AUTOR(ES): Elaine Matias Cândido; Tatiane Nogueira da Silva

INSTITUIÇÃO: Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro CAP/ISERJ

RESUMO: Neste relato, compartilhamos a nossa experiência enquanto professoras da Educação Infantil de uma escola pública do Rio de Janeiro. Durante muito tempo, a Educação Infantil foi considerada um espaço de preparação para o ensino fundamental sem levar em conta a cultura infantil na qual se inserem o brincar, o criar, o fantasiar, o experimentar. A Educação infantil foi conquistando espaço dentro do processo ensino-aprendizagem por meio do qual a criança, então, passou a ser considerada como um ser integral desde a mais tenra idade. Portanto, reconhecendo a importância do brincar como produção humana, retomamos, desde 2009, o projeto Casinha da Lili, realizado na 2ª etapa da Educação Infantil do ISERJ, no qual tentamos romper com a dicotomia entre cognição / emoção, aprender / brincar, afetividade / aprendizagem. Enquanto brinca, a criança está nutrindo sua vida interior e está buscando um sentido em tudo o que faz. Ao tomar iniciativas, cuidar, construir relações com o espaço, com os amigos e viver o cotidiano da Casinha da Lili (uma casa de alvenaria situada no Parquinho da Escola), as crianças estão produzindo conhecimento por meio da interação. Assim, procuramos nos afastar da idéia de que o aprendizado só ocorre no espaço da sala de aula, e investimos, dessa forma, na ampliação do espaço / tempo de aprender e ensinar. A casinha da Lili é, por exemplo, uma excelente motivação para a realização de atividades que

envolvem leitura e escrita. O registro das falas das crianças nas mais diversas situações, assim como a escrita espontânea, exemplificam a prática da escrita com sentido na Educação Infantil. Cabe, então, uma pergunta: O que é conhecimento na Educação Infantil?

TÍTULO 99: Uma aventura na Terra do Nunca

AUTOR(A): Regina Carvalho Calvo de Faveri

CO-AUTOR(ES): Sonia Regina Brizolla Ferronato; Arita de Paula Rigonato aritadepaula@gmail

INSTITUIÇÃO: Colégio Farrroupilha Campinas

RESUMO: A experiência descrita ocorreu numa escola da rede particular de Campinas, com alunos do 5º ano. O objetivo principal foi incentivar a leitura e a produção por meio de uma proposta interdisciplinar. No início do ano alguns alunos não apreciavam ler. Investimos num trabalho longitudinal em que diferentes formas de leitura foram realizadas. A primeira iniciativa foi ler algumas obras para a turma. Iniciamos com O Pequeno Príncipe. Depois, O Gênio do Crime, A reunião dos Planetas... Percebemos um interesse crescente e a solicitação para que continuássemos. Inserimos a leitura compartilhada. Fizemos dinâmicas em que os alunos liam textos ou trechos para os colegas. Os temas variados e os diferentes gêneros textuais evidenciavam gostos comuns e desencadeavam mudanças visíveis nas atitudes. Esse trabalho nos levou a pensar num projeto de férias baseado no livro Peter Pan (tradução de Ana Maria Machado). Os registros sistematizados foram retomados na volta às aulas, culminando numa mostra de trabalho. Utilizamos um roteiro de leitura em capítulos e produção de: resumo, sinopse, história em quadrinhos, poesia, esculturas e telas. Os professores de inglês, artes, informática e a bibliotecária participaram com atividades específicas de suas respectivas áreas. Cada criança adquiriu um exemplar do livro e enviou seus textos via e-mail. Depois das férias foram feitas revisões sob a orientação dos professores responsáveis. O trabalho contribuiu para que as crianças percebessem as diferentes linguagens envolvidas. A presença de interlocutores reais, à ocasião da mostra de trabalhos, fez com que se sentissem muito motivadas. Os pais foram envolvidos no projeto, sobretudo no encerramento quando participaram de dramatizações de trechos escolhidos pelos filhos e relataram grande satisfação.

TÍTULO 100: PSICOMOTRICIDADE NA ESCOLA

AUTOR(A): Evandro Luis Correa Rodrigues

INSTITUIÇÃO: Associação Educacional Dom Bosco

RESUMO: Este artigo foi realizado através de pesquisas bibliográfica, assim como observações nas aulas do Colégio de Aplicação de Resende relacionadas a psicomotricidade e aprendizagem. Seu objetivo geral é detectar as causas das dificuldades apresentadas pelos alunos nas realizações das atividades propostas. A Psicomotricidade contribui de maneira expressiva para a formação e estruturação do esquema corporal. Por meio das atividades, as crianças, além de se divertirem, criam, interpretam e se relacionam com o mundo em que vivem. Por isso, cada vez mais os educadores recomendam que os jogos e as brincadeiras ocupem um lugar de destaque no programa escolar desde a Educação Infantil. Destaca-se as estreitas ligações entre a motricidade, a intelectualidade e a afetividades sendo, portanto, uma educação global que procura educar o movimento, desenvolvendo juntamente as funções

cognitivas e envolvendo também a emoção. "A finalidade da educação psicomotora é promover, através de uma ação pedagógica, o desenvolvimento de todas as potencialidades da criança, objetivando o equilíbrio biopsicossocial" (Negrine, 1986). Por isso, torna-se parte integrante da ação educativa e do processo de aprendizagem escolar. Por ser seu corpo o ponto básico de contato com o mundo, suas funções serão desenvolvidas através de sua atividade corporal. A própria criança, percebe-se e percebe os seres e as coisas que a cercam em função de sua pessoa. Sua personalidade se desenvolverá graças a uma progressiva tomada de consciência de seu corpo, de seu ser e de suas possibilidades de agir e de transformar o mundo à sua volta. Toda criança se sentirá bem, na medida em que seu corpo lhe obedece, em que o conhece bem, em que pode utilizá-lo não somente para movimentar-se mas também para agir.

TÍTULO 101: CABEÇAS NAS NUUVENS: O ENSINO DE CIÊNCIAS COMO HISTÓRIA DO MUNDO

AUTOR(A): Tamiris de Lima Pereira

CO-AUTOR(ES): Igor Helal

INSTITUIÇÃO: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

RESUMO: Este trabalho intenta explicitar algumas questões emergidas de um trabalho final da turma de Ciências Naturais II do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), o qual versa acerca das possibilidades outras de aprenderensinar ciências. Para isso – e pensando na complexidade constituinte do cotidiano e das ações aí travadas - entendemos ser necessário discutir os impasses e os dilemas presentes no percurso desse fazer pedagógico, sua feitura e problematizações, objetivando construir um material que possibilite e considere as aulas como acontecimentos, atravessamentos e experiências (LARROSA, 2007). Rompendo com a ciência morta (DELIZOICOV, 2007), possibilitaremos ao Ensino de Ciências a legitimação do indivíduo enquanto leitor crítico do mundo, garantindo-lhe a compreensão dos fenômenos científicos e dos conflitos socioambientais que o cerca, visto que não há cisão experiencial entre o dentrofora da escola e universidade. Nesse sentido, adotamos como referencial teórico uma abordagem CTSA (Ciência, Tecnologia, Sociedade e Ambiente), a qual permite-nos apre(nder tais esferas que habitamos, a fim de indagá-las e complexificá-las, no desafio de pensar maneiras outras de aprenderensinar. Aliás, pensar o Ensino de Ciências de outro lugar, pautando-se na dialogicidade, criticidade e autoria/autonomia de professores e alunos se coloca como uma alternativa emancipatória para a formação de docentes e crianças enquanto cidadãos responsáveis em seus atos individuais e coletivos (MALAFAIA Y RODRIGUES, 2008). Essas considerações se tornam basilares para compreendermos as práticas educativas que aparecem nos processos de aprendizagemensino, em que educadores e educandos surgem também como pesquisadores, formando e formando-se por meio de relações e (inter)atividades mais significativas tangíveis ao Ensino de Ciências, contrapondo os conhecimentos acumulativos, os quais preencheriam falsamente a tabula rasa que fomos algum dia.

TÍTULO 102: De volta ao futuro, o texto

AUTOR(A): Glória Pereira da Cunha

INSTITUIÇÃO: GEPEC - Faculdade de Educação - Unicamp

RESUMO: Isto é o resumo do relato de uma experiência que ainda não se deu. Como escolher as palavras-chaves dessa ficha? e-Boa, o Boaventura, claro!, não conseguiria tirá-lo dos meus neurônios que pensam/agem sobre possibilidade de um outro mundo/educação, mais do nosso jeito. [nosso quens, cara-pálida?] Pipocas pedagógicas, já lançadas no FALA anterior, é minha segunda palavra-chave e escolha de estilo: um relato de experiência! [deixar junto e misturado: acadêmica e batuque!?!] Acabei meu mestrado a pouco e deveria estar aqui falando dele, mas já falei, já defendi, já fiz um blog e agora quero uma atividade nova. Ofereci ao FEIA - Festival do Instituto de Artes - uma oficina de maracatu para educadores. Há algum tempo tenho me dedicado a estudar aspectos da cultura popular brasileira, sem especializações, como uma brincante, mas o maracatu de baque virado virou também minha cabeça. Procurei uma formação e muitas informações sobre ele. Fiz oficinas, conheci mestres, li teses e livros, apito um grupo, desfilo com minha nação no carnaval do Recife e agora conjugo essa cultura com outros fazeres da educação. O Maracatu Nação fala da identidade de um povo que se reinventa em cantos, baques e dança; história africana mistura com a história dos índios dessas terras descobertas e encobertas pelos portugueses, todos presentes na brincadeira. Pesquisar na fonte e devolver ao povo em forma de arte, nos ensina Solano Trindade, poeta e formador de um dos primeiros grupos de maracatu fora de Pernambuco. Devolvemos também sob a forma de educação, sabendo que ela é uma arte.

TÍTULO 103: Escola da Cultura: O papel da Equipe Gestora na Fomentação e Difusão Cultural

AUTOR(A): ALEXANDRE SÔNEGO DE CARVALHO

CO-AUTOR(ES): Ana Cláudia de Souza Rodrigues; Sílvia Helena Vital do Prado; Vera L. Grein do Rozário

INSTITUIÇÃO: EMEF Prof. André Tosello/ SME/CAMPINAS

RESUMO: Para o poeta José Paulo Paes a "Cultura não é aquilo que entra pelos olhos, mas o que modifica o olhar". Partindo dessa premissa, a escola é também uma das fontes que possui a responsabilidade de permitir essa transformação e quebrar as barreiras do acesso à cultura é um dos maiores desafios a ser cumprido por ela. Ir ao teatro, cinema, exposição, concerto, museu, etc não faz parte do roteiro da maioria dos alunos, que estudam em escolas públicas, moradores na sua maioria em comunidades carentes. Com isso, é na escola, por meio dos professores e gestores, que nossos estudantes têm alguma possibilidade de ter acesso às ferramentas culturais. Sendo assim, Nosso trabalho consiste em relatar as ações desenvolvidas na área cultural na EMEF Prof. André Tosello, escola estabelecida na cidade de Campinas, bem como demonstrar que é possível colaborar para a formação de nossos estudantes por intermédio dos projetos culturais. Somos sabedores que a Unidade Educacional precisa dar voz e vez a eles, resgatando sua cultura e proporcionando a possibilidade deles conhecerem outras linguagens artísticas e culturais. Nessa conjuntura, estabelecemos um plano de ação que visava incentivar a fomentação cultural dentro do espaço escolar, bem como oportunizar para os nossos estudantes o acesso as diferentes linguagens artísticas em diferentes produções culturais. Dentre os projetos desenvolvidos destacamos: Arte no Muro(Grafitismo), Arte e Política(Várias linguagens artísticas), Arte e Movimento(Circense), Leitores em Formação(Literatura e música), África(Várias linguagens artísticas), etc. É muito bom perceber que o trabalho que vem sendo desenvolvido tem trazido resultados satisfatórios, permitindo observar em nossos estudantes o desenvolvimento do senso crítico, a sensibilidade, ausência de preconceitos, acuidade musical, percepção visual, etc. Destacamos ainda que esses resultados têm motivado a criação de futuros projetos, como o próximo a ser desenvolvido na escola na área de cinema: "Luz, Câmera... Ação!".

TÍTULO 104: A NÃO OBSERVAÇÃO DA HETERONORMATIVIDADE NO BERÇÁRIO DO CEMEI AMÉLIO ROSSIN

AUTOR(A): Carlos Roberto Bertim

INSTITUIÇÃO: CEMEI Amélio Rossim

RESUMO: O brincar é assunto muito sério para as crianças. Elas organizam o seu mundo buscando o seu jeito de perceber as relações sociais. Os desejos das crianças passam a ser definidos pelo adulto, que a expressa em nome delas. No universo da educação infantil é comum verificarmos a separação entre gênero e a heteronormatividade. O masculino e o feminino não se misturam. São vários os movimentos nesse sentido e os exemplos também são diversos. Como e onde tudo isso se inicia? Para tentar quantificar, foram observadas 24 crianças (14 meninos e 10 meninas) com idades variando de um ano a dois anos do Agrupamento I (AGI) da CEMEI Amélio Rossin. Foram oferecidos vários brinquedos “masculinos” (bolas coloridas, brancas e carrinhos) e “femininos” (bonecas com roupas coloridas e sem roupa, bolsas) em uma caixa com o objetivo de verificar a preferência das crianças aos “tipos” de brinquedos. Inicialmente os brinquedos coloridos foram os primeiros a serem escolhidos; posteriormente as crianças passaram a brincar com brinquedos femininos e masculinos indistintamente não sendo observada a heteronormatividade nas escolhas dos brinquedos. No AGI não se pratica a diferenciação de gênero pelos adultos. Sendo assim é primordial a necessidade de estarmos atentos quando, na prática profissional, induzimos, incitamos, desviamos, tornamos mais fácil, ou mais difícil, produzimos, ampliamos ou limitamos a temática de gênero e da sexualidade infantil.

TÍTULO 105: Mensagens a Rosinha: a menina bonita do laço de fita

AUTOR(A): Andresa Milaré Betin Peruchi

INSTITUIÇÃO: EMEF Profª Maria Aparecida Pagoto Moraes

RESUMO: O diálogo apresenta um trabalho desenvolvido em uma sala de aula de 1º Ano da EMEF Profª Maria Aparecida Pagoto Moraes – Cordeirópolis/SP – com o objetivo de refletir, junto com os alunos, sobre o preconceito racial. Para isso, utilizamos como recursos didáticos o livro de Ana Maria Machado “Menina bonita do laço de fita” e a boneca Rosinha, que foi confeccionada pela professora especialmente para o projeto e teve seu nome escolhido através de votação pelos alunos da turma. Foi produzido também um Caderno de Mensagens, que passou por todas as turmas da escola. Cada turma foi apresentada à boneca pelos alunos da classe e ficou um tempo com a boneca e o caderno em sala de aula. Tiveram, com isso, a oportunidade de deixar uma mensagem sobre o negro, a diversidade étnica do Brasil, algum desabafo ou opinião, relatando alguma forma de preconceito que tenham visto ou vivido e com os quais não concordem. Serão apresentadas as fotos da turma, das visitas e o caderno de mensagens, bem como os resultados que foram aparecendo na escola. Os alunos de uma das salas pelo qual o caderno passou confeccionaram um boneco de argila, a quem deram o nome de Lipo e que seria para eles “o namorado da Rosinha”. O trabalho priorizou a cultura afrobrasileira, mas trabalhou também com o desenvolvimento da leitura e da escrita em uma situação real, na qual os alunos puderam expressar suas ideias e opiniões. Como afirma Rocha: “Nossas escolas pretendem formar cidadãos. E cidadania não combina com desigualdade, assim como democracia não combina com preconceito e discriminação. Se as crianças vão à escola é porque desejamos que se desenvolvam plenamente como seres humanos.”

TÍTULO 106: O projeto Conexão do Saber e a Educação de Jovens e Adultos

AUTOR(A): Maria Dorothea Chagas Correa

COAUTOR(A): Adriana do Nascimento Araújo Mendes; Ana Lúcia Sousa

INSTITUIÇÃO: Universidade Estadual de Campinas

RESUMO: No ano de 2007, a Escola Aletheia de Campinas estabeleceu uma parceria entre a educadora Ana Lúcia Sousa, responsável por um grupo de alunos da EJA, e o Projeto Conexão do Saber do Larcom /Unicamp. Os alunos da EJA passaram a freqüentar o laboratório de informática da Aletheia para utilizarem os módulos educacionais (aulas virtuais) desenvolvidos pelo Projeto Conexão e, assim, reforçarem suas oportunidades de aprendizagem. A escolha prévia dos módulos a serem utilizados é feita com cuidado, de forma que há muita similaridade do que se trabalha em aula com o que é feito no laboratório. São utilizados módulos abordando temas como alimentos, trânsito, dias da semana, entre outros, com utilização de animações, atividades dinâmicas e divertidas que colaboram para a aprendizagem. A educadora desenvolve seu trabalho partindo da vivência de cada aluno, como, por exemplo, assinar o próprio nome em um benefício, ler a Bíblia, ler o número do ônibus, entender a conta do supermercado, etc. Quando a educadora propôs as idas ao laboratório de informática, inicialmente foi uma decepção para os alunos. Porém, hoje, constata-se que eles querem aproveitar ao máximo cada minuto que lá estão. Além de ser um momento de aprendizagem, seja de reforço do que já foi visto ou de novidade é, também, um momento muito prazeroso, que contribui para resgatar a auto-estima deles. A inclusão digital tem sido um dos pontos relevantes nas conquistas desses alunos da EJA e percebe-se que as atividades do Conexão contribuem para um salto qualitativo na aprendizagem: uma tarefa que antes levava muito tempo para ser realizada, agora é feita rapidamente. A ida ao laboratório, além de contribuir para a aquisição da leitura e da escrita, é a descoberta de um outro mundo que contribui para restaurar sonhos.

TÍTULO 107: Entre fenômenos e naturezas: diálogos em Educação Infantil

AUTOR(A): Luciana Haddad Ferreira

COAUTOR(A): Luciane Pereira da Silva Guimarães

INSTITUIÇÃO: Colégio Progresso Campinas

RESUMO: Em mais um dia seco de agosto, uma conversa de roda deixa os alunos curiosos: porque não chove há tantas semanas? Desta inquietação e de outras perguntas geradas pelas crianças naquele dia, iniciou-se um projeto que tinha como objetivo levantar dados e compreender melhor os fenômenos da natureza. Partindo dessa necessidade, propusemo-nos a investigar a temática de uma ótica diferenciada, através de um diálogo entre as Ciências Naturais, a Filosofia e as Artes, com o objetivo de possibilitar a constituição uma Educação Estética. Diante disto, as crianças elaboraram diferentes hipóteses sobre o tema através do levantamento de dados em materiais de pesquisa como livros, vídeos, fotos, músicas, poesias e obras de arte. Partindo desta seleção, diferentes culinárias, estudos de meio e experimentos científicos foram realizados, apontando para a convergência entre as ciências naturais e a

sensibilidade humana. Mais do que comprovar a existência de cada fenômeno, as crianças aprenderam a olhar e maravilhar-se com a vida ao seu redor: “as cores com as quais pintamos e enxergamos o mundo estão todas elas contidas em um raio de sol, sabiam? É a sua refração através de uma gota d’ água que dá origem ao arco-íris!” O presente trabalho conta com registros e impressões das crianças acerca dos fenômenos da natureza, bem como das professoras mediadoras deste projeto. Os resultados deste trabalho revelaram-se extremamente significativos para os alunos e possibilitaram a formação de conceitos importantes para a vivência em grupo. Palavras chave: fenômenos da natureza; projetos interdisciplinares; Educação Infantil

TÍTULO 108: POR ENTRE RISOS, LÁGRIMAS E SILÊNCIOS: UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA

AUTOR(A): Eliane Aparecida Bacocina

INSTITUIÇÃO: FALS - Faculdade do Litoral Sul Paulista

RESUMO: O diálogo apresenta uma experiência de leitura em voz alta para alunos de um curso de Pedagogia, a partir do embasamento teórico em Pennac (1998) e Larrosa (2002). Muito se fala na importância da leitura em voz alta no trabalho educativo para os diferentes níveis de educação. Mas, como formar professores que leiam para os alunos se os mesmos, muitas vezes, não possuem o hábito da leitura? Nesse sentido, como professora de ensino superior do Curso de Pedagogia, incluí na rotina do grupo dois momentos de leitura: no início da aula, onde realizamos uma leitura em capítulos e no final da aula, momento aberto para que os alunos levem leituras para compartilhar com o grupo. Nesse trabalho, focarei o primeiro momento, no qual é realizada a leitura compartilhada em capítulos do livro “A lição final”, de Randy Paush, relato de um professor americano que, após descobrir que tinha câncer, elaborou uma palestra de despedida, na qual deixou registrado, especialmente para seus filhos, as experiências vividas e as lições que aprendeu ao longo da vida. Após uma apresentação inicial do livro ao grupo, alguns fatos interessantes foram se mostrando, entre eles a busca espontânea de informações sobre o livro, a identificação com o personagem e a experiência do compartilhar, marcada às vezes por risos ou lágrimas, outras vezes por silêncios. Como apresenta Pennac, entre “os direitos imprescritíveis do leitor”, ler envolve o direito de não ler, o direito ao bovarismo, o direito de ler em voz alta, o direito de calar... Também Larrosa, ao discorrer sobre a experiência da leitura, a descreve como algo que acontece na liberdade e na amizade. Alguns sentidos produzidos por essa vivência serão compartilhados com os participantes deste Seminário, na busca de inventar uma outra escola possível, a partir de experiências de formação.

TÍTULO 109: DUELO POÉTICO

AUTOR(A): GISELE DE OLIVEIRA SILVA

COAUTOR(A): MICHELLI CARNEIRO

INSTITUIÇÃO: Rede de Formação Docente Compartilhada / Geppan /FALEUnirio

RESUMO: A leitura na escola pode ser um momento de encontro, de trocas de experiências afetivas e cognitivas que podem enriquecer os saberes de alunos e também de professores. Para tal basta que o professor estabeleça com seus alunos uma via de mão dupla, acolhendo o conhecimento que eles trazem, ampliando, dividindo e compartilhando experiências. O presente trabalho relata uma experiência desenvolvida por uma professora e seus alunos do 4º ano de escolaridade em uma escola do município de São João de Meriti. Trata-se de uma situação de ensino que explicita um contexto interativo, que envolve um universo cultural com forte componente afetivo e de total interesse dos envolvidos. Tal prática fortaleceu e desenvolveu o conhecimento e a criatividade de todos. Experiências como essa podem oferecer elementos valiosos para pensar possibilidades de transformação da escola. Apresentando a leitura da luta com palavras, intitulada, duelo poético, a professora possibilitou aos alunos condições de identificarem-se como pertencentes a um grupo cultural a partir de marcas de identificação cultural que têm em comum, bem como a oportunidade de expor essas marcas por meio de expressões artísticas peculiares. Se cultura diz respeito às experiências, aprendizados e significados que reunimos e produzimos ao longo da vida, a partir das relações pessoais, da sociedade, do conhecimento, da leitura, da observação, então podemos compartilhar a idéia de Vygotsky, ao dizer que: Tudo o que nos rodeia e que foi criado pela mão do homem, todo o mundo da cultura, diferentemente do mundo da natureza, tudo isso é produto da imaginação e da criação humana. (VYGOSTSKY, 1987. p. 10.). Dialogar com essa diversidade cultural e a possibilidade de transformação das relações professor-aluno, foram os eixos centrais desse trabalho.

TÍTULO 110: O CIRCO E O SEU(S) SENTIDO(S)

AUTOR(A): Michelle Cristina Beggo Federici

INSTITUIÇÃO: Colégio Pio XII

RESUMO: Concebendo o trabalho com projetos um importante recurso a ser realizado em sala de aula, o tema “O Circo e os seu(s) Sentido(s)” foi proposto com o objetivo de construir com as crianças o valor de suas capacidades, a percepção do corpo lúdico, a fantasia e o brincar como recursos de apresentação artística, além de destacar uma importante prática sociocultural na vida de nossa sociedade. Este projeto foi desenvolvido com uma sala de 19 crianças de 5 a 6 anos em escola da rede particular de Campinas, durante o terceiro trimestre de 2009. O desenrolar foi repleto de interesse, motivação e curiosidade. Iniciamos com um texto sobre os conhecimentos prévios e o que desejavam saber, pesquisa em casa e exibição dos filmes O Circo (Chaplin) e Cirque du Soleil. Ambos foram grandes impulsionadores para o curso das atividades. A partir do assunto corpo os sentidos não poderiam estar ausentes. Visão, Audição, Olfato, Paladar, Tato... É por meio dos cinco sentidos que percebemos o mundo, via sensações e informações que permitem a interação. São processos instantâneos e quase automáticos que acabam passando despercebidos. Iniciamos o projeto com a exploração do olfato. Ficaram fascinados em saber que o cérebro é o responsável por receber as mensagens sobre os odores. Fizemos experimentações com o paladar, visão e tato. Um dos sentidos que despertou grande curiosidade das crianças foi audição. Para isso levamos imagens que ilustravam o seu funcionamento e anatomia. Paralelamente à experiência sensorial trabalhamos com a história do circo, características dos artistas, exploração de movimentos do corpo. Aos poucos fomos percebendo que estavam mergulhados no mundo da fantasia e imaginação. No parque, os meninos que não ficavam um só dia sem jogar futebol, substituíram por outras brincadeiras com trapezistas na balança confiantes em arriscar os seus próprios limites pulando da balança. Danças foram inventadas, toda saliência no chão virava a linha do equilibrista, e a grande descoberta de todos foram as possibilidades da corda, a cada dia mais complexas. Percebendo tais interesses foi montada a apresentação de encerramento da Turma do Infantil . Enfim, incorporaram, interpretaram, conheceram o próprio corpo e ampliaram seus conhecimentos com essa mágica e significativa experiência.

TÍTULO 111: Certo e/ou errado? Práticas astuciosas num entre-lugar de aprendizagem

AUTOR(A): Aline Santos de Lima Ramos

COAUTOR(A): José Ricardo Carvalho

INSTITUIÇÃO: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

RESUMO: Este trabalho apresenta resultados parciais do Projeto de Iniciação à Docência - PIBID da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO, financiado pela CAPES, tendo como foco a formação de professores e práticas curriculares, com atuação de 12 licenciandos em pedagogia no Ensino Médio Normal do Colégio Estadual Júlia Kubitschek. Atuando no CEJK, integramos as oficinas de aprendizagens aulas de apoio dirigidas aos alunos do 1º ao 5º ano do ensino fundamental que para nós são um espaço de formação/ auto-formação das normalistas, licenciandos e dos alunos do “Julinha”. A oficina conta com o apoio da coordenadora pedagógica, que supervisiona a nós e às normalistas em suas práticas docentes. Enxergamos as oficinas como um espaçotempo que, numa perspectiva de multivocalidade, permitem a cada praticante se reconhecer como autor de seu processo de formação e aprendizagem, seja como aluno, normalista/ professorando ou licenciando. A oficina possibilita tanto a nós quanto às normalistas ressignificar os saberesfazer, buscando táticas (Certeau, 1994) astuciosas que rompam o paradigma do fracasso escolar, que muitas das vezes, é fomentado pela ideia tradicional de aula de reforço, tanto no processo de tomada de decisões quanto às escolhas didáticas quanto aos rumos que estas tomam no decorrer das aulas. A forma como as normalistas falam, a preocupação em ajudar os alunos do “Julinha”, as pistas dadas na realização dos jogos são entendidos neste trabalho como processos de auto-formação profissional fomentados pelo espaçotempo das oficinas e nos fazem acreditar, com Nóvoa (1995), que “as escolas normais legitimam o saber produzido no exterior da profissão docente (...), mas são também um lugar de reflexão sobre as práticas” (p.16). Nosso referencial epistemológico e metodológico é a área de estudos do cotidiano e a investigação narrativa como prática de pesquisa indiciária (GINZBURG, 1989).

TÍTULO 112: COMO REGISTRAR E AVALIAR O TRABALHO PEDAGÓGICO, DAS CRIANÇAS PEQUENAS, SEM O US

AUTOR(A): Eliana de Cássia Martins Lisboa;

COAUTOR(A): Tatiana Leite de Carvalho Garcia

INSTITUIÇÃO: Prefeitura Municipal de Campinas

RESUMO: As crianças da educação infantil necessitam de um trabalho pedagógico pautado nas dimensões do cuidar e educar tendo como foco: o desenvolvimento motor global; o desenvolvimento da linguagem oral; as relações interpessoais criança-adulto e criança-criança; a construção de regras e valores morais. Como registrar e avaliar o trabalho pedagógico, das crianças pequenas, sem o uso do recurso tradicional de “lápiz e papel”? No que se refere ao desenvolvimento motor a criança nesta faixa etária tem uma curiosidade que lhe é peculiar. Tal curiosidade permite que a criança explore o mundo através dos sentidos e amplie sua capacidade motora. Quanto a linguagem oral, notamos que as crianças chegam com um repertório de palavras restrito ao seu ambiente familiar. O recurso da oralidade na recepção, na hora da história, nas músicas, no diálogo em roda da conversa. É de suma

importância para criar vivências de ampliação de repertório não só de palavras, mas de significações culturais. Estas experiências culturais só são possíveis mediante relações sociais. O encontro com o outro insere a criança no mundo tornado-a parte integrante do contexto em que vive e criando, simultaneamente, construções de sua identidade pessoal. Acreditamos que transferir vivências tão concretas e significativas para atividades no “papel”, além de inadequado seria artificializar situações concretas em elementos abstratos e alheios a própria criança. Neste sentido, o registro do cotidiano pedagógico no formato movie maker possibilita documentar o processo de desenvolvimento da criança e, além disso, seu caráter estético permite sensibilizar a família agregando parceria e confiança.

TÍTULO 113: A pesquisa-ação e a reflexão coletiva na (trans)formação profissional para tran

AUTOR(A): Márcia Scaramuzza

INSTITUIÇÃO: EMEF Prof. Vicente Ráo

RESUMO: A pesquisa-ação e a reflexão coletiva na (trans)formação profissional para transformar a escola. A pesquisa-ação (Morin, 2004; Elliot, In: Geraldi, 1998) e a reflexão coletiva foram a tônica do Projeto de Pesquisa “Trabalho integrado na escola pública: participação política-pedagógica” desenvolvido nos anos de 2007 a 2009 na EMEF Prof. Vicente Ráo na cidade de Campinas, SP; incluiu sete subprojetos, sendo um deles o Subprojeto “Jogos da Amizade”. Foi financiado pela FAPESP, tendo como coordenador o prof. Dr. Pedro Ganzeli, da Faculdade de Educação da UNICAMP. A metodologia utilizada, a pesquisa-ação, é identificada como nova forma de criação do saber na qual as relações entre teoria e prática e entre pesquisa e ação são constantes. A reflexão é estimulada sobre a ação e na ação a partir dos fenômenos encontrados em sala de aula. Os principais procedimentos adotados na pesquisa foram estudos bibliográficos, reuniões específicas dos subprojetos, reuniões semanais com os professores-pesquisadores para discussões e reflexões da prática pedagógica, relacionando-a aos textos estudados. O diálogo estabelecido entre os professores-pesquisadores proporcionou reflexão constante na promoção de mudanças significativas no fazer pedagógico no cotidiano escolar; caminhamos por caminhos antes não trilhados (Cortesão, In: Geraldi, 2004. O autor português Barroso (2000) nos remeteu a discutir a autonomia na escola, não a autonomia delegada, mas a construída no seio da unidade escolar. Fazenda (1994) e Thiesen (2008) possibilitou-nos ganhar a visão do trabalho interdisciplinar. Este tipo de trabalho gerou resistência em alguns professores sendo preciso exercitar o diálogo e a sedução (Gauthier; Martineau, 1999) como estratégia profissional. Em Rodrigues (2008) foi sedimentado o conceito de inclusão, a fim de incluirmos os alunos que se sentiam à parte das atividades esportivas e lúdicas promovidos pelos Jogos da Amizade. Mediante o texto de Duarte (2001), percebemos ter ocorrido transformação em nossas ações e, conseqüentemente, em nossa vida profissional, estanto desta forma, mais próximas da escola que projetávamos em nossos sonhos.

TÍTULO 114: Um diálogo sobre a contribuição da literatura infantil no processo de alfabetização

AUTOR(A): Ilsa do Carmo Vieira Goulart

INSTITUIÇÃO: FE/UNICAMP

RESUMO: Este texto pretende dialogar sobre as práticas alfabetizadoras, as quais buscam perspectivas, outras, de um trabalho de letramento e de contextualização da criança no mundo da escrita a partir da literatura infantil. Partindo do pressuposto de que as atividades de leitura e escrita, articuladas no ambiente escolar, podem desenvolver-se sedimentadas nas concepções de inserção da criança numa cultura letrada, considerando que a aprendizagem não está dissociada de vivências e experiências anteriores a sua introdução ao ensino sistematizado, mas antes mediadas pela ação docente e por práticas cotidianas de escrita e de letramento, é que busco, neste diálogo, apresentar uma proposta pedagógica alfabetizadora desenvolvida, nas séries iniciais do Ensino Fundamental, a partir da apreciação das narrativas presentes em livros de literatura infantil. O compartilhar de uma proposta de trabalho pedagógico a partir das narrativas, tem por objetivo apresentar, dar a conhecer uma experiência alfabetizadora a qual estabelece uma prática sistematizada do ensino da leitura e da escrita sem descontextualizá-la do ambiente sócio-cultural do qual a criança está inserida. A concretização do trabalho apoia-se em textos de livros de literatura infantil, sobre os quais se elaboram atividades como: apreciação da narrativa, leitura de imagens, reconto da história, palavras geradoras, produção de texto, interação verbal a partir do contexto social, entre outras possibilidades. Para melhor fundamentar o trabalho pedagógico recorrer-se-á a abordagem teórica Histórico-cultural, contíguo a outros autores que possibilitarão o desenvolver de um diálogo mais coeso e preciso a respeito de uma proposta alfabetizadora construída com/sobre o texto e o contexto social e cultural da criança.

TÍTULO 115: O Rap e outros sons: uma leitura geográfica

AUTOR(A): Heronilda de Alcantara

COAUTOR(A): Claudio Alcantara do Nascimento

RESUMO: O cotidiano professor é um trabalho de pesquisa constante, no sentido de estar sempre buscando atingir os objetivos de aprendizagem, na busca por formação que leve a criação de estratégias e recursos para a sala de aula, busquei um diálogo com formandos do curso de licenciatura de Geografia da Puc Campinas, onde pude por em prática a proposta desenvolvida na monografia de um dos formandos de 2009. Buscando a empatia com o aluno e o desenvolvimento de diversas formas de linguagem que proporcionem uma leitura do mundo, iniciei a proposta de levar à sala de aula a leitura do Rap sobre o espaço vivido, o lugar. O trabalho inicial tinha por objetivo mostrar que as composições de Rap como uma leitura geográfica, pois esse estilo de música, visto por grande parte da sociedade como marginalizado, contém uma descrição muito rica no que se refere às condições em que a periferia das grandes cidades vive. É uma possibilidade de expressão daquele que vive o seu lugar dentro de um contexto global. Assim estava posto o diálogo entre os teóricos da Geografia e os letristas, no caso, dos Racionais MC's.. Como desdobramento desse trabalho foi possível iniciar novas abordagens com alunos do ensino fundamental, 8º s anos de letras de música. Agora o Rap seria substituído pela MPB contemporânea, Zeca Baleiro. Os alunos poderiam ver na aproximação com uma produção musical características e leituras do mundo que levam a reflexões necessárias ao entendimento do modo de produção capitalista, em uma de suas principais marcas a desigualdade sócio/espacial. Muitas vezes a apresentação do tema feita de maneira menos teórica contribui com a maior aproximação do aluno com o tema e com a própria aula de Geografia. Quanto a professora foi possível ratificar a proposta do aprender sempre, tentar e fazer..

TÍTULO 116: A arte como linguagem expressiva na educação infantil

AUTOR(A): Alline Angelina Zampola Antonio
INSTITUIÇÃO: Prefeitura Municipal de Campinas

RESUMO: O objetivo desta comunicação é de relatar e dialogar sobre o trabalho que tenho desenvolvido com a turma de Educação Infantil, agrupamento III (3 à 5 anos), da Escola Municipal de Ed. Infantil “Carlos Gomes, localizada num bairro rural da região leste de Campinas. Entendo que a arte seja uma importante linguagem para o trabalho pedagógico com as crianças pequenas, portanto, o cotidiano do grupo em questão é envolvido e movido por vivências e convivências artísticas, objetivando a socialização e a cognição com a possibilidade de despertar olhares, de criação e recriação dos mundos pessoal, social e cultural de cada criança. Por isso, nossos dias são enriquecidos por contação, encenação e criação de histórias; poesias; cantorias; exploração de instrumentos musicais e produção de sons; movimentos corporais; pinturas; modelagem; desenhos; colagens; brincadeiras de faz-de-conta... Sempre possibilitando que as crianças interpretem e conheçam seu redor num contexto que valoriza a não passividade, a interação e o diálogo. Nesse universo abre-se espaço para que eu – professora - e crianças nos sensibilizemos e nos vejamos livres para criar, questionar e dar vida a um cotidiano protagonizado por todos do grupo, o que implica a não valorização da fala do adulto em detrimento da fala infantil, tão peculiar e rica de curiosidade e magia. A arte acaba sendo uma atividade que contribui para que a criança compreenda a si própria e seu meio através das cores, poemas, canções, histórias, sons, que possibilitam simultaneamente movimento e a impressão singular na construção do conhecimento. A apresentação do trabalho será realizada através da exposição oral somada à registros fotográficos e áudio visuais das vivências da turma.

TÍTULO 117: (Re)Inventando o cotidiano escolar: As Práticas Emancipatórias no CEJK

AUTOR(A): DEBORA GHERMAN

COAUTOR(A): ANNA PAULA ANSELMO; DEBORAH LUNA DA COSTA; ANGÉLICA DO FUNDO BARBOSA

INSTITUIÇÃO: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro- UNIRIO

RESUMO: Este trabalho apresenta resultados parciais do Projeto institucional de Iniciação à Docência - PIBID da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO, financiado pela CAPES, tendo como foco a área de formação de professores e práticas curriculares com atuação de 12 licenciandos em pedagogia no Ensino Médio Normal do Colégio Estadual Julia Kubitschek. Semanalmente construímos narrativas que destacam as práticas pedagógicas emancipatórias, tanto nos diversos cenários do CEJK quanto no Espaço Ciência Viva, um espaço complementar e alternativo ao colégio. Nossos estudos dialogam com a valorização das redes (ALVES, 2001) de saberes-fazer em que os alunos estão inseridos e as relações de conhecimentos construídos. As práticas pedagógicas emancipatórias identificadas sugerem a legitimação de redes de culturas, hábitos e conhecimentos como fundamentais para motivação, permanência e desenvolvimento do aluno na escola. O estabelecimento de uma relação de confiança e respeito mútuo ao que é próprio do outro inundam as práticas escolares de sentidos democráticos, multivocais e multisituados. Portanto, procuramos descrever como observamos tais práticas no cotidiano dentro e fora das salas de aula, como estas ressignificam a relação do aluno com a escola e influencia os processos de formação/auto-formação como cidadão e como professor. Estimulando e valorizando as redes de subjetividade (SANTOS, 2004) e conhecimentos, reduzindo a assimetria na relação professor aluno, acreditando que tanto os alunos como as professoras são sujeitos praticantes (CERTEAU, 1994), multiplicando conhecimentos, fazendo com que os alunos também assumam o papel de ensinagem, para que assim, a cada dia todos juntos possam reinventar a escola. Apontamos

também como todas essas práticas trabalham com a melhoria da auto-estima de todos que participam destas redes. Nosso referencial epistemológico e metodológico é a área de estudos do cotidiano e a investigação narrativa como prática de pesquisa indiciária (GINZBURG, 1989).

TÍTULO 118: Multiplicando vozes: a participação das crianças no processo avaliativo coletivo

AUTOR(A): Ana Paula Venâncio

COAUTOR(A): Tiago Ribeiro da Silva

INSTITUIÇÃO: Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (ISERJ)

RESUMO: Este resumo tem como objetivo socializar experiências e saberes impressos nos desafios vivenciados por uma professora alfabetizadora e seus alunos e alunas, em uma escola pública na zona norte da cidade do Rio de Janeiro. A prática alfabetizadora realizada nesta e com esta turma está centrada (ou dialoga) com a necessidade de investir-se em ações alfabetizadoras e avaliativas em interlocução com as crianças. Nesse movimento, a relação aprenderensinar tem se articulado com o conhecimento, por meio de um processo/ relação de aprendizagemensino mais solidário, socializado e compartilhado. Em articulação e coerência com essa concepção, as Rodas de Conversas tem sido uma prática diária nesta turma, através da qual se busca um movimento mais dinâmico, participativo e democrático, dando (ou tentando dar) garantia de que, no espaçotempo da sala de aula, as múltiplas vozes se potencializem e expressem seus desejos. Nesse sentido, reconhecer como legítimo o que dizem os alunos e alunas tem como pressuposto que cada criança é um sujeito único, sujeito produtor de conhecimento; postura por meio da qual se abrem possibilidades de ruptura com a colonialidade do poder nas relações cotidianas (Esteban, 2008). Conseqüentemente, transpassados pelas experiências que temos vivido em sala de aula, praticando uma ação pedagógica e avaliativa pautada na investigação de percursos experienciados pelos alunos, alunas e professora, temos nos colocado o desafio de pensar a avaliação como um processo contínuo, participativo e coletivo, tendo em vista que o hegemônico na escola ainda são práticas usuárias dos mecanismos tradicionais de validação e mensuração de conhecimentos. Este diálogo, pois, é um convite no sentido de puxar fios para tecer uma possível conversa sobre a questão do aprenderensinar, frente ao sempre presente desafio de legitimar os saberes dos alunos e alunas, compreendendo-os como legítimos outros (MATURANA, 2001).

TÍTULO 119: CRÔNICAS DE HUMOR NAS RODAS DE LEITURA

AUTOR(A): Andréa Rodrigues Dalcin

INSTITUIÇÃO: FE/UNICAMP - Grupo de Pesquisa ALLE

RESUMO: Este diálogo pretende discutir as rodas de leitura enquanto prática que permite o acesso a diferentes portadores e gêneros textuais numa proposta que encanta, diverte e possibilita aos jovens definirem suas preferências enquanto leitores. Mas, o que ler ao mediar uma roda de leitura? Com que propósito? De que maneira? A busca para essas respostas requer do professor enquanto mediador algumas ações, tais como: organizar o tempo, um espaço acolhedor, selecionar material de boa qualidade e preparar-se para conduzir a roda, o que requer planejamento sensato, detalhado e cuidadoso. Diante disso, busco apresentar uma experiência de rodas de leitura em que, professores de uma escola pública do interior do

Estado de São Paulo, selecionaram dentre diversos autores que escreveram crônicas de humor, o escritor Carlos Eduardo Novaes, com a crônica “A cadeira do dentista”, para realização do trabalho. Esta prática trouxe pistas importantes como: é preciso ter um preparo diante da leitura a ser feita para que o interesse e a atenção dos participantes possam ser fomentados; no início da leitura o texto ganha sentido a partir das vivências culturais de cada leitor devido o processo de mediação; este gênero permite risos, afinal, quem já não foi personagem de uma situação que merece virar crônica? Após a leitura, saber a opinião sobre o lido, abrir espaço para que os leitores coloquem suas impressões, solicitar aos participantes que tragam por escrito as histórias relatadas na roda e organizar uma antologia para circulação posterior são ações importantes. A formação do leitor é uma preocupação das instâncias educacionais, e as rodas e seus mediadores podem contribuir para criar condições que favoreçam a prática de leitura, já que possibilitam contato com bons e diversos textos, além de tornarem o ato de ler um momento de caça e descoberta, ampliando horizontes de leitura e mundo.

TÍTULO 120: Uma escola sem paredes

AUTOR(A): Simone de Castro Paier

INSTITUIÇÃO: Faculdade de Educação - Universidade de São Paulo

RESUMO: A comunidade da Emef Amorim Lima desejou construir uma outra escola para si e elegeu os princípios da solidariedade e da autonomia para dar forma à essa escola. O primeiro passo para tentar torná-la real foi procurar adequar sua estrutura física e organização aos objetivos propostos. Assim, as paredes que formavam as salas de aulas foram derrubadas e com elas foram-se as turmas, as aulas expositivas, as crianças enfileiradas. Surgiram salões onde estudantes de várias idades convivem com vários professores aprendendo sobre o trabalho em grupo, a solidariedade, o respeito às diferenças individuais e sobre seu próprio processo de aprendizagem, identificando aquilo que sabem e podem ensinar a alguém e aquilo que precisam de ajuda para aprender. Os estudantes estão organizados em grupos de cinco e cada grupo tem uma rotina semanal de atividades dividida em oficinas culturais, oficinas de leitura-escrita e matemática, encontros temáticos, tutoria e estudo de roteiros. A existência dos salões traz consigo a docência compartilhada, que é a docência exercida coletivamente no mesmo espaço, ao mesmo tempo, com os mesmos estudantes. Isso possibilita uma real formação continuada aos professores e um acompanhamento mais próximo aos estudantes, pois enquanto alguns professores olham para o grupo como um todo, outros podem atender individualmente os estudantes que necessitam dessa atenção em determinado momento e assim procura-se atingir o objetivo de que cada estudante da escola possa ser olhado individualmente, como um ser único e com um processo único de aprendizagem. Esse olhar é ainda mais cuidadoso na tutoria, onde o tutor acompanha não só os trabalhos realizados e as aprendizagens de seus tutorandos, mas também seus relacionamentos, atitudes e desenvolvimento global, estabelecendo um vínculo também com a família.

TÍTULO 121: Experiências de alfabetização e letramento dentro do cotidiano escolar

AUTOR(A): Carmel Cardoso Jorge

INSTITUIÇÃO: UERJ

RESUMO: Este trabalho tem por foco auxiliar a formação do professor para a questão da alfabetização, considerando tratar-se esta de um fator que exerce direta influência nos desempenho escolar dos alunos. Sabemos que no curso de formação de professores há uma pouca preparação no que concerne à adequada preparação do professorado para compreender e atuar na área de alfabetização, dada a complexidade dos fatores que interferem nos processos de ensino e aprendizagem desta área. Ao problematizarmos a formação inicial do professor, traremos à questão a ausência de subsídios destinados ao estudo crítico de metodologias, ou práticas docentes, assim como ao planejamento de experiências curriculares, com base nas quais se capacite o professor a dispor objetivamente de instrumentos que assegurem o desenvolvimento dos alunos, sem lhes descaracterizar como sujeitos com direito à identidade, individualidade e, sobretudo, ao sucesso no aprendizado escolar. Pretendo trazer experiências bem sucedidas na área de alfabetização e letramento, que trabalharam na perspectiva do aluno como sujeito social, produtor de conhecimento e cultura e que tem por objetivo fazer com que o educando se emancipe socialmente. Antes disso, pretendo contextualizar a história do processo de alfabetização no Brasil para assim contextualizar a situação do altos índices de analfabetismo no Brasil que perdura até os dias de hoje. Durante o desenvolvimento das atividades, o referencial teórico adotado baseou-se em Paulo Freire, com suas ideias políticas e teóricas sobre alfabetização, as reflexões sobre alfabetização e letramento de Magda Soares, e as pesquisas sobre a psicogênese da língua escrita de Emilia Ferreiro. Seguimos uma abordagem sócio-interacionista e uma metodologia por projetos de trabalho. A classe é percebida como um espaço de troca entre professores e alunos, em que educandos podem trazer seus conhecimentos sobre o mundo em que vivem.

TÍTULO 122: A FORMAÇÃO DO AMBIENTE LITERÁRIO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

AUTOR(A): LIVIA DOS SANTOS COSTA PIMENTEL

INSTITUIÇÃO: ESIL - UFRJ

RESUMO: Onde estão os livros literários na nossa prática cotidiana? Será que temos encontrado um lugarzinho para os livros na nossa sala de aula? Quando fizemos o último encontro com o maravilhoso? Nossos alunos possuem imaginação fértil? Neste relato procuro socializar a experiência vivida com alunos dos anos iniciais e convidar os leitores para uma reflexão sobre “A FORMAÇÃO DO AMBIENTE LITERÁRIO” em suas salas de aulas. As perguntas acima tem me levado a investir em práticas de leitura preocupadas com a formação do Ambiente Literário em sala de aula. Alguns investimentos tem sido recorrentes: O banquete de livros e o encontro da literatura com as múltiplas linguagens. Com esses enfoques tenho o objetivo de enriquecer o repertório literário dos meus alunos e motivá-lo a promover em sala de aula um ambiente onde a literatura e fruto de livre escolha. Um provérbio africano diz “Quando morre um velho, uma biblioteca é queimada”, o valor que é dado ao conhecimento e a memória dos velhos, é um indício de uma das versões da origem dos contos, digo, conto em aspecto geral e não específico, como os contos de fadas. Dizem que os contos são maravilhosos apenas no campo do imaginário, pra mim eles são muito reais, trazem consigo vários acontecimentos do passado, do presente e anunciam o futuro. Percebemos que os contos tiveram origem há muito tempo, bem antes dos irmãos Grimm e do Charles Perrault, eles eram vivos na oralidade e no imaginário do povo. O material recolhido da oralidade foi compilado chegou até nós, saíram do campo oral e foram para o campo escrito. Nosso desafio é abrir portas para tudo o que tem de maravilhoso nos livros infanto/juvenil.

TÍTULO 123: Música na escola: diretrizes metodológicas para professores não-especialistas

AUTOR(A): Maria Flávia Silveira Barbosa

INSTITUIÇÃO: Universidade Federal do Espírito Santo

RESUMO: Minha intenção é apresentar diretrizes metodológicas para o trabalho com música em escolas regulares. Meu ponto de partida foi a vivência como professora de música em escolas de Educação Infantil, quando observei que as práticas musicais que ali se desenrolam demonstram uma falta de clareza quanto ao valor da música na formação dos indivíduos e quanto aos conteúdos musicais a serem trabalhados, sobretudo, com crianças pequenas. Os fazeres musicais, principalmente na Educação Infantil, se restringem a ensinar “musiquinhas” para a formação de hábitos, auxiliar na alfabetização e na memorização de conceitos matemáticos ou pano de fundo para eventos comemorativos. Eu quis, então, descobrir o que essas práticas revelam e busquei, primeiramente, analisar documentos oficiais para a área – a saber, os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (vol. 3: Conhecimento de Mundo – Música) e os Parâmetros Curriculares Nacionais – Arte –, em suas concepções de desenvolvimento infantil, música, linguagem e em suas orientações práticas. Em que pese a importância desses documentos como um esforço para sistematizar os fazeres nas linguagens artísticas, minha análise demonstrou que a proposta por eles veiculada está muito além das possibilidades do professor generalista que é aquele que atua nos anos iniciais da Educação Básica. Esse seria um dos motivos pelos quais, apesar desse esforço, a música na escola continua a desempenhar um papel periférico. Na tentativa de contribuir para reverter esse quadro, tomo como fundamento teórico a perspectiva histórico-cultural do conhecimento, compreendendo a música como um sistema de signos cuja apropriação só pode ser alcançada pela conquista da significação; processo dialógico que pressupõe uma profunda familiarização com obras musicais e produção de sentidos. Elaborei, em caráter experimental e baseada em minha própria prática, algumas categorias que permitem organizar as atividades musicais nesse sentido. São elas: corpo e movimento; gesto e palavra; desenho; contrastes; rítmica; e relaxamento.

TÍTULO 124: Áfricas

AUTOR(A): Katia Maria Eugenio

COAUTOR(A): Ana Cláudia de Sousa Rodrigues; Ana Maria Cardoso; Margarete Regina de Faria

RESUMO: O presente trabalho surgiu da preocupação pedagógica dos professores em contemplar a cultura afro-brasileira em seu currículo escolar. Aproveitando o evento esportivo Copa do Mundo, que teve como sede a África do Sul, a EMEF Prof. André Tosello está desenvolvendo o projeto Áfricas, com os alunos dos 1^{os}, 2^{os}, 3^{os} do Ciclo I e 5^o ano do Ciclo II. Os eixos temáticos abordados são: alfabetização - leitura e escrita; o conhecimento lógico matemático e artes. Esse trabalho está sendo importante na construção da identidade de nossas crianças, estreitando os laços entre os povos. Com objetivo integração curricular - a partir de práticas pedagógicas específicas em torno de um tema (Cultura) e de um evento específico (Copa do Mundo) - de anos do mesmo Ciclo. Em virtude de 2010 ser o ano da Copa do Mundo, a ocorrer na África do Sul, e de se ter a preocupação pedagógica em contemplar a cultura afro-brasileira, o projeto justifica-se pela abordagem crítica e reflexiva sobre o evento esportivo e, sobretudo, sobre a relação Brasil/África em suas intersecções e diálogos culturais. Desenvolvido nos CHPs e nas atividades em sala de aula. O projeto é desenvolvido em três eixos curriculares, tendo como eixo temático base a Alfabetização: Leitura e Escrita (1), Conhecimento Lógico-Matemático (2) e Artes (3). São abordados os níveis de saberes, de modo que o eixo 1 será explorado em 2 grupos; o eixo 2, em 1 grupo; o eixo 3, em 1. As turmas são formadas por alunos dos 3 anos. Os grupos são rodiziados para que todos os alunos possam explorar os três eixos.

TÍTULO 125: Os Saltimbancos geometricamente falando – Montagem teatral interdisciplinar

AUTOR(A): Helvecio Alves Junior

COAUTOR(A): Helen Bitencourt Peruch; Maria de Fátima Carvalho; Rosangela Folegatti Santana; Aline Domenich Barradas Mendes

INSTITUIÇÃO: EE JULIO MESQUITA

RESUMO: Direção e professores da EE Julio Mesquita desenvolveram em 2009 o Projeto Interdisciplinar “Geometricamente Falando” com educandos de cinco turmas de quintas séries. Os alunos leram o texto e ouviram o disco da peça “Os Saltimbancos” de Chico Buarque. Após estudos de interpretação de texto, realizaram pesquisas, debates e relacionaram a peça com a História, a Geografia e o quadro homônimo de Picasso, levando-os ao estudo do Cubismo, da Geometria e de muitos conteúdos afins. Este projeto culminou com uma exposição de sólidos geométricos, mosaicos, móveis e quebra-cabeças sobre formas geométricas confeccionados pelos alunos e com a apresentação pública do espetáculo musical “Os Saltimbancos”, em dois dias, no Teatro Arte e Ofício, em Campinas/SP. Após estudos de interpretação do texto alunos interessados fizeram testes para que fossem selecionados aqueles que fariam os quatro personagens principais da peça. Os demais alunos constituíram o coro de bailarinos nas treze coreografias do espetáculo. Participaram da montagem sessenta e um alunos. Foram organizadas equipes que confeccionaram adereços de cenas, figurinos, cartazes e o programa da peça. As coreografias foram criadas aproveitando-se idéias e habilidades que os alunos apresentavam. Em avaliações orais e escritas os alunos relataram que foi uma experiência muito educativa e prazerosa, verificou-se que conhecimentos interdisciplinares e transdisciplinares foram construídos pelos educandos em um projeto que valorizou a interpretação de textos, músicas, imagens e a busca de sentidos na esperança de ressignificar e poetizar a educação e a vida, unindo saberes como geometria, poesia e demais conhecimentos que nos fazem mais, ou menos, humanos.

TÍTULO 126: O INÍCIO DA CARREIRA DOCENTE: DIFICULDADES, DESAFIOS E APRENDIZADOS

AUTOR(A): Milene Cristina Hebling

INSTITUIÇÃO: EMEI São Vicente de Paulo; Licenciada em Pedagogia (Unesp)

RESUMO: Durante a graduação, tive contato com um referencial teórico a respeito de educação e, especificamente, de educação infantil. A partir disso, construí minha concepção de educação e de escola. Estava ansiosa para colocar essa concepção em prática. Iniciei minha prática pedagógica neste ano, com uma sala de Maternal 1, em Piracicaba. Minha turma foi composta por 15 crianças de dois a três anos de idade. Os educandos eram muito novos, alguns não sabiam falar, e a maioria não tinha controle dos esfíncteres. Pensei que uma monitora estaria sempre presente em minha sala, para me auxiliar. Engano meu. Não havia monitores. Eu era responsável por limpar e alimentar as crianças. Passei grande parte do meu período de trabalho dentro do banheiro. Por conta disso, as atividades pedagógicas propriamente ditas só puderam ser realizadas 5 meses após o início do ano letivo. Isso ocasionou uma grande frustração pois sentia que havia me preparado por quatro anos para ser uma “cuidadora” de crianças e não uma educadora. Quanto menor a criança, maior acompanhamento e atenção ela necessita. Eu estava sozinha com 15 crianças que necessitavam, cada uma, de toda a minha atenção. Por conta disso e pela falta de auxiliar, não consegui dar conta dos dois

aspectos: cuidar/educar. Além disso, os professores vivem um regime de trabalho desumano, com aproximadamente 6 horas de trabalho diário, sem intervalo, sem direito a faltas abonadas, com prejuízo de perder benefícios como a cesta básica e uma porcentagem do salário devido à faltas com atestado médico. Nesta apresentação, pretendo expor minhas angústias enquanto professora que não conseguia se ver como tal, as dificuldades e os desafios encontrados pela falta de um auxílio, a maneira como lidei com esses problemas e os aprendizados que obtive, que auxiliaram (muito) no início da construção de minha prática pedagógica.

TÍTULO 127: Escolas de boa esperança

AUTOR(A): Ana Maria de Campos

INSTITUIÇÃO: UNICAMP

RESUMO: Sonhamos e fazemos dos nossos sonhos gestos poéticos transformadores do cotidiano. Como Lamartine Babo que cantou a Serra da Boa Esperança nós também podemos cantar as escolas outras que temos criado. Partilhamos aqui alguns dos impactos que um Programa de Formação Continuada vem promovendo na vida dos profissionais das redes de ensino das cidades de Rio Claro e Várzea Paulista. Teve início em 2007 nas Secretarias Municipais de Educação, mediante parceria entre as Prefeituras e a UNESP de Rio Claro. Apresentamos o trabalho que começamos em 2009. Para favorecer o diálogo entre profissionais que atuam em diferentes funções e com distintos graus de escolaridade principiamos os estudos com a indagação: Quem são os educadores e educadoras de uma escola? A partir da reflexão gerada nos grupos passamos a procurar e criar o nosso jeito de ser educadores trilhando as pegadas deixadas por Paulo Freire (1986, 2000, 2005) no que tange à assunção do nosso papel de educadores, independente do lugar de nossa atuação – o pátio, a secretaria, a sala de aula, a cozinha, a biblioteca ou o jardim. Vasculhando nossas memórias de estudantes em instituições parecidas com as que hoje são os nossos locais de trabalho nos unimos no esforço de construção de conhecimentos compartilhados, por meio da valorização dos saberes experienciais (JOSSO, 2004; LARROSA, 2004) dos sujeitos do processo educativo, tendo em vista a necessidade de compreendermos a escola como um todo que existe para promover a educação e o bem-viver da comunidade (GERALDI, 2004). A repercussão do resgate das histórias de vida e dos saberes experienciais provocou uma comovente criação de grupos de trabalho implicados na constituição de equipes fortalecidas e criativas. A oportunidade de diálogo entre trabalhadores das escolas, estando eles em funções e níveis diferenciados, tem favorecido a difícil construção diária da democracia nessas instituições.

TÍTULO 128: Escrevendo e Formando: Através da prática dos writings

AUTOR(A): Isis Maria de Souto Couto

COAUTOR(A): Aline Santos de Lima Ramos

INSTITUIÇÃO: UNIRIO

RESUMO: Este trabalho está vinculado ao Projeto institucional de Iniciação à Docência - PIBID da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO, financiado pela CAPES, com a participação de 12 discentes de pedagogia no Ensino Médio Normal do Colégio Estadual Júlia Kubitschek. O Objetivo é compreender através dos writings feitos pelos alunos normalistas e

graduandos de pedagogia o processo da construção da identidade profissional, por meio de experiências formativas compartilhadas através da escrita de si (Souza, 2006). Procuramos perceber como as diversas formas de inserção dos futuros professores na educação podem fragilizar ou fortalecer essa identidade - o que pensam sobre a prática, a profissão etc. Para tal finalidade, no campo de pesquisa aplicamos o *writing* - uma técnica de escrita livre que permite ao indivíduo expressar sentimentos, fatos, sensações sem a preocupação de uma escrita com rigor acadêmico. Esses textos produzidos revelam algumas dúvidas, conflitos, sucessos ao registrarem suas trajetórias, estudos e práticas cotidianas que no "(...) ato de lembrar e narrar possibilita ao autor reconstruir experiências, refletir sobre dispositivos formativos e criar espaços para a compreensão de sua própria prática". (SOUZA, 2006. P.172). Acreditamos que o uso dessa técnica potencialize a compreensão da indissociabilidade da teoriaprática, amplia os espaçostempos de autoformação valorizando as redes de conhecimentos e subjetividades, permitindo o diálogo e a reflexão sobre os caminhos da construção de si, do outro e do mundo. Além de contribuir para romper barreiras epistemológicas em relação ao padrão de escrita perfeita e legitimada pela academia, pois inicialmente a resistência a escrever é muito presente, mesmo no curso de formação de professores onde a prática da escrita é recorrente. Ao observarmos, analisarmos e escrevemos - no grupo de pesquisa também fazemos o *writing* - podemos compartilhar da formação do outro, pensando nossa própria formação.

TÍTULO 129: Escola Noturna: memórias do aluno-trabalhador em pauta

AUTOR(A): Roney Gusmão do Carmo

COAUTOR(A): Ana Elizabeth Santos Alves

INSTITUIÇÃO: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB

RESUMO: Uma das características típicas e sobressalentes do Ensino Noturno é a próxima relação desta modalidade de educação com o mundo do trabalho. Tal fato ocorre porque o turno da noite é o único período disponível à classe trabalhadora para acesso à escolarização. A questão em pauta são as motivações encontradas no aluno-trabalhador, que visualiza a educação escolar como recurso capaz de subsidiá-lo na superação da sua realidade de exclusão e precarização do trabalho. Por meio da minha experiência, enquanto docente envolvido com a escola noturna, observo que o aluno, ao relacionar escola com o mundo do trabalho, herda uma memória social que vincula escola e qualificação profissional muito em voga em passado recente, no qual relaciona a concepção de trabalho com segurança, direitos, inclusão. O papel atribuído à escola se voltava a um período, cujo valor da educação escolar muito se agregava à formação imediatista para a indústria e para uma vida profissional de longo prazo. Após a reconfiguração da dinâmica produtiva global, a educação agrega conceitos, capazes de alargar a função da escola para além de uma especialização profissional (SAVIANI, 2008). Hoje a escola, bem como o Estado, se isenta dessa responsabilidade, transferindo para o próprio indivíduo o papel por fazer-se "empregável" (GENTILI, 2002). Embora a escola atual não assuma esta função claramente, os vínculos sociais construídos pelo trabalhador, seja na família ou no ambiente de trabalho, conduzem-no ao compartilhamento de uma "memória por tabela" (Michael Pollak, 1992), em que o papel da escola mais se relaciona com as representações herdadas que, de fato, com o discurso sobre esta instituição no atual cenário. Referências: GENTILI, Pablo. Três teses sobre a relação trabalho e educação em tempos neoliberais. In: LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Dermeval & SANFELICE, José Luís (Orgs.). Capitalismo, trabalho e educação. São Paulo: Editora Autores Associados, 2002. (pp. 45-59) POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 05, nº. 10, 1992. SAVIANI, Demerval. História das ideias pedagógicas no Brasil. 2ª Edição. Campinas – SP: Autores Associados, 2008.

TÍTULO 130: Fotografias pós-produzidas: pedagogias libertárias na sala de aula

AUTOR(A): Alessandro Aparecido Sgobin

INSTITUIÇÃO: Faculdade de Educação-UNICAMP

RESUMO: Este trabalho trata da presença da fotografia digital, mais precisamente, fotografias de pichações e grafites da cidade de Campinas, nas aulas de Geografia do ensino fundamental e médio em uma escola pública situada na periferia de Campinas, concebendo o uso da imagem fotográfica como elemento portador de considerável potencial na busca de práticas inspiradas na pedagogia libertária, gestada no seio do cabedal de ideias e práticas do anarquismo. A imagem vista como elemento potencialmente transformador é inserida em nossas práticas e reflexões dentro de um corpo de atividades de inspiração libertária já em andamento desde 2008 na referida escola, tais como a desconstrução paulatina da autoridade, o abandono do currículo prescrito pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, aulas-em-campo, abandono dos processos avaliativos comuns (provas, chamadas orais, testes). Neste contexto, a fotografia das pichações e grafitagens revelou-se merecedora de investigações mais demoradas, pelo grande interesse que gerou entre os alunos. Deseja-se saber se esta experiência de fotografar a realidade vivida, e em seguida criar obras onde se rasura e se desfaz desta mesma realidade, pode vir a ser uma possibilidade aberta dentro do rigidamente hierarquizado e relativamente fechado corpo da escola; e, em sendo assim, se as obras fotográficas criadas com pós-produção e postas em circulação neste ambiente escolar gestam experiências e processos que tenham, em algum teor, o caráter libertário proposto pela pedagogia anarquista.

TÍTULO 131: FALE-Três Rios:um processo de interiorização da pesquisa entre sujeitos pratica

AUTOR(A): Leandra Pereira Jacinto

COAUTOR(A): Mônica de Carvalho Teixeira; Ana Paula de Sousa Rocha

INSTITUIÇÃO: Centro de Educação Superior do Estado do RJ - CEDERJ

RESUMO: Como participantes do universo EaD, atuando no Polo Alencar Jacob do Consórcio CEDERJ/ UAB na cidade de Três Rios, vimos o conhecimento ser interiorizado e muitas pessoas, dentre eles(as) professores(as) atuantes, terem a oportunidade de concluir o Ensino Superior. Porém, uma parte do tripé em que se alicerça a universidade (ensino, extensão e pesquisa) não foi interiorizada (pesquisa), e assim, nasce nosso desejo de promover a interiorização de um processo contínuo de educação, permitindo aos professores(as) um pensar sobre o espaço/tempo em que atuam, refletindo sobre suas práticas ao mesmo tempo em que as apóiam sobre uma teoria. O FALE – Três Rios - Fórum de Alfabetização, Leitura e Escrita – uma parceria entre a UNIRIO, Pólo CEDERJ/UAB Três Rios e a Secretaria Municipal de Educação de Três Rios - é uma proposta de pesquisa que gera um espaço/tempo para aprimoramento do conhecimento de forma regular e sistemática. Assim, o presente artigo tem por objetivo apresentar o FALE-Três Rios mediante as narrativas daqueles(as) que o promovem, mostrando as dificuldades, os ganhos e os intercâmbios vivenciados, de forma a refletir sobre as questões que permeiam a constituição deste espaço/tempo de formação continuada. Ressalta-se que a importância do presente artigo encontra-se em compartilhar com os atores e atrizes das comunidades escolares a reflexão sobre a transposição do estágio

da denúncia para o estágio de co-participação no processo que denominamos auto-formação continuada acreditando que onde não existe um espaço/tempo de vez e voz, certamente, existe uma possibilidade e, é esta que pode mover o professor(a) dos diversos níveis e modalidades de ensino na caminhada incessante para a descoberta e afirmação de sua identidade docente.

TÍTULO 132: O Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo como possibilidade de formação docente

AUTOR(A): Michel Serigato Mansano

INSTITUIÇÃO: Escola Municipal Profª Josefina Zilia de Carvalho

RESUMO: Este trabalho retrata a preocupação da equipe escolar (professores e equipe de apoio pedagógico) em organizar momentos de formação continuada em uma escola pública de educação fundamental situada no interior paulista. Retrata também a experiência que está sendo vivida pela mesma equipe e evidencia a problemática da adaptação dos espaços e da dinâmica escolar diante das necessidades de formação em serviço. O projeto se caracteriza pela reorganização de tempo e espaços específicos para o estudo e aprofundamento de questões do cotidiano escolar e está baseado no conceito de “formação clínica” sugerido por Zeichner (1997) que descreve como espaços de desenvolvimento profissional onde os professores podem discutir sua prática docente, refletir sobre ela, tentar, ousar e arriscar. Neste caso, apresentaremos uma experiência a partir do estudo da sequência didática (ZABALA, 1998/2002; ALFREDINA, 2007) que começou em agosto deste ano e se estende até a presente data. Neste sentido, a escolha deste tema se justifica pela atitude política da secretaria da educação do município, que adotou o sistema de sequência didática em todas as escolas da rede, sem a possibilidade de um estudo maciço envolvendo os docentes, gerando um clima de insatisfação entre os profissionais da educação. Deste modo, esta teoria está sendo estudada não apenas para a aplicação em sala, mas para que ela possa ser (re)significada, usando para isso um espaço formativo de reflexão coletiva (SADALLA, A.M.F. A; SÁ-CHAVES, I.S.C, 2008), como condição de (re)construção de possibilidades de aprendizagens a partir da sequência didática e de outros modos de organização da prática pedagógica.

TÍTULO 133: O conteúdo jogos e brincadeiras na EJA: um relato de experiência

AUTOR(A): Gustavo Lúcio Gonçalves Torquato

INSTITUIÇÃO: Instituto Superior de Educação Anísio Teixeira

RESUMO: Os jogos e brincadeiras são um conteúdo da educação física muito trabalhado no ensino da disciplina na escola para crianças. Quando o nosso público é adulto, no caso alunos da EJA, há também a possibilidade de trabalhar com os jogos e brincadeiras como conteúdo de ensino. Este relato experiência propõe fazer uma discussão do brincar para o jovem e adulto que frequenta a escola de EJA, qual importância destas atividades na vida de cada um e apresentar um trabalho realizado em uma escola de EJA com os jogos e brincadeiras. O projeto aconteceu em duas etapas: a primeira foi a divisão de grupos na sala e a escolha de uma brincadeira para cada grupo. Escolhida a brincadeira o grupo pesquisou e descreveu com riqueza de detalhes a atividade. A segunda etapa foram as apresentações teóricas dos textos e ilustrações e posteriormente as apresentações práticas. Ao (re)lembrar as brincadeiras e

levá-las para a escola como pauta de aula, demos outros significados às práticas através das discussões dos papéis sociais que os participantes pertencem, das variações dos nomes, regras, maneiras de jogar e organizar. Fazer com que os alunos sintam-se autores e personagens do ensino qualificou as produções, fazendo um sentido/significado diferente para cada um. A coletânea de trabalhos foi agrupadas em um documento que tornou-se parte da biblioteca da escola. O objetivo do trabalho foi fazer com que os alunos pudessem apropriar das atividades de jogos e brincadeiras como práticas legítimas para jovens e adultos nos tempos de descanso sem sofrerem preconceitos por não ser mais crianças; além de tratar pedagogicamente as experiências vividas por cada grupo de alunos.

TÍTULO 134: A Avaliação e a prática de ensino em Educação Física: alguns apontamentos

AUTOR(A): Graciele Maria de Souza

INSTITUIÇÃO: Instituto Superior de Educação Anísio Teixeira

RESUMO: Durante minha prática como professora de Educação Física em escolas da Rede Estadual de Minas Gerais sempre trabalhei com temas relacionados aos esportes, aos jogos e brincadeiras e a dança. No decorrer de 2008, na busca por outra temática que me proporcionasse mais questões e desafios, procurei sistematizar e organizar algum conhecimento acerca da Ginástica Rítmica Desportiva – GRD – (Ginástica praticada com a ajuda de aparelhos: Bolas, arcos, fitas, cordas e maçãs) que foi uma grande aventura. Desde o início, encontrei dificuldade em sugerir aos alunos o tema porque alguns já a entendiam como sendo uma prática feminina. Ao longo das aulas percebia que os alunos, principalmente os meninos, chutavam a bola o tempo todo. Isto não estava errado, mas naquele momento não conseguia refletir sobre uma nova possibilidade de movimento com a bola que não descaracterizasse a ginástica. Muitos também se relacionavam com o tema para simplesmente ganhar nota ao final da etapa, uma vez que, teria um festival de GRD e ele seria uma forma de avaliação. A partir daí comecei a me preocupar com a maneira de avaliar nas aulas de educação física. Deparei-me com a dificuldade de avaliar o processo de ensino e de aprendizagem que ocorreu nas aulas. Em outras palavras, não tracei objetivos de aprendizagem a serem alcançados e nem como avaliar este processo. Questões referentes à importância da avaliação, (avaliar para que?), ao conteúdo (o que avaliar?) e procedimentos avaliativos (como avaliar?) surgiram ao decorrer do tema. A partir das discussões sobre o processo de avaliação decidi por mergulhar em leituras sobre o assunto com o intuito de contribuir para com a melhoria do ensino das práticas corporais nas aulas de Educação Física.

TÍTULO 135: O maravilhoso mundo das histórias

AUTOR(A): Débora Ribeiro de Moraes

COAUTOR(A): Heloísa Helena Dias Martins Proença

INSTITUIÇÃO: Colégio Básico de Campinas

RESUMO: O Projeto a ser apresentado é desenvolvido com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede particular do município de Campinas (SP), neste ano de 2010. A experiência surgiu da parceria profissional entre a professora de Língua Portuguesa do 9º ano e a Coordenadora Pedagógica, como parte das ações pedagógicas que enfrentam a

necessidade da escola em investir na formação de sujeitos leitores. Os principais objetivos são a apreciação da Literatura Infantil e a integração entre os alunos mais velhos do 9º ano com os alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano), através de um interesse comum: as histórias. Com incentivo e orientação da professora os alunos do 9º ano pesquisam e escolhem histórias da literatura infantil que apresentem textos de qualidade e possam ser contadas para os alunos menores. Os critérios são escolhidos pelos próprios alunos do 9º ano em discussões com a professora, levando em consideração os elementos linguísticos estudados nas aulas de Língua Portuguesa. Após a escolha das histórias, os alunos, distribuídos em grupos e na perspectiva de um trabalho colaborativo, preparam um relatório prévio que contenha um planejamento com a organização e estrutura do momento de contação da história: como pretendem contá-la, as atividades que desejam realizar com os alunos menores, os “por quês” que os levaram a escolha daquela determinada história e as expectativas do grupo para as reações dos ouvintes. Após todo período de preparação dos alunos mais velhos, as histórias são apresentadas aos menores e todos ficam na expectativa do próximo encontro. Este projeto tem aproximado alunos, professores e coordenação pedagógica e construído ricas possibilidades de integração. A formação do leitor se constrói na partilha dos textos e na responsabilidade que todos nós assumimos nesse processo. Afinal, “o indivíduo deve tornar-se inteiramente responsável: todos os seus momentos devem não só estar lado a lado na série temporal de sua vida mas também penetrar uns nos outros na unidade da culpa e da responsabilidade” (Bakhtin, 2003).

TÍTULO 136: Vivências no PIBID: território de formação docente

AUTOR(A): Tânia Weudja Paes da Silva Magalhães

COAUTOR(A): Bruna Rizzo; Maelli Santos; Marcela Nascimento; Ricardo Meneguel; Professor Supervisor: Edvaldo Nery **ORIENTADORES:** Dulcinéia Ferreira; Rosalina Burgos

INSTITUIÇÃO: UFSCar - Sorocaba

RESUMO: O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da CAPES procura articular o processo de formação inicial docente, que ocorre na universidade, com a escola pública, local onde os futuros educadores atuarão, numa perspectiva compartilhada de formação. A equipe de atuação do PIBID é composta por: estudantes das licenciaturas, professores da UFSCAR, da Rede Estadual de São Paulo e pesquisadores das diversas áreas do conhecimento que atuam em práticas de formação de professores e de iniciação à docência. Este trabalho foi realizado na cidade de Sorocaba, por um grupo interdisciplinar envolvendo estudantes de pedagogia, geografia e matemática da UFSCAR Campus Sorocaba. Iniciou-se há cinco meses e foi dividido em duas etapas: na primeira, realizou-se estudos sobre a história e o estatuto da escola, bem como a relação da comunidade escolar com seu entorno. A partir das observações realizadas na primeira etapa, manifestou-se o interesse do grupo pelo tema “Progressão Continuada e suas Consequências”, para a realização da segunda etapa do trabalho. Perante o desenvolvimento deste tema, constatou-se que as políticas educacionais do Estado de São Paulo interferiram diretamente na comunidade escolar pesquisada. Ainda que este trabalho no PIBID seja uma experiência inicial, percebemos que é muito rica, pois é possível aprender e vivenciar a prática docente realizada na escola. Assim, caracteriza-se como verdadeiro território de formação docente, ampliando conhecimentos para a formação e experiência profissional. Com isto, almejamos continuar os estudos pertinentes e relevantes ao campo das políticas educacionais e suas consequências no processo pedagógico da educação pública.

TÍTULO 137: Atividades Cooperativas em Sala de Aula

AUTOR(A): Tania Barnabe Poiate

COAUTOR(A): Yonara Santanna Gonçalves; Claudia Silva Novais

INSTITUIÇÃO: Emef Prof Vicente Rao

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo refletir sobre o papel das atividades lúdico cooperativas no processo de aprimoramento das relações sociais dentro do contexto escolar, na visão de alunos e professores do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental da Emef Professor Vicente Rão. Tendo como premissa que o desenvolvimento social, é um fator de extrema importância em todos os segmentos da vida, especialmente ao que se refere às crianças na escola e visando um melhor rendimento escolar a partir dos Componentes Curriculares da Rede Municipal de Ensino de Campinas as autoras apresentarão atividades (jogos) cooperativos por elas desenvolvidos em sala de aula, durante o ano letivo de 2010. O aprendizado através da vivência e do jogo, é muito mais efetivo e duradouro, pois as crianças passam a participar ativamente do processo da construção do conhecimento. Através das atividades (jogos) o processo de aprendizagem é potencializado, pois não existindo o temor da exclusão, corpo e mente, ficam livres da tensão gerada pela competição, dedicando-se integralmente ao processo criativo e a participação ativa no aprendizado.

TÍTULO 138: Gincana do Renascimento: jogo, arte e ciência na escola

AUTOR(A): Tatiana Silverio Kapur

COAUTOR(A): Helvécio Alves Junior; Marlene Aparecido; Rosângela Folegatti Santana

INSTITUIÇÃO: E.E. Julio Mesquita

RESUMO: Entre junho e setembro de 2010 professores de história, arte e matemática da EE Julio Mesquita desenvolveram o projeto interdisciplinar “Renascimento: ciência e arte” com alunos de quatro turmas de sextas séries. Cada turma foi subdividida em seis grupos, cada grupo pesquisou um artista do Renascimento e apresentou sua pesquisa para a classe. Nas aulas de história e arte estudaram este período histórico e suas características. Verificaram que os grandes mestres renascentistas possuíam não apenas conhecimentos artísticos, mas também filosóficos, históricos, matemáticos e de outras ciências. Em matemática estudaram textos de Da Vinci, medidas, proporções, geometria e suas relações com o corpo humano e arquitetura. Em arte relacionaram os conhecimentos vistos nas demais disciplinas e aprofundaram o estudo da perspectiva. Cada classe escolheu representantes para participarem de uma gincana constituída por atividades de desenho, escultura, performance teatral, jogos em que se montavam formas geométricas espaciais usando os próprios corpos e um jogo de perguntas e respostas, todas as atividades englobaram os conteúdos estudados sobre o Renascimento. Os alunos apresentaram no início da gincana o lema da sua classe na forma de poema ritmado. Um telão colocado no pátio da escola exibia imagens, questões e informações sobre as provas, todos os educandos acompanhavam com muito interesse e atenção. Pode-se verificar que os conteúdos trabalhados foram muito bem compreendidos pelos alunos. Os educandos disseram que foi uma atividade educativa e prazerosa, “aprenderam brincando” e pediram para terem outras aulas deste tipo. O projeto atingiu o objetivo de integrar os conhecimentos e possibilitar que os educandos construíssem seus saberes de forma lúdica.

TÍTULO 139: Transgressão nos modos de ser e ver a criança

AUTOR(A): Patrícia Cosimato

COAUTOR(A): Tânia Cristina Alves dos Santos; Renata Esmi Laureano

INSTITUIÇÃO: Prefeitura Municipal de Campinas - SME

RESUMO: Esta apresentação tem como objetivo socializar algumas das discussões feitas em nosso trabalho final de Especialização em Educação Infantil, concluída em Março deste ano. O recorte que trazemos para este evento é fruto de um diálogo que travamos entre a Pedagogia da Infância e o termo “transgressão:” a partir de uma metodologia que possibilitou-nos olhar para as ações das crianças em momentos de criação em artes plásticas. A escolha do termo transgressão para compor a categoria de análise desse trabalho, nos possibilitou problematizar o olhar do adulto frente a experiência das crianças produzindo as culturas infantis. Destacamos duas perguntas que nortearam o presente estudo: o que é transgredir para nós adultas, professoras de crianças pequenas? O que é transgredir para as crianças? Como referencial teórico, destacamos os trabalhos de Barbosa (2007), Faria, Demartini e Prado (2005), Faria (2007), Finco (2007), Gobbi (1997), Prado (1998), entre outros; e autores italianos como Ghedini (1998), Siebert (1998) e Russo (2007), só para citar alguns. Dentre os procedimentos metodológicos escolhidos, trazemos para essa apresentação a filmagem de duas atividades desenvolvidas com duas turmas de educação infantil da rede pública, das quais recortamos quatro cenas que nos permitiram focalizar a discussão da transgressão sobre as ações das crianças e o adulto frente elas. Procurar nas ações infantis, formas de agir que rompem com ações esperadas, determinadas e conduzidas, nos guiou na busca da construção de uma percepção da atividade infantil que ultrapassa os modelos educacionais convencionais requerendo um adulto que aprenda as cem linguagens da criança, e quem sabe, assim, um adulto que olhe o mundo de outra forma, quem sabe.

TÍTULO 140: Modos de participação na (re)construção do trabalho docente

AUTOR(A): Ana Paula Souza Brito

INSTITUIÇÃO: UNICAMP

RESUMO: O presente projeto de pesquisa do Mestrado representa grandes inquietações sobre a formação docente. Partindo de minha trajetória profissional, marcada pelos lugares de docente e orientadora pedagógica, circunscrevo a pesquisa objetivando apresentar o processo de investigação sobre como a escola, através da sistematização das reuniões pedagógicas (principalmente, HTPC), pode constituir-se em espaço de reflexão e aprendizagem para o professor, possibilitando novas formas de atuação em sala de aula. Neste trabalho, destaco o papel do orientador pedagógico como profissional que pode organizar e viabilizar espaços e condições que possibilitem o processo reflexivo entre os sujeitos, atuando como interlocutor. Torna-se preponderante destacar que o processo reflexivo aqui citado emerge da relação entre o professor e o conhecimento. Tal relação encontra-se marcada pela presença dos diferentes “outros” (colegas de profissão, orientador pedagógico, diretor, vice-diretor, Secretaria de Educação, famílias, alunos) e, também, pelas condições concretas de trabalho, que provocam modificações nas ações, mediante o uso principal da linguagem, vista aqui como instrumento fundamental na organização dos processos mentais superiores. As indagações que representam objeto da investigação e que permearam a elaboração e o desenvolvimento deste projeto de pesquisa são: Quais ações contribuem para a atuação docente na escola? Em quais espaços essas ações se desencadeiam? Como o HTP Coletivo pode se apresentar como um desses espaços? Que sentidos foram (são) construídos sobre este espaço? Que

sujeitos estão envolvidos nesse processo e quais implicações para o trabalho docente? Quais relações podem ser traçadas entre o desenvolvimento profissional do professor e a apropriação do conhecimento historicamente construído? O trabalho insere-se nos estudos realizados pelo Grupo de Pesquisa Pensamento e Linguagem (GPPL) assumindo como referencial teórico a perspectiva Histórico-Cultural dialogando, principalmente, com pressupostos e pesquisas de Bakhtin e Clot. Orientadora: Dra. Ana Luiza Bustamante Smolka

TÍTULO 141: O processo de aprendizagem de Língua Estrangeira e a formação da subjetividade

AUTOR(A): Elizandra Roberta Neves de Carvalho

INSTITUIÇÃO: EMEF Padre Melico Cândido Barbosa

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo articular o processo de ensino/aprendizagem de língua estrangeira com a formação da subjetividade, partindo da concepção psicanalítica do sujeito formado na e pela linguagem, desvinculando o ensino de línguas ao utilitarismo, à concepção instrumentalista da língua, como simples objeto de comunicação. Busco fazer essa análise da posição de pesquisadora e professora de língua inglesa dos anos finais do ensino fundamental, de uma escola municipal da cidade de Campinas, estado de São Paulo, utilizando excertos de relatos de uma pesquisa realizada com meus alunos, com o propósito de levantar algumas questões sobre a aprendizagem de línguas. Apresento trechos de relatos de catorze alunos, divididos em dois blocos, sendo a primeira parte referente à importância de se estudar, ou não, inglês, e a segunda parte relativa ao interesse, ou não, em estudar esse idioma e o que representa a língua inglesa para eles. Reflito sobre o paradoxo apresentado em seus relatos sobre o aprendizado da língua inglesa associado ao racionalismo, concebendo-a como ferramenta de comunicação para atingir um objetivo específico, com a associação do aprendizado ao nível do inconsciente, manifestado pelo choque, pelo desconforto, pelo “estranhamento” ao aprender outra língua, a língua do Outro. Saliento que não é pretensão desse trabalho trazer soluções ou conclusões, apenas suscitar reflexões, possibilitando novos olhares, novas práticas, pelo reconhecimento de que o aprendizado de uma língua estrangeira é fundamental para a formação identitária do aluno, pois só conseguimos nos ver, vendo o outro. Ao entrar em contato com outra língua, o aluno percebe que há outras maneiras de se comunicar, outras realidades, culturas, diferentes da sua, enfim, outras formas de ser, favorecendo a reflexão, os questionamentos, a formação da identidade.

TÍTULO 143: Cuida do jardim pra mim...

AUTOR(A): Lucia Helena Martins Gonçalves

COAUTOR(A): Marcus Vinicius Moreira Martins

INSTITUIÇÃO: FFLCH/ FE - Universidade de São Paulo

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo propor uma metodologia de ensino que alie a interação dos alunos com a paisagem, através da linguagem, levando em conta aspectos como a subjetividade e a emotividade. O propósito é o de criar nos alunos um interesse pelo meio que estão inseridos, no sentido amplo do termo, fazendo com que se tornem agentes ativos da transformação e compreensão deste meio. A ideia seminal vem do fato de se notar que muitas vezes o aspecto do espaço da escola é deixado em segundo plano, como ocorre

em nossa unidade, a Escola Municipal Benedito Ferreira Lopes (CAIC) de Mogi das Cruzes, onde notamos certo descuido, em especial, com um jardim. Assim, procuramos levantar quais eram as imagens que os alunos tinham daquele espaço, sendo que emergiu uma aparente “nostalgia” que tinham do tempo que tal jardim era ainda verde e cuidado. Após isto estabelecemos diálogos entre os alunos mais velhos e os mais novos, na intenção de sensibilizá-los para a questão da paisagem como um todo. Em seguida a esta etapa de discussão e a vivência da percepção foi proposto aos alunos das séries finais que colocassem em palavras quais haviam sido as conceptualizações no sentido linguístico do termo e, principalmente, quais as sensações que mais lhes afloram. A passagem desta impressão cognitiva para a escrita se deu através do *hai-kai*, trabalhando-se principalmente a essência do poema. As produções variadas chamam a atenção pela originalidade e pela inventividade imagética dos alunos como se vê a seguir: Cachecol de nuvens Na serra do Itapeti. Início de outono. (B. S. K. , 12 anos) O projeto “Cuida do jardim pra mim...” nos rendeu uma melhoria no jardim com o plantio de novas árvores, sendo que a manutenção é executada pelos próprios alunos, por iniciativa deles próprios.

TÍTULO 145: Inclusão Digital com Software Livre: uma experiência no Ensino Fundamental

AUTOR(A): Cátia Zílio

INSTITUIÇÃO: UFRGS/ Escola Estadual de E. F. Três de Outubro

RESUMO: Acredita-se que a inclusão digital vai além da simples habilidade de operar mecanicamente um computador e seus diferentes softwares, implicando instrumentalizar para uso dos equipamentos em práticas sociais significativas e visando a promoção da inclusão social por meio do desenvolvimento de aprendizes-pesquisadores capazes de elaborar, construir e comunicar novos conhecimentos. Neste sentido, a proposta da oficina “Inclusão Digital”, desenvolvida dentro do Programa Mais Educação na Escola Estadual de Ensino Fundamental Três de Outubro, buscou possibilitar que os alunos façam uso das tecnologias para ampliar, aprofundar e enriquecer suas aprendizagens escolares e sociais. As oficinas semanais foram organizadas em dois formatos: um para as turmas dos anos iniciais (jardim ao 5º ano), realizadas de forma integrada e em parceria com as professoras de cada turma; outro, realizado no turno inverso, destinado aos alunos com mais de 12 anos, selecionados a partir da manifestação do interesse mediante inscrição. A opção pela utilização de Software Livre (Linux Educacional 3.0) é mais do que uma alternativa de barateamento de custos ou imposição de políticas governamentais. Essa se fundamenta na perspectiva libertadora e inclusiva do Software Livre e pauta-se no estabelecimento de parcerias criativas e autorais. Assim, as atividades buscam integrar as tecnologias às aprendizagens dos alunos numa perspectiva de saberes e conhecimentos compartilhados e construídos coletivamente.

TÍTULO 146: Uma Experiência em Construção de Livros no Ensino Fundamental

AUTOR(A): Fabíola Machado da Rosa

COAUTOR(A): Franciane Martins da Costa; Stella de Almeida Santos

INSTITUIÇÃO: FE - UNICAMP

RESUMO: Este trabalho foi realizado no primeiro semestre de 2010 em uma escola estadual de Campinas, com alunos do 1º Ano, para a disciplina de Estágio Supervisionado em Anos Iniciais do Ensino Fundamental do curso de Pedagogia da UNICAMP. A partir de observações semanais e discussões no grupo de estagiárias, levantamos a possibilidade de trabalharmos a produção de texto em um contexto de letramento, no qual os alunos pudessem perceber a função social da escrita em seu processo de alfabetização. Com a leitura diária, percebemos que as crianças gostavam de histórias e por isso, propomos que elas próprias construíssem um livro, participando ativamente de todas as etapas de seu desenvolvimento. Com isso, tínhamos como objetivos motivar o interesse das crianças pelo aprendizado e a apreensão da representação lingüística da escrita, aproximando os alunos deste universo através do desenvolvimento do prazer pela leitura, fundando nelas o desejo de produzirem seus próprios textos, através de uma prática de seu cotidiano: a narrativa. Acreditamos que para a aprendizagem ser significativa para os alunos ela deve ser prazerosa, priorizando os seus interesses, sua bagagem cultural e vinculando estes conhecimentos com a sua vida, para que eles não sejam apenas conhecimentos escolares. O projeto foi desenvolvido em seis semanas, nas quais fizemos uma gravação da história contada pelos alunos, realizamos uma escrita e logo após uma reescrita com a turma, além da elaboração de uma dedicatória. Quanto aos aspectos gráficos, produzimos a capa e as ilustrações. E, para o fechamento do projeto, convidamos os familiares para o lançamento do livro que teve como título “O Pé de Feijão”. Percebemos uma contribuição positiva na aprendizagem dos alunos, amenizando a concepção de que ela só se desenvolve através de métodos tradicionais, proporcionando um sentido para a realização do trabalho e para o uso da leitura e da escrita.

TÍTULO 147: Formiga tem Coração

AUTOR(A): katia Ferreira Moreira

COAUTOR(A): Denise Lima Tardan

INSTITUIÇÃO: SME/RIO DE JANEIRO/GEPPAN

RESUMO: Este trabalho tem como proposta apresentar uma experiência vivida por duas professoras alfabetizadoras com suas turmas de 2º ano do ciclo de formação em um CIEP localizado na Ilha do Governador, no Município do Rio de Janeiro: o projeto de pesquisa Formiga tem coração. Hegemonicamente, as práticas escolares ainda trabalham na lógica da "educação bancária", tão denunciada por FREIRE (2002). Negando esta lógica, em busca de uma escola que possa se constituir como um espaço prazeroso, instigante, tanto para alunos quanto para docentes, um espaço que valorize o que cada um produz, estas professoras optam por trabalhar com "projetos de pesquisa". Denominam de projetos de pesquisa o conjunto de ações planejadas e desenvolvidas na sala de aula com as crianças. Estas ações são denominadas por Hernández como projetos de trabalho (1998). A opção pelo uso do termo pesquisa se deve a concepção de aprender/ensinar defendida por elas. Nesta concepção, a pesquisa é uma atividade realizada não apenas no espaço acadêmico, socialmente reconhecido e legitimado, mas vivida cotidianamente na escola. O aluno, assim como o professor, é visto como construtor de conhecimento, re-significando sua relação com o mesmo. A experiência narrada partiu das indagações das crianças sobre formigas: “Como a formiga sobe na parede?” “Formiga tem coração?” “Como é um formigueiro por dentro?” O projeto das Formigas fez circular diversos conhecimentos. Dessas produções surgiram os conhecimentos de alfabetização. Motivadas pelo que aprendiam, as crianças usavam a escrita para registrar o vivido. Era um escrita permeada de sentido. Como nos diz Smolka, “fruto de uma prática dialógica, discursiva, significativa”.(1996 p.) A medida que se apropriavam de novos conhecimentos, as escrituras, bem como os desenhos surgiam como formas de diálogo.

TÍTULO 148: Ferramenta tecnológica Diário de Bordo e a constituição da Memória do Professor

AUTOR(A): Marta Fernandes Garcia

COAUTOR(A): Joice Domingos; Jaqueline Castilho Moreira

INSTITUIÇÃO: Universidade Estadual Paulista - UNESP

RESUMO: No desenvolvimento do processo de formação de professores em exercício, por meio do relato de lembranças descritas em atividades relacionadas à memória do professor, percebemos a riqueza e a profundidade das narrativas autobiográficas devido ao conteúdo expresso por um grande número de alunos. Este trabalho pretende apresentar alguns dos relatos de experiências de um total de cinquenta e cinco docentes pertencentes à graduação em Pedagogia na modalidade semipresencial, do Programa de Formação de Professores em Exercício, realizado pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, em parceria com a Universidade Virtual do Estado de São Paulo. Este programa de formação possui em sua matriz curricular um espaço de reflexões acerca da constituição da história de cada indivíduo, com suas trajetórias pessoais e profissionais, denominado “Eixo Articulador Memória do Professor”. Pretendeu-se com esta proposta de reflexão despertar a percepção dos professores em formação de que suas histórias individuais integram uma história coletiva. Enquanto autobiografia de formação, o memorial realizado na ferramenta tecnológica Diário de Bordo, propiciou reflexões sobre a constituição da identidade docente, uma vez que o sujeito expôs seus sonhos, marcas, crenças, desejos, valores, fracassos e sucessos. A escolha dos relatos baseou-se em testemunhos significativos de professores que, a partir de uma re-visitação no passado apontaram um desejo de reelaboração de sua atuação pedagógica, o que caminha para o desvelar de sua construção identitária. A leitura de diferentes registros de experiências, vividas por professores em seus contextos de trabalho, revelaram diálogos estabelecidos no fazer docente entre as trajetórias percorridas no tempo-espaço que marcaram sua formação e as teorias e conceitos incorporados no continuum de sua profissionalização.

TÍTULO 149: (re)inventando lugares e sentidos: trabalho com produção audio visual na escola

AUTOR(A): José Antônio de Oliveira

COAUTOR(A): Renata Lanza

INSTITUIÇÃO: EMEF “Prof. Vicente Ráo”, Campinas, São Paulo

RESUMO: Inspirados pela metáfora “Carregar sonhos”, tema de um filme que retrata histórias de vida e de docência de professoras Sergipanas, nessa comunicação, dois professores das séries finais do Ensino Fundamental de uma escola Pública do Município de Campinas, se propõem a partilhar e a refletir sobre o trajeto de uma experiência pedagógica em andamento com produção audiovisual compreendida aqui como Cinema na Escola. Várias buscas vêm permeando esse trajeto. A primeira delas é a possibilidade de colocar a arte do cinema, enquanto produção narrativa que potencializa não apenas a imaginação e a ampliação da memória, mas também a atuação política desde a forma como se apreende o mundo, os acontecimentos da vida e se produz conhecimentos sobre ele, enquanto trajetos de busca por transformar o vivido numa forma de comunicação audiovisual. A experiência teve início com um grupo de alunos de 7º ano que se propuseram a se encontrar após as aulas semanalmente na escola. Mediante orientações básicas sobre manuseios do equipamento, foi

sugerido que elessem temas que representassem a escola onde estudavam. Vários temas foram levantados, entre eles: A sala de aula, a reforma, a cozinha, o chão e as árvores da escola. Desde a produção de pequenos roteiros, ensaios, a escolha de ângulos, a edição das imagens, a motivação dos alunos enquanto trajetos de buscas, vêm se atentando para as potencialidades, ou para as janelas que se abrem enquanto possibilidades da arte cinematográfica na (re)configuração do currículo das disciplinas envolvidas. Enquanto referências teóricas das reflexões, apontamos autores como: (Goodson, 2008); (Larrosa, 2000); (Oliveira Jr 2005), (Philippe, 2010).

TÍTULO 150: Cooperando, produzindo curtas no Ensino Fundamental, integrando-se a Ead

AUTOR(A): Margarete Fetter de Bona

INSTITUIÇÃO: UFRGS

RESUMO: O texto a seguir apresenta o trabalho e reflexão de uma professora da Rede Municipal de Ensino na construção de audiovisuais de caráter educativo com alunos carentes das séries finais do Ensino Fundamental. O planejamento e execução do projeto desencadearam uma transformação significativa nos envolvidos através da cooperação, dialogicidade e do fazer pedagógico. Primeiramente narrarei as atividades realizadas, para a seguir relacionar essa prática com alguns teóricos que estudam o uso das TICs e arquiteturas pedagógicas e por fim apresentar os resultados dessa aprendizagem digital

TÍTULO 151: Ferramenta tecnológica Diário de Bordo e a constituição da Memória do Professor

AUTOR(A): Marta Fernandes Garcia

COAUTOR(A): Joice Domingos; Jaqueline Castilho Moreira

INSTITUIÇÃO: Universidade Estadual Paulista - UNESP

RESUMO: No desenvolvimento do processo de formação de professores em exercício, por meio do relato de lembranças descritas em atividades relacionadas à memória do professor, percebemos a riqueza e a profundidade das narrativas autobiográficas devido ao conteúdo expresso por um grande número de alunos. Este trabalho pretende apresentar alguns dos relatos de experiências de um total de cinquenta e cinco docentes pertencentes à graduação em Pedagogia na modalidade semipresencial, do Programa de Formação de Professores em Exercício, realizado pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, em parceria com a Universidade Virtual do Estado de São Paulo. Este programa de formação possui em sua matriz curricular um espaço de reflexões acerca da constituição da história de cada indivíduo, com suas trajetórias pessoais e profissionais, denominado “Eixo Articulador Memória do Professor”. Pretendeu-se com esta proposta de reflexão despertar a percepção dos professores em formação de que suas histórias individuais integram uma história coletiva. Enquanto autobiografia de formação, o memorial realizado na ferramenta tecnológica Diário de Bordo, propiciou reflexões sobre a constituição da identidade docente, uma vez que o sujeito expôs seus sonhos, marcas, crenças, desejos, valores, fracassos e sucessos. A escolha dos relatos baseou-se em testemunhos significativos de professores que, a partir de uma re-visitação no passado apontaram um desejo de reelaboração de sua atuação pedagógica, o que caminha para o desvelar de sua construção identitária. A leitura de diferentes registros de experiências,

vividas por professores em seus contextos de trabalho, revelaram diálogos estabelecidos no fazer docente entre as trajetórias percorridas no tempo-espaço que marcaram sua formação e as teorias e conceitos incorporados no continuum de sua profissionalização.

TÍTULO 152: Tessituras da Gestão Escolar na EJA

AUTOR(A): Antonieta Bernadete Teixeira de Andrade

COAUTOR(A): Rubia Cristina Cruz

INSTITUIÇÃO: Veris Educacional/UNICAMP

RESUMO: Este trabalho pretende contribuir para a discussão sobre gestão escolar e sua relação com a Educação de Jovens e Adultos (EJA), de uma escola municipal de Campinas/SP. Apresenta dados: rendimento escolar, oferecimento de vagas, análise dos processos que ocasionam evasões. Evidencia a construção e análise da função social transformadora que a escola contemporânea pretende, a partir de um olhar outro sob a “cultura de nosso tempo”, submetidos ao planejamento da Secretaria de Educação, que aponta o decréscimo da procura pela EJA na cidade. Debater genericamente sobre esses dados, entre políticas públicas e realidade escolar, pode levar a conclusões e tomadas de decisões equivocadas. Estas nem sempre atendem as demandas sociais e acabam por não possibilitar os avanços aos projetos escolares singulares a partir de sua comunidade e presenças civis, nos alerta Ezepeleta e Rockwell (1989). Precisamos rever a metodologia de investigação científica para pensar a perspectiva escolar da gestão que se solidarize com a formação de cidadãos críticos e participativos. As vozes dos sujeitos da escola tendem a imprimir uma maneira própria de agir que pode nos traduzir o que não é perceptível nos dados estatísticos, bem como os desafios a enfrentar. Enchem-nos da esperança nos possíveis da escola e de seus coletivos, construídos na participação e nos diálogos que a natureza dos contextos exigem. Habermas (2002) nos aponta uma racionalidade comunicativa como alternativa em esferas de decisão do âmbito da interação social tomadas pela cultura da racionalidade instrumental. Bakhtin (2006) nos elucida a presença marcante da dialogia e da polifonia, por meio da linguagem e interação social, que contribui para a conscientização desses espaços de convivência. Entendemos que, um olhar outro para os dados requer critérios outros na tomada de decisão que a razão instrumental se fundamenta, requer o olhar reflexivo e crítico da história, das pessoas e da cultura.

TÍTULO 153: Troca e comunhão de conhecimentos

AUTOR(A): Juliana Gomes Ferreira

INSTITUIÇÃO: Universidade Federal Fluminense - UFF

RESUMO: Ao ser aprovada no concurso de professores para as séries iniciais do município do Rio de Janeiro, quando fui realizar a escolha da escola em que trabalhar, optei por uma escola pequena perto da minha casa onde havia duas vagas para professor, uma para um 3º ano (final do ciclo) e uma para o 1º ano (ano inicial do ciclo). Ao preferir o 1º ano, comecei a trabalhar com a turma, em que havia sido utilizada pelas professoras anteriores uma concepção mecanicista de alfabetização (método sintético), e mesmo assim decidi trabalhar com

uma concepção diferente desta, trabalhando inicialmente com cantigas - algo conhecido e interessante para todos daquela turma -, propondo assim atividades como: escritas coletivas e individuais entre outras, em que se priorizava o conhecimento construído pelas crianças a partir da troca de conhecimentos de umas com as outras e com a professora, estabelecendo uma relação de construção de conhecimento em que todos aprendem com todos. Assim, este trabalho visa apresentar algumas das situações vividas no cotidiano desta sala de aula, tendo sido estabelecido nesta um trabalho discursivo com as crianças, e descrever as dificuldades de se lidar com aspectos externos à sala de aula, como a pressão da diretora, que questionava o trabalho dizendo que deveria cantar músicas que tivessem relacionadas à “família silábica” que deveria trabalhar. Desta forma, este trabalho busca contribuir para a compreensão de como práticas do cotidiano escolar se articulam diretamente com o compromisso político e pedagógico e assim estabelecer um outro olhar sobre a leitura, a escrita e o ensinoaprendizagem.

TÍTULO 154: Imagens da escola: trabalhando com a memória escolar em turmas de alfabetização

AUTOR(A): Jacqueline de Fatima dos Santos Morais

INSTITUIÇÃO: UERJ e CAP-UERJ

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo socializar uma experiência tecida em turmas de alfabetização de uma escola pública carioca e que revela pistas sobre os limites e as possibilidades da relação entre memória e currículo. Neste sentido, a construção, organização e manutenção de um arquivo escolar no interior do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAP-UERJ), tem sido fundamental. Nosso trabalho busca a preservação da memória educativa, memória que traduz não apenas uma história passada, mas também uma história que se atualiza a cada dia que é relida e ressignificada por estudantes, professores, funcionários, pais e comunidade. Buscamos em nossas ações a consolidação de um lugar da memória, como chama Le Goff (1984), ou, para nós, de um Centro de Memória Escolar que possa ter vida e gerar vida no cotidiano. Um Centro de Memória que possibilite a tecitura de um conhecimento que consiga ser, de fato, emancipatório (Boaventura, 2005). Este Centro se constitui como um espaço de contribuição para a preservação do patrimônio material e imaterial de nossa instituição de ensino. Abordaremos em nossa apresentação um conjunto de as ações que este projeto vem desenvolvendo com turmas de 1º ano do ensino fundamental do CAP-UERJ. Desta forma, nosso projeto tem buscado não apenas realizar um levantamento do acervo escolar visando à organização e preservação de sua memória educacional, mas também investir na elaboração de materiais pedagógicos que contribuam para leitura da palavra e do mundo, como nos ensina Freire (1995). Desta forma, iremos apresentar o projeto "Imagens da escola".

TÍTULO 155: PARA COMEÇAR NOSSA CONVERSA: O QUANTITATIVO-QUALITATIVO NO PROCESSO DE AVALIAÇÃO

AUTOR(A): Ivanete Bellucci Pires de Almeida

COAUTOR(A): Enrique Viana Arce - Fatec Americana; Maria Aparecida Muccilo

INSTITUIÇÃO: Veris Educacional

RESUMO: Este texto originou-se de outros artigos que se aproximam do tema sobre “Os processos de Avaliação em Educação e as opções metodológicas”, uma vez que destacamos as possíveis mensurações e a posterior análise dos dados baseados em testes aplicados em ambientes de ensino público, portanto focalizando seus principais atores, estudantes, professores, coordenadores, diretores e pais. Não abordamos aqui uma avaliação sobre conceitos específicos, mas sim com o enfoque a partir da discussão direcionada ao conceito que avaliar implica construir um profundo conhecimento daquilo que interrogamos e a atribuição de significados aos fatos, dados e informações que colhemos. A avaliação é um instrumento que produz conhecimento, ou seja, discute e reflete sobre uma instituição, um sistema, um grupo de sujeitos, possibilitando a reflexão e mudanças. Dessa forma, oportuniza a reconstrução, contribuindo para a sua consolidação enquanto espaço de produção e disseminação do saber. A avaliação não se trata somente de realizar uma análise técnica seja quantitativa ou qualitativa, mas sim de fazer uma reflexão sobre os dados e com os dados. Na perspectiva de propor melhorias a partir de uma realidade da própria unidade a ser avaliada, seja indivíduo, instituição ou sistema, por isso a determinação do objeto a ser avaliado é fundamental para o desenvolvimento de instrumentos, a fim de apontar a necessidade de utilização de melhores práticas na solução de eventuais problemas ou na continuação de ações bem sucedidas. Nesse contexto é de fundamental importância, que sejam respeitados os parâmetros oferecidos dentro do próprio sistema, instituição ou sala de aula. Para que avaliação não se torne uma simples constatação, é necessário e imprescindível, a participação dos atores do processo avaliado na leitura, análise e propostas de ações a serem implementadas, tendo como referência os resultados obtidos sustentados numa reflexão coletiva.

TÍTULO 157: “A GENTE VAI FAZER FILOSOFIA HOJE ?” REFLEXÕES SOBRE FILOSOFAR COM CRIANÇAS

AUTOR(A): José Ricardo Pereira Santiago Júnior

INSTITUIÇÃO: Secretaria Municipal de Educação de Duque de Caxias

RESUMO: Em 2009, participei, com professores da escola na qual trabalho, de uma formação continuada coordenada pelos integrantes do Núcleo de Estudos Filosóficos da Infância – NEFI – da UERJ. Quando me informaram que se tratava de uma formação em filosofia para atuação em sala de aula, fui tomado em princípio por um sentimento de estranhamento e inquietação, pois, se bem as crianças se apresentavam como próximas e intensamente comprometidas com o questionamento filosófico, a filosofia acadêmica que me tinha sido apresentada, afirmava um pensamento de natureza abstrata e distante, muito mais ligada a um exercício da lógica formal do que à inserção e reflexão sobre a realidade que nos cerca. Pautados no princípio de que não havia certo ou errado, mas sim o diálogo entre suas lógicas e reflexões, realizamos experiências de filosofia com os pequenos. Ao desenvolvê-las, as crianças que ocupavam o lugar do fracasso escolar se dispunham a falar e eram as responsáveis pelas falas mais consistentes e questionadoras, enquanto as que ocupavam o lugar do sucesso na escola falavam menos e, por muitas vezes, eram portadoras de um discurso pronto, tal qual faziam em outros momentos de nosso cotidiano, obedecendo a uma lógica silenciadora, pautada na valorização das “respostas certas” que a escola tanto prezava. Quando os papéis desempenhados pelos alunos “de sucesso” e “fracassados” se invertem, uma relação de poder estabelecida é posta a prova e se configura de uma maneira distinta e questiona a própria lógica da escola. Uma lógica da Explicação, onde existem conteúdos e conhecimentos a serem explicados, entendidos e ensinados. Em nossas experiências percebemos que não há algo a ser ensinado na filosofia, mas de fato, muito se aprende ao vivenciá-la. Contribuiria a filosofia, desta forma, à emancipação do indivíduo através de um questionamento legítimo da realidade que o cerca?

TÍTULO 158: Gêneros textuais: um exercício de cidadania na sala de aula

AUTOR(A): Rafaela Scaransi

COAUTOR(A): Eliana Maria Fattori Calza; Renata Correa Rocha

INSTITUIÇÃO: Secretaria de Educação do Município de Itatiba

RESUMO: Considerando a relevância em propiciar aos nossos alunos o desenvolvimento de capacidades linguísticas que os tornem cidadãos participativos das decisões em nossa sociedade, apresentamos uma proposta de Formação Continuada envolvendo Coordenadores Pedagógicos e Professores, bem como o impacto no processo de aprendizagem dos alunos dos Ciclos I e II do Ensino Fundamental da Secretaria de Educação do município de Itatiba. Baseada nos estudos dos pesquisadores Joaquim Dolz e Bernardo Schneuwly, do departamento de Didática da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Genebra, a presente proposta traz como discussão central os gêneros textuais como um objeto de ensino. Com o intuito de implementar uma prática pedagógica consistente e coerente com essa perspectiva, foram organizados momentos de reflexão com os profissionais envolvidos na formação para a real compreensão dos elementos que compõem um gênero, suas dimensões ensináveis e as sequências didáticas para desenvolver com os alunos. Ressaltamos que, devido a enorme diversidade de textos presentes em nosso cotidiano e da dinamicidade que os envolvem, fez-se necessário estabelecer critérios para a seleção dos gêneros em circulação social que deveriam ser abordados em sala de aula, como forma de garantir uma progressão curricular mais articulada ao longo dos anos escolares. Nesse processo, o elemento-chave para a organização precisa e sistemática do conjunto de atividades a serem propostas em torno de um gênero textual foi a análise minuciosa das produções escritas dos alunos. Portanto, neste estudo, apresentaremos os principais componentes de uma sequência didática exemplificando com uma amostra dessas produções antes e depois das intervenções.

TÍTULO 159: Semeando a leitura

AUTOR(A): Cláudia Silva Novais

COAUTOR(A): Tania Barnabé Poiate; Yonara Sant'Anna Gonçalves

RESUMO: Há muito é sabido do prazer que é sentar em roda e ouvir uma gostosa história. O sabor remonta a passados longínquos e, apesar das inovações tecnológicas, é sempre com renovado anseio e deleite que nos dispomos a ouvir uma história... Todos nós, adultos e crianças. Além de traduzir-se em um elemento facilitador do processo de interação, de socialização, (a roda, ouvir a história, comentar a história, recontar a história etc.), por intermédio do qual se aprende (e apreende-se) o senso de coletividade, a ouvir o outro, a falar, a expressar-se.. Nessa perspectiva, as autoras, em consonância com o Projeto Político Pedagógico da Emef Prof^o "Vicente Ráo" visam compartilhar uma proposta de trabalho na qual o aluno leva para a casa um material de e com isto permitir que outras pessoas também se envolvam com a atividade, proporcionando momentos agradáveis de constituição do sujeito além de ampliar a integração familiar. O tem como objetivo propiciar práticas de leitura que contribuam para que a criança desenvolva habilidades de interpretar o que ouve, responder de maneira lógica ao que lhe é perguntado, desenvolver o pensamento lógico bem como sua expressão. Além disso, a linguagem oral permite às crianças ampliar seu vocabulário e seus conhecimentos sobre os diversos assuntos abordados, estimulando sua participação verbal no grupo e desenvolvendo a capacidade crítica, contribuindo para o êxito da aprendizagem.

TÍTULO 160: O ESTAGIÁRIO NA ESCOLA: LIMITES E POSSIBILIDADES

AUTOR(A): Daniele Marques Lourenço

INSTITUIÇÃO: Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

RESUMO: O presente trabalho tem o objetivo de refletir a respeito do papel do estagiário, futuro pedagogo, na escola, destacando limites e possibilidades de sua presença nesse seu campo de estágio. Tais reflexões são elaboradas a partir dos dados que constituíram a pesquisa “O Estágio na Graduação em Pedagogia: Representações nas Narrativas Discentes”, desenvolvida no período compreendido entre agosto de 2009 e julho de 2010, com bolsa de Iniciação Científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Tal pesquisa teve o objetivo de analisar as representações do ofício docente que os estudantes-estagiários elaboram a partir de suas experiências com o estágio no curso de pedagogia da UNICAMP nos anos iniciais do Ensino Fundamental. As representações dessas experiências foram buscadas nas narrativas produzidas regularmente pelos estudantes, como uma estratégia de formação inicial utilizada na disciplina de Supervisão de Estágio, cursada geralmente no sexto semestre da graduação em pedagogia na UNICAMP. As narrativas são produzidas no interior do Projeto Integrado que se constitui das disciplinas de Fundamentos do Ensino de Matemática, Fundamentos do Ensino de Ciências, Prática de Ensino nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental e Estágio Supervisionado, desenvolvido pelos três docentes das disciplinas. Tomando como fonte das informações da pesquisa as narrativas produzidas por quatro estudantes, bem como o texto transcrito de suas entrevistas, as informações selecionadas em seus portfólios, e notas de campo produzidas pela pesquisadora na observação participante da disciplina de Estágio Supervisionado, pretendeu-se estudar questões relacionadas ao estágio e, conseqüentemente, à formação inicial de professores. A análise interpretativa das informações é feita com base no referencial teórico relativo a narrativas e seu vínculo com a formação inicial.

TÍTULO 161: SUPERVISORES E AS PRÁTICAS DE FORMAÇÃO EM SERVIÇO – agendas de desenvolvimento

AUTOR(A): Tania Maria Rodrigues Lopes

COAUTOR(A): Marta Emília Silva Vieira; Maria Nahir Batista Ferreira; Raimunda Erizeny Braga Cavalcante

INSTITUIÇÃO: Secretaria da Educação do Ceará

RESUMO: Este trabalho objetiva descrever e tecer análises breves acerca das trajetórias de formação resultante das proposições e ações da Coordenadoria de Gestão de Pessoas da Secretaria da Educação do Ceará – SEDUC, no campo do planejamento e monitoramento da formação continuada, particularmente dos supervisores atuantes nas Coordenadorias Regionais de Desenvolvimento da Educação – CREDE dos Núcleos de Desenvolvimento Regional – NRDES/CREDE, desenvolvidas no período 2009-2010.1, por meio de atividades presenciais e semi-presenciais, abrangendo leituras temáticas sobre a organização, legislação e crítica, fundamentos da educação, estudos e reflexões abordando aspectos essenciais do contexto pedagógico, orientações sobre procedimentos de multiplicação da formação e informações para os demais professores da rede, objetivando a qualificação da prática docente, o desempenho e resultados dos alunos. A ordenação e execução das atividades envolveram a participação de segmentos da Secretaria, coordenadorias – sede/regionais no campo da

organização da formação em serviço; prioridades teórico-práticas implícitas à prática dos supervisores. No desenvolvimento da pesquisa que vem permeando a ação, utilizamos os instrumentais de avaliação aplicados a cada momento da formação, como referenciais para extração dos dados relacionados à apreensão dos contextos trabalhados, bem como as impressões dos sujeitos envolvidos sobre os processos desenvolvidos. Os dados parciais nos forneceram alguns achados: para os supervisores as informações podem orientá-los a redirecionar e/ou readequar os processos formativos, focalizando necessidades e prioridades das escolas, bem como, possibilitaram compreender com maior consistência a legalidade dos processos; as discussões apontam a necessidade de uma desconstrução nos paradigmas existentes acerca da produção do conhecimento sobre a própria função, o papel social do educador e da escola; os contextos provocaram e despertaram para leituras centradas no campo da legislação, fundamentos da educação, crise do conhecimento sobre a educação e a formação dos profissionais, especialmente os professores.

TÍTULO 162: PROCESSOS DE (AUTO) FORMAÇÃO DOCENTE NO COTIDIANO DA ESCOLA

AUTOR(A): Jacqueline de Fátima dos Santos Moraes

COAUTOR(A): Mairce da Silva Araújo (CAPES/FFP-UERJ)

INSTITUIÇÃO: UERJ

RESUMO: Este trabalho traz parte das pesquisas que temos desenvolvido em escolas públicas do Rio de Janeiro acerca de processos formativos docentes. Buscamos tensionar e complexificar os modos hegemônicos de pensar e propor ações de formação continuada, desviando nosso foco das universidades, secretarias de educação e centros de formação exteriores a escola, para às escolas. A partir da metodologia de investigação-formação, temos pesquisado espaços coletivos de formação continuada buscando tecermos juntos, um lugar exotópico a fim de encontrarmos na palavra do outro possibilidades de compreensão e ressignificação dos fazeres ordinários narrados pelas professoras. Nossas pesquisas têm nos levado a questionar uma racionalidade técnica de formação continuada e, ao mesmo tempo, a defender uma concepção centrada na escola, na qual narrativas, memórias e histórias docentes, reafirmem a riqueza dos pequenos acontecimentos, a importância das ínfimas situações. Desta forma, temos nos permitido pesquisar com a escola e não sobre a escola e, conseqüentemente, produzir um conhecimento com as professoras e não sobre suas práticas. É por entender que a educação precisa ser recontada, reescrita e ressignificada de formas outras que não apenas as anunciadas pelos discursos oficiais que nos desafiamos a buscar as vozes da escola por dentro dela, pelos seus interstícios. Estas vozes são produzidas por sujeitos de um tempo e de um lugar concretos, sujeitos enraizados em sua cultura, e não por seres esvaziados de nome e de historicidade. Estas vozes humanas são produzidas na ação docente, e negam com seu trabalho, suas lutas e seus sonhos, a crise da escola como algo dado e imutável.

TÍTULO 163: ECOS DE UMA (OUTRA) ESCOLA: A RESISTÊNCIA QUE SE CONSTRÓI NO COTIDIANO

AUTOR(A): Reinaldo Henrique Salvino - E. M. Raul Veiga

COAUTOR(A): Mairce da Silva Araújo (CAPES/FFP-UERJ)

INSTITUIÇÃO: E.M. Raul Veiga

RESUMO: A comunicação foi produzida a partir das experiências vividas na E. M. Raul Veiga, como parte de uma parceria que tem seu início com a pesquisa Alfabetização, Memória e Formação de Professores: fortalecendo os laços universidade e escola básica. A referida pesquisa foi contemplada em 2008 com financiamento pelo Edital da Faperj “Apoio à melhoria do ensino nas Escolas Públicas do Estado do RJ”. Tal edital além de prever financiamento para pesquisa também ofereceu bolsas de apoio técnico a professores da escola ligada ao projeto. Temos como objetivo favorecer um movimento de reflexão dos/as professores/as acerca de seu saber-fazer, com vistas ao fortalecimento da dimensão pesquisadora da prática docente (Freire, 2006). Inspirada nos aportes da pesquisa-ação, ao estreitar os vínculos universidade-escola básica, favorecendo uma circularidade de saberes, a referida parceria tem nos possibilitado contribuir para visibilizar produções elaboradas no chão das escolas reveladoras não só de uma resistência ativa à políticas educacionais que esvaziam a dimensão autoral da prática docente, como também a emergência de outros saberes e conhecimentos que respondem de forma mais efetiva, política, ética aos desafios da alfabetização de crianças, jovens e adultos na rede municipal de São Gonçalo. O foco do presente diálogo são atividades desenvolvidas com as crianças do quinto ano de escolaridade. A partir de uma pesquisa coletiva que teve como temática a história da escola e a história da cidade de São Gonçalo e como metodologia a história oral (SHARPE, 1992; LE GOFF, 2003; BENJAMIN, 1993), alunos/as e professor/a foram reescrevendo uma história (e uma geografia) local vista de baixo, baseando-se em depoimentos dos moradores e da comunidade escolar. As reflexões que tais experiências tem nos proporcionado alimentam nossos sonhos de que outra escola não só é possível, como também é construída cotidianamente.

TÍTULO 164: Um encontro de histórias e sentidos: o projeto “A Hora do Conto” como forma de promover o protagonismo das crianças na escola

AUTOR(A): Raquel Ruama Sabino Santos

COAUTOR(A): Ana Laura Lopes Carvalho; Débora Barboza; Pamela Michelle Greco Bertrão; Roberta Gobi

INSTITUIÇÃO: UNICAMP

RESUMO: Introdução: Projeto desenvolvido como proposta de estágio nos anos iniciais do Ensino Fundamental, realizado no ano de 2010 em uma escola situada na cidade de Campinas. As atividades foram desenvolvidas por cinco alunas do 3º ano do curso de Pedagogia da Unicamp, com turmas do 1º ao 5º ano. Objetivo do trabalho: Desenvolver atividades com os alunos de forma a estimular o hábito da leitura e da produção escrita, através de dinâmicas que mobilizaram a busca de outros sentidos com os quais as crianças não estavam acostumadas a encontrar na escola, trabalhando diferentes formas de elaboração do conhecimento. Desenvolvimento: Destinamos um primeiro período para observação em sala de aula, visando conhecer os alunos, os professores, a dinâmica da escola e a relação que as crianças tinham em classe com as práticas de leitura e escrita. A partir dessas observações e da reflexão e discussão da equipe, elaboramos um esboço de atividades. Foram elas: 1. Leitura de um livro diferente para cada classe, seguida pela discussão da obra e da interpretação da mesma por meio de desenhos; 2. Produção escrita conjunta a partir de um baú de histórias, trabalhando a imaginação, a visão e o tato das crianças; 3. Produção escrita conjunta a partir da gravação das vozes das crianças, trabalhando a imaginação, a audição e a fala das crianças; 4. Encenação teatral com as próprias crianças ou com fantoches e registro fotográfico de uma das histórias produzidas e escolhidas pela turma; 5. Apresentação do livro montado com todas as produções dos alunos e avaliação conjunta do projeto. Resultados / Conclusões: A comunidade e a equipe escolar ficaram satisfeitas com o resultado, pois puderam visualizar que os objetivos propostos foram atingidos. O projeto foi inserido no Projeto Político Pedagógico da instituição e notamos sua continuidade por diversos professores da escola.

TÍTULO 165: A MÍDIA E EDUCAÇÃO: A POSSÍVEL DIALOGIA DAS LINGUAGENS NO AMBIENTE ESCOLAR

AUTOR(A): Andréia Regina de Oliveira Camargo

INSTITUIÇÃO: UNICAMP

RESUMO: Partindo da concepção que considera a criança em seu contexto social e cultural, em interações e práticas sociais que lhe fornecem elementos relacionados a diferentes linguagens, do pressuposto de que o desenvolvimento da linguagem é impulsionado pela necessidade de comunicação e considerando as transformações na forma de adquirir, produzir, disseminar e interagir com as informações, advindas das tecnologias e de suas especificidades, o presente projeto busca aprofundar reflexões e apresentar algumas ações realizadas no campo da pesquisa, explanando a possibilidade de efetivação da dialogia entre as linguagens midiáticas (jornal, tv, revista, rádio, internet, panfletos) e as institucionalmente utilizadas, por meio de práticas discursivas oportunizadas no ambiente escolar. Nesta perspectiva, destaca-se a importância de processos interativos e comunicacionais no cerne da escola, que considerem a constituição, os modos de participação e as relações do sujeito com a cultura. Diante deste contexto, optou-se pela pesquisa-ação como metodologia a ser utilizada, onde os aspectos práticos de concepção e organização do trabalho apresentam planejamento e ações flexíveis e passíveis de adequação às necessidades do pesquisador e dos participantes. O referencial teórico ao qual o projeto está pautado, ambos com procedência na vertente marxista, é o da teoria histórico-cultural da Psicologia, a partir dos pressupostos de Vygotsky, por possibilitar uma leitura sobre a constituição de sujeitos a partir de suas interações com as práticas culturais na formação do pensamento e da linguagem; e a teoria enunciativo-discursiva, elaborada pelo Círculo de Bakhtin, por propor reflexões acerca da natureza social da linguagem e dos gêneros discursivos em contextos interativos de uma cultura nas diversas esferas do discurso. Tais teorias dialogarão com as teorias da comunicação, contemplando divergências e convergências no que tange as mediações, a concepção de instrumento, a utilização, produção e criação de diferentes linguagens.

TÍTULO 166: Resignificação da aprendizagem: análise de portfólios de licenciandos em enfermagem inseridos na Educação Básica

AUTOR(A): Marlene Fagundes Carvalho Gonçalves

COAUTOR(A): Ronildo Alves dos Santos, Marta Angélica Iossi da Silva, Cinira Magali Fortuna

INSTITUIÇÃO: Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo - EERP/USP

RESUMO: Esse estudo tem por objetivo discutir o processo de aprendizagem de alunos que vivenciam a proposta de currículo integrado num curso de Licenciatura em Enfermagem, no contexto da disciplina: Promoção da Saúde na Educação Básica. O material da investigação constituiu-se dos portfólios compostos por narrativas elaboradas pelos estudantes, a partir de imersões em escolas do Ensino Fundamental e Médio. O aporte teórico-metodológico considera que as narrativas produzidas pelos sujeitos explicitam o processo de aprendizagem que vivenciam. Valoriza ainda a linguagem como estrutura simbólica emergente do contexto sócio-histórico, que produz o sujeito ao mesmo tempo em que é por ele produzida. Os resultados indicam as reflexões dos alunos sobre aspectos do processo de aprendizagem vivenciados por eles próprios em seu curso, como também aqueles observados na imersão nas escolas.

Registros feitos pelos alunos, como: “Silêncio e aprendizagem são sinônimos??? Ou um leva ao outro?” ou ainda “Acaso decorar é sinônimo de aprendizado?” referente a situações observadas na Educação Básica, apontam para o processo de reflexão e ressignificação do conceito de aprendizagem realizado pelos estudantes. Tais registros, bem como o fato de levar essas questões à discussão com os colegas, e a busca de respostas a elas, indicam que o processo de ação/reflexão/ação, cuidadosamente acompanhado pelo docente em todas as etapas do ciclo de aprendizagem e registrado pelo estudante no portfólio, permite avanços conceituais e atitudinais que contribuem para o desenvolvimento de sujeitos críticos-reflexivos, capazes de aprender no cotidiano das práticas de saúde e da educação, e capazes de atuar com competência e responsabilidade social. A reflexão e avaliação sistematizadas são elementos imprescindíveis em todo processo de aprendizagem, e aqui se evidenciam nos portfólios.

TÍTULO 167: DA LEITURA DE MUNDO A LEITURA DA PALAVRA: O DESENHO INFANTIL E O ENSINO DE GEOGRAFIA NA FUNÇÃO ALFABETIZADORA

AUTOR(A): Marcio Da Costa Berbat

COAUTOR(A): Marcia Miranda Lima

INSTITUIÇÃO: UNIRIO/UNICAMP

RESUMO: A geografia é um instrumento importante para a compreensão do mundo. Aprender a ler, a escrever é aprender a ler o mundo, compreendendo o seu contexto sócio-histórico, utilizando-se da localização espacial a partir da relação linguagem-realidade. Pensar em desenvolvimento humano é visionar possibilidade e riqueza de ações. É perceber o quanto sua produção espelha seu inconsciente e neste ponto buscar formas mais adequada de intervenções. Cada representação humana pelo desenho está impregnada de certas peculiaridades desse ser que não pode ser entendida sem o devido cuidado com a história desse sujeito. É preciso entender esse peculiar desenvolvimento, sua estrutura lingüística e seu raciocínio espacial diante de tamanha diversidade de cultura e valores. Para isso, reuniram-se nesta pesquisa alguns nortes para atendimento das demandas encontradas no cotidiano escolar através da produção de desenhos infantis, em processo dialético entre o que é externado via desenho ou oralmente, bem como corporalmente – gestos e expressões. Busca-se em estudos sobre técnicas projetivas de Anzieu, na psicologia sócio-histórica de Vygotsky, nas análises sobre o desenho infantil de Greig, entre outros, embasamento para se aproximar do que pode estar acontecendo que impede esse sujeito de não conseguir se desenvolver plena e gradativamente. A partir da evolução do desenho, do espaço percebido pelas crianças, juntamente com o papel da representação gráfica, realizada em fases, em seguida aborda-se o que é projeção e alguns exemplos de técnicas projetivas que se auxiliam de alguma representação e a avaliação psicopedagógica. E, por final, o estudo de alguns casos apresentados pelos teóricos que fundamentam o presente estudo, pensando o espaço/tempo e seus usos no cotidiano das crianças. As técnicas apresentadas na pesquisa são abordadas como um caminho possível, possibilitando pensar a alfabetização e geografia, através da articulação teórica que aponte para uma construção epistemológica.

TÍTULO 168: A POLÍTICAS DE AÇÕES AFIRMATIVAS E SOFRIMENTO ÉTICO-POLÍTICO

AUTOR(A): Rosângela Alves Assunção

COAUTOR(A): Viviane Melo Mendonça

INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS - CAMPUS SOROCABA

RESUMO: A presente pesquisa teve como objetivo a análise dos discursos produzidos na comunidade acadêmica da UFSCar- campus Sorocaba referente às políticas de ações afirmativas. Compreende investigar como a questão do sofrimento ético-político se insere nestes discursos. As políticas de ações afirmativas tiveram sua origem nos Estados Unidos da América, tinha como objetivo solucionar a marginalização econômica e social dos negros. Posteriormente tais ações estenderam-se a outros membros da sociedade, tais como mulheres, índios, outras etnias, deficientes físicos e mentais. O sofrimento ético-político está diretamente relacionado às desigualdades sociais. Causado pelas injustiças sociais, é um sofrimento psicossocial de sujeitos quando submetido à fome, opressão e exclusão social. Qualifica-se pela maneira como estes sujeitos são tratados no campo social, e acontece na intersubjetividade. A sociedade atual mesmo diante da realidade de exclusão da qual os negros são as principais vítimas, preferem ignorar a situação, e viver a ilusão de uma democracia racial. Praticam um racismo “mascarado”. Neste contexto há uma necessidade de se debater os problemas raciais e sociais vivenciados pelos afro-descendentes. Foram realizadas 20 entrevistas semi-dirigidas com os discentes do campus UFSCar-Sorocaba. Todos os entrevistados são de ambos os sexos, sem distinção de curso e regularmente matriculados na universidade. Os estudos indicam que os estudantes têm pouco conhecimento sobre as políticas de ações afirmativas e, conseqüentemente, sua finalidade. Foi possível identificar nas entrevistas realizadas experiências de desconforto e preocupação quanto a seu próprio bem estar na universidade, relatando questões de saúde, formação profissional crítica, dificuldades emocionais, mudanças de hábitos e vivências consideradas boas e necessárias para o crescimento pessoal e profissional. Tais experiências têm indicando traços de sofrimento ético-político em alguns discursos. Esses resultados têm demonstrado que podem contribuir para o debate das políticas de ações afirmativas tendo como elemento de análise o sofrimento ético-político de jovens no âmbito de classe social e diversidade ético- racial, e dar subsídios para ações que visem a superação desse sofrimento no ensino superior.

TÍTULO 169: Psicomotricidade na Educação Infantil

AUTOR(A): Betina Rezze Barthelson

COAUTOR(A): Graziela Higa Itiroko; Kelly Cristiane da Silva de Almeida; Sueli Mendes de Souza

INSTITUIÇÃO: EMEI Helena Novaes Rodrigues

RESUMO: Psicomotricidade é a educação que se utiliza do movimento para proporcionar um maior desenvolvimento cognitivo, em que há o entrelaçamento entre o ato, o movimento e o pensamento. É através das gesticulações e agitações do movimento que a criança, ainda muito pequena, interage com o mundo, o que (...) constitui a primeira linguagem da dimensão humana – a “linguagem do corpo”. (Wallon, 1979) A necessidade de comunicação através dos gestos encaminham a criança para a sua própria autonomia no sentido de uma evolução mental diretamente relacionada a significação das palavras e às expressões motoras. As primeiras noções simbólicas aprendidas serão a base para todo o aprendizado escolar. Para tanto, é necessário abandonar os treinos mecânicos ainda presentes em muitas escolas e valorizar o desenvolvimento a partir da vivência corporal de brincadeiras e atividades lúdicas já pertencentes naturalmente ao universo infantil, pois é a partir do próprio corpo que a criança estruturará o alicerce cognitivo para a aquisição da leitura e escrita. Esse trabalho tem como foco despertar os educadores para a relação entre as habilidades psicomotoras e as atividades desenvolvidas na educação infantil, utilizando seus diferentes espaços e recursos, na

direção de um desenvolvimento global da criança. Quando o trabalho do professor aborda esses aspectos de maneira fragmentada e sem significação para a criança, a leitura e escrita são percebidas como um processo de discriminação e traçado de formas, reduzindo-a a uma complicada habilidade motora (Vygotsky, 1088) destituída de sua função social. Através de jogos, músicas, brinquedos e brincadeiras, gincanas, dentre outras propostas, relacionadas ao contexto de letramento da escola, estimularemos o desenvolvimentos das habilidades psicomotoras, a saber: coordenação global fina e óculo manual, esquema corporal, lateralidade, estrutura temporal e espacial, discriminação visual e auditiva.

TÍTULO 170: Relato de uma Educadora Musical

AUTOR(A): Christina Bottura

RESUMO: Nos períodos que antecederam os cursos superiores específicos de Educação Musical no Brasil, muitos músicos que se enxergavam como educadores buscaram a formação em regência coral, tanto na academia como em cursos livres de curta duração. Desde a década de 1980, esta autora testemunhou como, longe do preconceito acadêmico ainda vigente naquela época, profissionais brasileiros já experientes (i.e. Marcos Leite) ensinavam e estimulavam uso do corpo no ensino (com estratégias desenvolvidas pelos próprios ministrantes ou indiretamente influenciados por educadores como Kodaly e Dalcroze) em cursos livres de educação musical. As dinâmicas de ensaio ali demonstradas eram, acima de tudo, sólidas dinâmicas de ensino-aprendizagem que tornavam tanto um ensaio coral como uma aula de música experiências mais profundas e ricas. As práticas ali ensinadas demandariam do futuro educador um uso intenso de seu próprio corpo em sala de aula, assim como faz um regente. Talvez mais por essas razões do que por ensinar regência de fato, esses cursos livres eram também chamados de cursos de regência ou ainda regência coral infantil. A denominação “regente de corais infantis” trazia portanto em seu bojo um misto de regente e de educador. Esta apresentação é um relato de experiências vividas por uma regente coral/educadora musical que, assim como muitos colegas, ao trazer esse aprendizado para a sala de aula, enfrentou estereótipos de diversas naturezas. O relato é enriquecido por um vídeo de dois minutos, fotos e uma brevíssima vivência. Esperamos que a discussão contribua para a legitimação das práticas unificadoras de corpo e mente. Às vésperas da formalização do ensino de música nas escolas, chamar o corpo do aluno a também participar do aprendizado ainda não é uma prática comum a todos os regentes corais ou a todos os educadores musicais, porém é a proposta aqui defendida.

TÍTULO 171: Implicações da Proposta Curricular Oficial e o Cotidiano Escolar

AUTOR(A): Marcela Sette da Silva

COAUTOR(A): Adriana Varani; Luzia Vânia da Silva; Edson Prates de Souza; Eduardo Barbosa de Oliveira; Fernando Freitas de Almeida; Sérgio Rodrigo Costa; Aparecido Júnior de Menezes

INSTITUIÇÃO: UFSCAR - Sorocaba

RESUMO: A O presente trabalho é desenvolvido na Escola Estadual Monteiro Lobato, localizada no município de Sorocaba em parceria com a Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, através do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes, junto ao Ministério da Educação. O PIBID tem como princípios incentivar a formação de professores para a educação básica pública; valorizar o magistério; incentivar os estudantes que optam pela carreira docente; além de promover a melhoria da qualidade da educação básica; entre outros. Participam do projeto professores universitários, da escola em questão e graduandos da universidade das áreas de Biologia, Física, Geografia, Matemática, Pedagogia e Química, valorizando a interdisciplinaridade em diferentes grupos de trabalho. O presente grupo inicialmente realizou o estudo da realidade escolar na dimensão da organização pedagógica. Pesquisou-se quais os objetivos da escola, as metas, ações e a proposta curricular. Após esta primeira etapa, sentiu-se a necessidade de dar continuidade ao estudo da Proposta Curricular do Estado de São Paulo e suas implicações no cotidiano escolar, caracterizando assim a segunda etapa do trabalho que consistiu em estudos sobre conceito de currículo em Sacristán, Gernaldi e Freire, leituras da Proposta Curricular oficial e observações de campo. Em ambos os estudos deparou-se com diversas particularidades: grande proximidade entre os diversos agentes (professores, alunos e a administração); contradições entre a proposta curricular oficial e o cotidiano escolar; flexibilidade no trato metodológico; entre outros. O trabalho realizado no programa tem contribuído para a construção do futuro professor pesquisador, que entra em contato com a dinâmica escolar e estabelece relação teoria e prática, e tem proporcionado maior vínculo entre universidade e escola.

TÍTULO 172: A Aula de Teatro ou Teatro de Aula: um olhar alternativo da linguagem teatral na construção das redes de saberes

AUTOR(A): Leonardo Moreira da Silva Siqueira Gomes

INSTITUIÇÃO: UNIRIO

RESUMO: Este trabalho apresenta resultados parciais do Projeto institucional de Iniciação à Docência - PIBID da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO, financiado pela CAPES, tendo como foco a área de formação de professores e práticas curriculares com atuação de 12 licenciandos em pedagogia no Ensino Médio Normal do Colégio Estadual Julia Kubitschek. O objetivo é a elaboração de um projeto que envolve o cotidiano dos alunos e professores, conteúdos trabalhados em sala e o teatro, cujo resultado do mesmo é a montagem de um espetáculo teatral, no qual utilizamos a arte dramática como uma nova linguagem educacional, proporcionando aos alunos/atores/atores e professores a oportunidade de dialogarem com essa linguagem e construir novas formas de pensar conteúdos. O teatro promove a troca de saberes entre os alunos, estimula a imaginação e a criatividade, e contribui para a autonomia dos mesmos na construção daquilo que eles querem apresentar, da maneira que eles acreditam ser especial para eles. Essa proposta promove a elaboração de textos sobre o objeto de estudo, a confecção de figurinos, escolha de trilha sonora, elementos estes que irão compor o espetáculo final, resultado da análise feita do conteúdo trabalhado em sala de aula através de redes de saberes, visando dialogar com outros alunos e professores sobre um determinado assunto por meio da auladeteatro. É por essa linguagem teatral que os alunos/atores/atores têm a oportunidade de firmarem e entrelaçarem os seus conhecimentos, ampliando essas redes de saberes para aqueles que assistem o espetáculo, na qual todos, alunos e professores, estão num contínuo processo de aprendizagem. Nosso referencial epistemológico e metodológico é a área de estudos do cotidiano e a investigação narrativa como prática de pesquisa indiciária (GINZBURG, 1989).

TÍTULO 173: Professora e crianças aprendendo e crescendo juntas

AUTOR(A): Vani Aparecida Alonso Andreoli

INSTITUIÇÃO: Prefeitura Municipal de Campinas

RESUMO: No CEMEI Maria da Glória Martins, instituição de Educação Infantil da Prefeitura Municipal de Campinas, o Projeto Pedagógico deste ano de 2010 tem como eixo central a Música Popular Brasileira, visando uma prática pedagógica com crianças e famílias que se dê de maneira rica, prazerosa e diferente. Recebi a sugestão de trabalhar com o compositor Hélio Ziskind, e o escolhi como músico-referência da minha turma pelo próprio desafio de conhecer sua produção cultural junto com as crianças, uma vez que não sabia de seu trabalho. Pesquisei muito sobre o compositor e suas canções. Descubri muitos fatos interessantes e tantas outras informações aprendi junto com meu grupo, lendo, cantando e dançando suas músicas, dialogando com os conhecimentos trazidos pelas crianças e por suas famílias, estudando e aprendendo a respeito de borboletas, lagartas, casulos, pupas e crisálidas... Foi confeccionado o mascote da turma que representa Hélio Ziskind, o Helinho, e um CD foi produzido com as canções trabalhadas na escola. Helinho e seu CD visitam a casa das crianças e as famílias registram em um caderno próprio como foi a relação entre criança, família e mascote e o que as músicas trouxeram de interessante para eles. Assim buscamos estreitar os laços da relação família-escola e ampliar o repertório musical e cultural de adultos e crianças. Outras tantas linguagens são desenvolvidas com o grupo, relacionando as músicas e os conteúdos que integram suas letras a obras de arte de artistas plásticos brasileiros, construções tridimensionais, pintura, literatura, teatro, expressão corporal, educação alimentar, educação ambiental. Nesse processo educativo recheado de poesia, alegria e produção de conhecimento, professora e crianças vão aprendendo e crescendo cada vez mais.

TÍTULO 175: LITERATURA E PRODUÇÃO TEXTUAL: OS GÊNEROS CORDEL E POESIA EM SALA DE AULA

AUTOR(A): Juliano Guerra Rocha

INSTITUIÇÃO: Secretaria Municipal de Educação - Itumbiara/Goiás

RESUMO: Em aspectos literários, um dos maiores desafios da escola é o trabalho efetivo e eficaz com os gêneros textuais. A linguística textual em todo seu aparato revela uma gama de gêneros, que inseridos em um campo semântico permitem olhares e reflexões diferentes. Instigados por isso, realizamos um projeto pedagógico em uma escola pública do município de Itumbiara – Goiás, escolhendo os gêneros poesia e cordel para trabalhar com alunos do 5º ano do Ensino Fundamental. Portanto, este presente trabalho apresenta, sistematicamente, o aporte teórico para aplicação do intento, bem como as ações metodológicas, que foram de cunho interdisciplinar, pois envolveram diferentes disciplinas ao redor da temática: História do povo e minha: Itumbiara 100 anos – um mosaico cultural. Como base teórica, discorremos as teorias de Travaglia (2004) no que compete ao estudo dos gêneros textuais no processo de educação em língua materna; Góes (1991) em relação ao desdobramento da poesia em sala de aula; Cavalcanti (2002) com seus esboços da arte de contação de histórias. Vale destacar que a ideia principal do projeto foi fazer com que os alunos contassem e recontassem a História da cidade, através de produções escritas nos gêneros estudados. As redações foram copiladas em um livreto, intitulado de: Minha gente, minha História. Nas considerações finais, apontamos nossas visões acerca da experiência, ratificando as teorias discorridas no trabalho. A teoria nossa de cada dia, transformou-se em prática averbada ao caráter social da escola. Descobrimos que as utopias pedagógicas podem ser possíveis. Que sonhar com uma

escola diferente, com uma “pedagogia sem fronteiras” (inter/multi/transdisciplinar), não é um simples convite para transformar o mundo/escola, é uma possibilidade que a cada manhã, ao vermos os olhos sedentos de conhecimento de nossos alunos, se renova.

TÍTULO 176: Criando, contando e encantando

AUTOR(A): Márcia Regina Dionísio

INSTITUIÇÃO: Cemei Maria da Glória Martins - Pref. Municipal de Campinas

RESUMO: Realizo um trabalho na instituição de Educação Infantil em que atuo, na Prefeitura Municipal de Campinas, que busca analisar o valor da literatura infantil no desenvolvimento emocional, cognitivo e na formação da identidade das crianças. O meu interesse maior em contar histórias aos pequeninos surgiu a partir da produção de um artigo que fiz para a faculdade baseado na observação da unidade em que trabalho. Durante as experiências que observei tive a oportunidade de participar de diversas situações de narrativas orais juntamente com uma professora que realizava a contação de histórias utilizando recursos vocais, gestos e o próprio corpo, sem o auxílio do livro. Assim passei a contar histórias para as crianças da minha turma também, planejando cada contação cuidadosamente, apropriando-me do texto escrito pelo autor, confeccionando personagens, cenários e adereços, buscando criar um clima de encantamento, suspense, surpresa e emoção, em que enredo e personagens ganham vida. É trabalhoso, porém, hoje acredito e defendo o resgate das narrativas orais, que além de prazerosas, auxiliam a constituição dos sujeitos e possibilitam a formação do leitor. Todos os dias à tarde, em roda, crianças e adultos se veem envolvidos em um “mundo de faz de conta”. Após cada história contada outras situações são propostas às crianças como o desenho, a música, o teatro e as brincadeiras relacionadas ao conto do dia. Nós educadores devemos voltar nosso olhar para a maneira como a criança se apropria dos contos narrados, representando-os de forma expressiva, valendo-se de emoções como tristeza, alegria, ansiedade, raiva. Arrisco-me a dizer que é fundamental criar, inventar condições e ideias para envolver o pequeno leitor. A arte de contar histórias deve ser valorizada e reconhecida como prática pedagógica planejada e sistematizada, rica em detalhes, recursos e sensibilidade.

TÍTULO 177: HISTÓRIAS QUE INCLUEM PEQUENINOS E SEM PRECONCEITOS

AUTOR(A): Susy Mary Vieira Ferraz

INSTITUIÇÃO: PMC - EMEI

RESUMO: Esse trabalho pretende colaborar para que desde pequeninos, na Educação Infantil, exista um olhar direcionado para a formação de pessoas sem preconceitos, considerando que o desconhecimento é o grande responsável pelas atitudes discriminatórias. Através da contação de histórias de forma lúdica e prazerosa, os temas diferenças e diversidades, são abordados, para trazer informações sobre os diversos tipos de deficiências, suas características, causas e conseqüências, desenvolvimento e outros, além de incluir nos contextos trabalhados o aspecto de “Prevenção das Deficiências”, com a missão de campanha de esclarecimento não só aos educandos, mas também a toda a comunidade escolar (pais e profissionais). Tendo como referência a teoria de Vygotsky, acredita-se que a aprendizagem acontece principalmente através da relação com o outro, quando se proporciona momentos

de ações contextualizadas e significativas para a construção de conhecimento, trazendo a produção coletiva, a vivência e cooperação e buscando alterar o modo de perceber, sentir, viver, conviver, conhecer e pensar sobre o outro, sobre nós mesmos e as diferenças existentes. Vygotsky (1989) destaca que, o deficiente não deve ser visto como alguém que se adapta ao meio com menos recursos do que o não deficiente, mas com uma organização psicológica diferente e que necessita de certos recursos especiais, pois as leis de desenvolvimento são comuns a todos ficando as diferenças por conta dos meios e do tempo de aprendizagem. O projeto é realizado nas EMEIS “Pref. Rafael A. Duarte” e “Pref. Lafayette Á. de S. Camargo”. PASSOS: 1. As histórias contadas são dos 10 livros da Coleção “Ciranda da Diferença” e outros escolhidos sobre o tema. 2. Contação de histórias, filme que vem junto com os livros da coleção, contatos com pessoas com deficiências, conversas. 3. Desenho sobre cada história, com o intuito de montar um livro para cada aluno ao final do trabalho.

TÍTULO 178: SALA DA DIVERSIDADE: UMA EXPERIÊNCIA INTERDISCIPLINAR DE DISCUSSÕES E REFLEXÕES

AUTOR(A): Patrícia Aparecida Messias

COAUTOR(S): Macedo, M.; Oliveira, C. R.; Maradini, A. C.; Peixoto, B. C. P. M.; Freitas, M. E. M.; Gomes, H.B.; Ribeiro, P.M.;Mendonça, V. M.; Nascimento, F.

INSTITUIÇÃO: UFSCar - Campus Sorocaba

RESUMO: Em 2009, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) iniciou suas atividades na E. E. Monteiro Lobato realizando um estudo da realidade com o objetivo de conhecer e aprofundar-se no cotidiano da comunidade escolar, juntamente com inserção gradual da universidade neste ambiente. O estudo utilizou-se de levantamentos quantitativos e qualitativos, observações do cotidiano, comunidade escolar e análise de documentos para sua efetivação. Dentre os resultados uma demanda sobressaiu às demais, sendo esta o Preconceito, tema que o grupo PIBID optou por trabalhar no primeiro semestre de 2010. Iniciou-se o planejamento coletivo, almejando um trabalho espontâneo com participação ativa dos estudantes, além de que as atividades propostas ocorressem conectadas ao Projeto da Copa, que a escola já realizaria. Assim, surgiu a Sala da Diversidade, com o intuito de discutir a valorização e o respeito a todo tipo de diferença. Esta seria constituída de atividades realizadas durante grupos de discussões efetuados na escola sendo estes extra-classe englobando alunos de todas as séries e turnos. As dinâmicas realizadas foram: Multiolhares, discussão sobre o que é ser diferente; Do Estranho, trabalho do preconceito através dos estereótipos da sociedade; Construindo o Brasil, construção do mapa do Brasil discutindo as diversidades regionais e Viagem pelos Países, retratando a diversidade mundial em uma camisa da seleção Brasileira de Futebol. O resultado de todas essas dinâmicas construíram a Sala da Diversidade, espaço onde os estudantes analisaram o preconceito encontrado na sociedade, refletindo sobre a diversidade existente entre eles, na sociedade, no Brasil e no Mundo, evidenciando, assim, a importância da superação do preconceito e valorização das diferenças. Conclui-se que tratar a diversidade pode ampliar o conhecimento e a interdisciplinaridade na escola, proporcionando um ambiente escolar participativo e criativo, bem como contribuiu para a reflexão e formação dos futuros docentes bolsistas do projeto.

TÍTULO 179: Rua e escola: o Hip Hop como movimento porta voz dos sem vez

AUTOR(A): Cristina Maria Campos

COAUTOR(ES): Corinta. M.G Geraldi

INSTITUIÇÃO: Prefeitura Municipal de Campinas

RESUMO: O tema da presente pesquisa é a influência da cultura de rua no cotidiano escolar, estudada através de fragmentos narrativos de uma professora de escola pública que focalizam as fronteiras/limites da rua e da escola na ótica da juventude de periferia da cidade de Campinas, tomando como eixo para sua visada o movimento Hip Hop e a cultura produzida no entorno da escola: sua arte e valores, buscando partilhar experiência de resignificação e inclusão no espaço escolar para a juventude que não se sente reconhecida nesse espaço. Utilizando a investigação narrativa, seu processo de escritura resgata a história de formação da própria professora-pesquisadora, inúmeros fragmentos da história do movimento Hip Hop em Campinas e a literatura produzida no nível local, buscando algumas inserções destas no movimento internacional. O foco da investigação é o registro dos grupos existentes, das letras de raps que circulam e fazem a cabeça' de parte da juventude de periferia de Campinas. Utilizam-se como instrumentos de pesquisa entrevistas informais, gravações das músicas, registros de letras e encontros informais com rappers. Com esse processo de 'resgate/engate", expõe outros lados e versões, via de regra silenciados na cultura oficial e nos registros homogêneos da escola institucionalizada, e questiona a escola e suas formas de atuação e as políticas oficiais, propondo possíveis canais de diálogos entre os universos da rua e da escola, diálogos sempre inconclusos, sem soluções mágicas numa sociedade de exclusões. A presente dissertação foi desenvolvida na área Ensino, Avaliação e Formação de Professores, junto ao GEPEC (Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Continuada), da Faculdade de Educação da UNICAMP.

TÍTULO 180: PROJETO PEDAGÓGICO OBA!!! LEITURA

AUTOR(A): Edna de Jesus Teles

COAUTOR(ES): Ana Lucia Feitosa

INSTITUIÇÃO: EM PROF IRINEU LEITER - Sorocaba

RESUMO: Diante da dificuldade que encontramos em despertar o interesse do aluno pela leitura, pensamos que é preciso reinventar o ensino da mesma. É necessário que as crianças se aproximem da leitura, sejam seduzidas, que encontrem significado e prazer em conhecer outros “mundos possíveis” nos textos lidos, se apropriando da função social dos gêneros textuais. Para isso é necessário criar condições que favoreçam a formação de leitores e ouvintes autônomos e críticos. Pensando desta forma, desenvolvemos o projeto Oba!!! Leitura... tendo como objetivos principais: oportunizar momentos prazerosos de leitura e favorecer a leitura com autonomia de diferentes tipos de textos, utilizando várias linguagens. Pretendemos com isso: desenvolver a oralidade sob todos os aspectos (expressão oral, facial e corporal); oferecer oportunidades de construção de estratégias de autocontrole da leitura; desenvolver no ouvinte a escuta atenta e curiosa e promover o gosto pela pesquisa dos textos que serão lidos. A dinâmica do projeto consiste em: • Os alunos são convidados a participar do processo ofertando a leitura para outras salas diariamente; • Cada gênero é identificado por uma cor de capa, que o leitor usa no momento da leitura; • As crianças recebem os alunos leitores com o grito: “Oba!!! Leitura”, que funciona como um código de aceitação da turma; • O leitor inicia a leitura dos diferentes gêneros (contos, lendas, poesias, receitas, etc...); • A leitura é feita respeitando todos os recursos adequados para o entendimento do texto lido (a ênfase, a pontuação e a entonação), promovendo total interação do leitor com o ouvinte.

TÍTULO 181: Portfólios: reflexões e aprendizagens...

AUTOR(A): Ítala Nair Tomei Rizzo

COAUTOR(ES): Vanessa França Simas

INSTITUIÇÃO: FE/Unicamp

RESUMO: Esta apresentação pretende narrar um trabalho cuja finalidade foi verificar se as construções de portfólios por crianças do primeiro ano do ensino fundamental, de uma escola pública do interior de São Paulo, potencializam sua aprendizagem. Tal pesquisa nos revelou que ao construir um portfólio o educando sente-se autor do seu conhecimento, percebendo a função de cada atividade desenvolvida e, sobretudo realiza uma autoavaliação. Além da reflexão discente suscitada na construção dos portfólios, pudemos, ainda, notar uma reflexão docente e, é neste contributo que iremos nos ater. Tal instrumento explicita as práticas do professor, na medida em que este pode verificar quais atividades são significativas e porque as são para os seus alunos; promovendo uma reflexão docente, isto é, uma reflexão do ensino e até mesmo uma avaliação da aprendizagem, estabelecendo uma relação de confiança entre o professor e os estudantes. A criança ao envolver-se na construção do portfólio auxilia o docente a compreender de que forma se desenvolve a sua aprendizagem, e posteriormente a análise dos portfólios orienta a atenção que o professor deve ter com cada um de seus alunos. Diante disso, concluímos que o portfólio vem a promover no professor a reflexividade sobre suas ações, ao mesmo tempo em que, este analisa suas práticas e a influência destas sobre a aprendizagem de seus educandos.

TÍTULO 182: CONHECER PARA RESPEITAR AS DIFERENÇAS DE CADA UM

AUTOR(A): Daniela Fernanda Flores

INSTITUIÇÃO: Pref. Municipal de Campinas

RESUMO: No início da década de 1980, se intensificou o debate sobre as condições políticas, econômicas, educacionais e sociais das pessoas com deficiência a fim de terem uma melhor qualidade de vida. Inúmeras tentativas para melhorar o processo de aprendizagem do aluno com necessidades especiais já foram realizadas. Uma delas pode ser constatada na escola pública da rede de ensino de Campinas (SP, região Sudoeste). Na busca de alternativas para a prática pedagógica a professora de educação especial estabeleceu uma parceria entre escola- família- serviços de apoio para auxiliar os alunos com necessidades educacionais especiais do II Ciclo no processo educacional e os professores sob as devidas orientações dos profissionais da área da saúde. Os respectivos alunos que estudam nas salas de aulas regulares fazem atendimento nas Entidades de Educação Especial no contra-turno. Um maior envolvimento entre os alunos das diferentes salas de aula ocorreu a partir de um debate sobre as diferenças e potencialidades de cada um com a leitura do livro “Um mundinho para todos”. E, o contato com as Entidades proporcionou a realização de uma visita pedagógica com as salas de aula com o objetivo de fazer com que as crianças vivenciassem a experiência de estar em contato próximo com outras pessoas com necessidades especiais, e se conscientizar para uma visão de mundo mais ampla. Houve um progresso na interação entre eles e maior disponibilidade em colaborar com o colega. Professoras fizeram feedback, sistematizaram trabalhos e alunos viram fotos em data-show e uma Mostra de fotos no mural da escola.

TÍTULO 183: Ensinar e Aprender: Os Desafios de uma Pedagogia Transformadora

AUTOR(A): Larissa Corilo de Souza

INSTITUIÇÃO: Prefeitura Municipal de Campinas

RESUMO: Este artigo foi apresentado como trabalho de conclusão do curso de Normal Superior, nas Faculdades Veris, em 2009. Tem como objetivo explicitar a necessidade de uma pedagogia transformadora, baseada no constante movimento da sociedade atual. Decorre das reflexões tecidas no interior de uma escola particular de Educação Infantil e Ensino Fundamental de Campinas, por uma educadora que acompanhou o trabalho com crianças de 7 a 9 anos. Reafirma a importância de um trabalho pedagógico que transcenda as metodologias tradicionais, utilizando a Pedagogia dos Projetos como princípio transformador das práticas de ensino-aprendizagem. Através de pesquisa bibliográfica e de campo, aponta a produção do conhecimento baseada na interação entre aluno/alunos professor/alunos, professor/professor. Discute algumas possibilidades para a práxis dessa pedagogia, como forma de transformação, sem se basear em modelos previamente decididos e sim se adequando às necessidades dos projetos pedagógicos escolares. Propõe a elaboração de Projetos Interdisciplinares; o incentivo ao trabalho coletivo de alunos e professores; a importância da pesquisa na constituição de sujeitos pesquisadores (alunos e professores); a interação professor-aluno, relacionando as diversas áreas do conhecimento com o interesse individual e coletivo dos alunos na escolhas temáticas ou problematizações. Aponta para a necessidade da construção de outro olhar docente para sua prática, deixando o lugar de detentor de conhecimentos a um provocador de idéias, de busca de novos saberes e de novos jeitos de conhecer. Compara também as limitações da escola tradicional à escola que aprisiona os alunos em potes fechados, apresentada por Ruth Rocha (1986) na crônica “Quando A Escola É De Vidro”. Alves (2001, 2004), Freire (1996) e Hernandez (1998), oferecem ao trabalho o diálogo necessário. Assim, para uma Pedagogia Transformadora, é fundamental a relação professor-aluno e a construção de uma prática metodológica crítica, reflexiva, consciente e desafiadora, e principalmente na expressão de uma atitude revolucionária.

TÍTULO 184: Ação integrada entre Supervisão e Coordenação da escola pública: um caminho para construção da escola democrática

AUTOR(A): Sueli Aparecida Gonçalves Baldan

INSTITUIÇÃO: FACULDADE DE EDUCAÇÃO - UNICAMP

RESUMO: A separação entre o pensar e o agir é uma característica da organização da escola capitalista, centralizadora das definições de metas, recursos e avaliação, restando às unidades de ensino um espaço muito limitado para realização de projetos elaborados pela própria equipe escolar. O profissional que trabalha na unidade escolar é visto pelos órgãos centrais da educação, apenas como executor e não produtor da educação. Entretanto a escola não é só reprodução das relações de poder. Buscando romper com a lógica de organização escolar alienante, elaboramos o projeto de pesquisa “Ação Integrada da supervisão educacional e coordenação pedagógica com a equipe de gestão da unidade educacional” objetivando construir novas formas de conceber a prática política-pedagógica da organização escolar, transformando as relações de trabalho no âmbito interno da escola, bem como entre a unidade escolar e os órgãos centrais da educação. Essa pesquisa foi realizada em uma escola municipal de ensino fundamental de Campinas, São Paulo, no período de fevereiro de 2005 a maio de 2009, dentro do programa Ensino Público da FAPESP. Tratando-se da incorporação da prática permanente da reflexão sobre a ação, a metodologia da pesquisa-ação mostrou-se a mais indicada, possibilitando a construção de saberes e estratégias de ação, com a participação ativa de todos os implicados na pesquisa, promovendo mudanças na realidade escolar. Dois

resultados se evidenciaram: a integração entre a supervisão e a coordenação promoveu o planejamento participativo escolar e por sua vez, a escola passou de uma relação burocrática para uma relação dialógica e formativa com os profissionais dos órgãos centrais. Quando as decisões são tomadas coletivamente, com a participação de todos os interessados, qualificamos o processo de gestão, agora ‘carregada’ de democracia, ou seja, de vontade coletiva.

TÍTULO 185: Violência e Indisciplina na Escola Estadual Francisco Camargo César

AUTOR(A): Julio Cesar Francisco

COAUTOR(ES): Lucas Soares Cobello; Antonio Fernando Gouvêa da Silva; Acacia França; Laercio José dos Santos; Marcos Garcia; Otavio M. dos Santos; Niviane Damaceno

INSTITUIÇÃO: UFSCar - Universidade Federal de São Carlos - Sorocaba

RESUMO: O presente trabalho foi realizado como parte do programa da Capes, denominado Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID) no âmbito da UFSCar. Este projeto visa a parceria entre universidade e escola na iniciação a docência dos licenciados da UFSCar e na formação continuada dos profissionais que atuam na escola. Este trabalho tem como objetivo a divulgação e apresentação das primeiras leituras dos dados coletados sobre o estudo da realidade escolar, especialmente no que se refere a temática sobre Violência e Indisciplina na Escola Estadual Francisco Camargo César da cidade de Sorocaba – SP. Ele é resultado dos estudos encaminhados coletivamente por licenciando, professores universitários e da educação básica e coordenação da escola. É importante ressaltar que sempre existe a possibilidade de intervenção efetiva dos participantes da observação na realidade concreta. Para tanto, precisamos de dois níveis de informações sobre a realidade: dados quantitativos que nos permitem balizar o contexto escolar em relação ao índice de aproveitamento e desenvolvimento escolar, de indisciplina e de violência e, num segundo nível, dados qualitativos que fornecem as concepções, valores, expectativas, sentimentos de todos os sujeitos/atores socioculturais envolvidos na comunidade escolar. O estudo da temática está em andamento através do diálogo com os processos históricos, com as condições sociais, econômicas e com a análise filosófica dos fatos. Consideramos que esta pesquisa possa oferecer uma contribuição em âmbito científico social, no desvelamento dos mecanismos que nos amarram a estrutura social vigente enquanto sujeitos de uma realidade que condiciona o modo de agir e pensar dos indivíduos de forma a ocasionar tantas violências, principalmente para com aquele que se encontra, não por acaso, numa situação de opressão no modo de vida capitalista vigente. Este trabalho está contribuindo sobremaneira para a formação dos futuros profissionais da educação e da formação continuada de quem atua na escola.

TÍTULO 186: Outro modo de ensinar e aprender ciências - ciências por investigação

AUTOR(A): Midori Hijioka Camelo

INSTITUIÇÃO: Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

RESUMO: Através deste Diálogo, apresentamos outra forma de ensinar e aprender Ciências, baseado no Programa ABC na Educação Científica – “Mão na Massa”. Trazemos para reflexão as possibilidades e dificuldades do ensino de ciências por investigação para a melhoria do Ensino de Ciências. O Programa ABC na Educação Científica – “Mão na Massa” (ABCEC-MnM)

trata de forma diferenciada o Ensino de Ciências no Ciclo I, por meio de uma metodologia investigativa/indagadora. O Programa tem como objetivo incentivar o Ensino de Ciências nas séries iniciais do Ensino Fundamental, propiciando o desenvolvimento da linguagem oral e escrita e investindo na formação de formadores. A partir da preocupação do prêmio Nobel de Física, Leon Lederman, em criar um projeto de “Alfabetização Científica - Hands-On”, em escolas públicas de Chicago nos anos 90 e da adesão, em 1994, de outro prêmio Nobel de Física, Georges Charpak (França), surge o projeto “La main à la pâte”. Seu êxito leva, em junho de 2000, a integrar o Plano Nacional de Renovação do Ensino de Ciências e Tecnologia do Ministério da Educação Nacional da França. No Brasil, os contatos entre o Prof. Dr. Norberto Cardoso Ferreira (IFUSP) e a equipe francesa fez surgir um acordo de cooperação entre as Academias de Ciências Brasileiras e Francesas, para um projeto de Iniciação Científica em escolas públicas brasileiras. Nasce o programa ABC na Educação Científica – Mão na Massa sob coordenação do Prof. Dr. Ernst Wolfgang Hamburger. O nome escolhido para o programa tem, propositalmente, um duplo sentido, referindo-se tanto ao apoio da Academia Brasileira de Ciências à iniciativa, quanto ao vínculo entre alfabetização e educação científica. Em julho de 2001 iniciou-se a aplicação do projeto em escolas públicas das Redes Municipal e Estadual da cidade de São Paulo, em escala piloto.

TÍTULO 187: Jogos (Trans)formando Saberes

AUTOR(A): Dulce Mirian Zorzenon Rodrigues

INSTITUIÇÃO: Faculdade de Educação da UNICAMP

RESUMO: Segundo as pesquisas, especialmente de Jean Piaget, o conhecimento é construído mediante a ação do sujeito sobre o objeto juntamente com as estruturas cognitivas. Nos estudos de Piaget, apud/João B. Freire (1994) sobre o desenvolvimento da inteligência e a gênese do conhecimento, verificou-se que os jogos podem ser de três tipos: de exercício, de símbolo e de regras. Num contexto de educação escolar o jogo proposto como forma de ensinar conteúdos às crianças aproxima-se do trabalho com regras, pois se trata de um jogo transformado em instrumento pedagógico em meio ao ensino. A teoria construtivista provou, por intermédio de anos de pesquisa, que o conhecimento é algo que não pode ser transmitido pelo educador, mas sim, construído pelo sujeito mediante a interação criança-objeto, criança-criança e criança-educador. O brinquedo possibilita o desenvolvimento integral da criança, já que ela se envolve afetivamente e opera mentalmente. O brinquedo facilita a apreensão da realidade, é um meio da criança explorar o mundo, construindo conceitos, selecionando idéias, estabelecendo relações lógicas...”. Na EMEF "Orlando Carpino", após avaliação diagnóstica, constatou-se um grande número de crianças dos ciclos I e II com dificuldades de aprendizagem. Cientes desta problemática escolar e dos estudos sobre a importância dos jogos (do lúdico) na construção do conhecimento, desenvolveu-se o projeto “JOGOS: (TRANS)FORMANDO SABERES”. Este projeto está integrado ao projeto político pedagógico da nossa escola, “(trans)formando, integrando e ressignificando a prática pedagógica”. O Projeto tem por objetivo criar situações de interesse tanto individual quanto coletivo para alcançar uma aprendizagem significativa e atrativa para o aprendiz. Também visa oportunizar aos estudantes momentos para (trans)formar saberes através de jogos, atividades lúdicas, diferenciadas daquelas que normalmente eles têm em sala de aula. Propiciar o apoio pedagógico para os alunos com problemas de aprendizagem e de comportamento. Integrar e socializar os conhecimentos dos alunos visando o respeito e a solidariedade. Confeccionar jogos, para os alunos e com os alunos, que estimulem a aprendizagem dos conteúdos curriculares e dos valores éticos e morais. Compreender o sentido nas mensagens orais e escritas. Participar de diferentes situações de comunicação oral e estimular o raciocínio lógico-matemático através de jogos e brincadeiras. A aplicação do Projeto, "Jogos

(trans)formando Saberes", foi tão produtiva, surtiu efeitos tão significativos que houve repercussão favorável na comunidade. Assim, estamos desenvolvendo-o pelo segundo ano consecutivo e recentemente ampliou-se para incluir alunos com dificuldades de aprendizagens do ciclo III.

TÍTULO 188: Tecnologias Aplicadas à Educação

AUTOR(A): Anderson Mendes da Silva

INSTITUIÇÃO: VERIS

RESUMO: As redes sociais, assunto de discussão desse artigo, tem como idéia principal unir pessoas com interesses e objetivos profissionais e afetivos em comum. Neste caso, a internet assume a função da disseminação das informações em tempo real. A internet é utilizada por milhões de internautas do mundo inteiro, sendo que no Brasil já atingiu 24,8 milhões em fevereiro, com aumento de 12,5% em relação ao mesmo mês de 2008, segundo dados do Ibope Nielsen online divulgado em 24/03. Acreditamos que as redes sociais, como, Orkut, blog, facebook, youtube, msn, icq, twitter, gtalk e skipe, podem ser importantes ferramentas no auxílio do professor em sala de aula e em todo o (s) processo (s) de ensino aprendizagem, interação entre aluno, professor e comunidade. Utilizar os softwares de relacionamento como difusor a favor da educação. Acreditamos que, a escola será beneficiada, principalmente com a diminuição da evasão, a depredação da escolar, a violência contra o professor, aluno e funcionário, a aproximação da comunidade do bairro para dentro da escola, aguçar o interesse do aluno pelas aulas e a participação nas atividades escolares. Devido a evasão escolar, talvez pelo o desinteresse por parte dos alunos nas aulas, a utilização das redes sócias na escola, pode fazer com que o aluno permaneça mais tempo nas aulas, conseqüentemente, despertando o interesse pelo conteúdo e, assim aprendendo mais. Para que as redes sociais possam ter efeitos significativos dentro da escola, primeiro precisa que os professores, coordenadores, orientadores e diretores estejam alfabetizados digitalmente. Sendo importante, garantir que todos os profissionais envolvido no projeto, saibam utilizar o computador e seus programas, além do dos próprios software de relacionamento.

TÍTULO 189: Ser professor: batalhas para construir uma nova imagem

AUTOR(A): Camila Pereira

RESUMO: Há muito tempo a profissão docente vem sendo questionada sobre seu papel na sociedade e por conseqüência de tais questionamentos há divergentes opiniões que resultam em uma busca de uma nova identidade para o professor. O filme Escritores da Liberdade, dirigido por Lagravenese aborda a história verídica de uma professora novata que chega a escola de Long Beach, Califórnia cheia de sonhos e planos, porém logo se vê frente aos reais problemas que se aplicam a profissão docente, descrença, descaso dos alunos, violência em sala de aula e preconceito. Toda a idéia utópica que Erin tinha sobre ser professora subitamente desaparece. O ambiente vivenciado pela professora prova tão logo que o conceito do que seria ser professor está obsoleto e precisa urgentemente ser modificado. O resultado desta desvalorização do professor pela sociedade reflete na imagem que este tem de si mesmo. Um questionário aplicado em professores de uma escola pública mostra a realidade que assombra a profissão: o professor não se valoriza e não acredita mais em seu potencial, resultando em uma prática sem significado tanto para o aluno quanto para ele mesmo. Portanto o presente artigo tem por objetivo auxiliar docentes na compreensão de sua

importância, olhando para a personagem principal do filme que reconstruiu sua imagem de professora, pois acreditou em seu potencial, enxergou seus alunos e juntos construíram o modelo de educação almejado por muitos, ambiente respeitoso e significativo.

TÍTULO 190: A Dificuldade de Aprendizado da Criança Down...

AUTOR(A): Giovana Crivellaro Ferraz

RESUMO: Este trabalho de pesquisa traz uma nova visão das crianças portadoras da Síndrome de Down. O tratamento dessas crianças progrediu de maneira notável ao longo das décadas. Seu tempo de vida aumentou com a melhoria dos cuidados médicos e, a educação e os cuidados também melhoraram marcadamente. A falta de informação ainda é um dos fatores que fortalecem o preconceito, mas, tudo parece estar transformando-se de forma positiva. As crianças são estimuladas adequadamente, tornam-se independentes socialmente, podendo frequentar a escola. O desenvolvimento cognitivo do portador da Síndrome de Down será tão mais efetivo quanto menor forem os estereótipos a limitarem as concepções que se tem desse. A participação da família no processo de desenvolvimento global da criança é primordial, principalmente nos primeiros anos de vida. A estimulação dos portadores da Síndrome de Down na fase inicial de suas vidas é extremamente importante para que elas se desenvolvam no aspecto cognitivo, motor e social e também para minimizar as ocorrências de déficits de linguagem na primeira infância, que poderão trazer sérias consequências futuras, já que nesse período o cérebro humano é altamente flexível. Um trabalho terapêutico e uma educação especial é determinante no processo de estimulação inicial. Por isso, profissionais especializados e cuidados especiais devem ser tomados, a fim de facilitar e possibilitar um maior rendimento e desenvolvimento educacional dos portadores da Síndrome de Down. Enfim, a grande importância da estimulação se dá pela grande necessidade das crianças de vivenciar experiências, que permitam o seu desenvolvimento, respeitando suas deficiências e explorando suas habilidades.

TÍTULO 191: Uma Perspectiva Diferente no Ato de Ensinar e Aprender

AUTOR(A): Nadia Preti

RESUMO: Este texto tem a finalidade de trabalhar a Arte de forma interdisciplinar, abrangendo as demais disciplinas, a partir de um ponto comum, as manifestações artísticas. A Arte nos chama a desvendá-la em sua magnitude e em suas mínimas particularidades, tal como estivéssemos abrindo um baú, e de dentro dele surgissem inúmeros conhecimentos, descobertas, dúvidas, perguntas, histórias, memórias e sentimentos. Apresenta-nos como sendo algo belo, expressiva de sentimentos, emoções e também de acontecimentos. Quantas vezes observamos determinadas telas, provenientes de pintores famosos ou não, e perguntamos dentro de nosso âmago, qual seu real significado, o que o artista tentou nos mostrar, ou ainda, qual a finalidade de observarmos algo que não conhecemos e que também nunca, ou então, em raríssimas exceções, nos foi apresentado. Assim como a Arte, as disciplinas de História, Geografia, Português, Matemática, Ciências, dentre outras, são demonstradas para nós todos os anos na escola. Sabemos que precisamos estudá-las, mas desconhecemos o motivo. Elas aparecem soltas e fragmentadas para o aluno, como se fossem um conhecimento pronto e acabado e tampouco fazem qualquer tipo de ligação com as demais disciplinas estudadas. Cabe ao mediador, enquanto profissional da educação, ser conhecedor de múltiplos saberes, propiciando respaldo às dúvidas dos educandos e segurança a estes nas suas dificuldades,

proporcionando assim, uma aprendizagem efetiva, comprometida com a qualidade. No projeto em questão, o aluno passa a ser o co-autor de sua aprendizagem, passa a fazer parte do conteúdo estudado, deixando de ser expectador para tornar-se ator de sua própria história.

TÍTULO 192: Da leitura às leituras: construção de sentidos no espaço social e histórico

AUTOR(A): Eliane A. Pasquotte Vieira

COAUTOR(ES): Flávia Danielle Sordi Silva e Maria Cristina Macedo Alencar

INSTITUIÇÃO: UNICAMP

RESUMO: Apresentaremos parte de uma proposta didática resultante da disciplina ENSINO DE LEITURA EM LÍNGUA MATERNA, ministrada pela Prof^a. Dr^a. Roxane Rojo, que cursamos durante o primeiro semestre de 2010, na pós-graduação do IEL/UNICAMP. A leitura e a produção de significados podem variar à medida que o processo de significação e a produção de significados são trabalhados de forma sobreposta ou contraposta. Hoje lemos e entendemos Shakespeare de uma perspectiva amplificada pelo lugar que ocupamos no tempo e no espaço sociocultural e temos como referência seus outros textos, assim como o contexto de elaboração da obra, a situação de produção e os objetivos do autor. Buscamos, pois, elaborar um protótipo didático a partir da regravação em ritmo techno da música Roda-Viva em 2005, por Chico Buarque e Fernanda Porto, como parte da trilha sonora do filme Cabra-Cega. A escolha dessa música se justifica pelo fato de entendermos que práticas de letramento são situadas. O ritmo techno ou música eletrônica faz parte do dia-a-dia dos jovens e, a partir de um evento reconhecido por eles, buscamos levar os interlocutores/usuários deste material a uma reflexão crítica ao considerarem os elementos que constituem os diversos contextos e as diferentes formas de produção e reprodução da música Roda-Vida, que significa de uma maneira diferente em 1967, quando foi apresentada no Festival da TV Record, de outra, em 1968, quando deu o título a uma peça teatral e de outra ainda em seu videoclipe em 2005. Nosso objetivo é levar os aprendizes a compreenderem como a construção de significados não depende apenas de um processo de decodificação da escrita, mas do contexto de elaboração da obra, da situação e modalidade de produção, dos objetivos do autor, do momento em que é lida e ressignificada segundo este novo momento, seus novos leitores e as situações de leitura.